

PARA GAMYNNE— O BEBÊ COM O PODER

Sumário

Mapa Dedicatória

Novyi Zem Ayama e a Floresta de Espinhos

Ravka

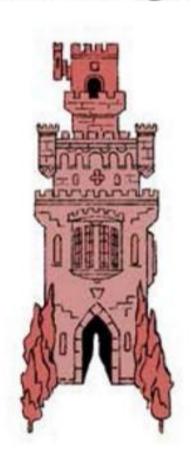
A Raposa Esperta Demais A Bruxa de Duva Pequeno Punhal

> Kerch O Príncipe Soldado

Fjerda Quando a Água Cantou Fogo

> Agradecimentos Sobre a autora Nota da autora

AYAMA E A CFLORESTA DE & SPINHOS



Ayama e a Floresta de Espinhos

NO ANO EM QUE O VERÃO DUROU muito, o calor caiu sobre a pradaria com o peso de um cadáver. A grama alta se transformou em cinzas sob o sol implacável e os animais caíram mortos nos campos ressecados. Naquele ano, apenas as moscas estavam felizes, e problemas surgiram para a rainha do vale ocidental.

Todos nós conhecemos a história de como a rainha se tornou uma rainha, como apesar de suas roupas esfarrapadas e posição humilde, sua beleza chamou a atenção do jovem príncipe e ela foi levada ao palácio, onde foi vestida de ouro e seu cabelo foi trançado com joias e tudo foi feito para se ajoelhar diante de uma garota que não passara de uma serva poucos dias antes.

Isso foi antes de o príncipe se tornar rei, quando ele ainda era selvagem e imprudente e caçava todas as tardes no pônei vermelho que ele mesmo havia feito o trabalho de domar. Agradava-lhe irritar o pai escolhendo uma noiva camponesa em vez de se casar para formar uma aliança política, e sua mãe havia morrido há muito tempo, por isso

ele ficou sem conselho sábio. As pessoas divertiam-se com suas travessuras e encantavam-se com sua adorável esposa, e por um tempo o novo casal ficou contente. Sua esposa deu à luz um príncipe de bochechas redondas, que gorgolejava alegremente em seu berço e se tornava mais amado a cada dia que passava.

Mas então, no ano daquele terrível verão, o velho rei morreu. O imprudente príncipe foi coroado e quando sua rainha ficou pesada com seu segundo filho, as chuvas cessaram. O rio se transformou em uma veia de rocha seca. Os poços se encheram de poeira. A cada dia, a rainha grávida caminhava pelas ameias no topo do palácio, com a barriga inchada, rezando para que seu filho fosse sábio, forte e bonito, mas orando acima de tudo por um vento gentil para refrescar sua pele e dar-lhe algum alívio.

Na noite em que seu segundo filho nasceu, a lua cheia se ergueu, marrom como uma velha crosta no céu. Os coiotes cercaram o palácio, uivando e arranhando as paredes, e arrancaram as entranhas de um guarda que havia sido enviado para expulsá-los. Seus latidos frenéticos

esconderam os gritos da rainha enquanto ela olhava para a criatura que escorregou gritando de seu ventre. Este pequeno príncipe tinha a forma de um menino, mas mais parecido com um lobo, seu corpo coberto de pelo preto liso da cabeça aos pés com garras. Seus olhos estavam vermelhos como sangue e as protuberâncias de dois chifres em botão projetavam-se de sua cabeça.

O rei não estava ansioso para iniciar um precedente de matar príncipes, mas tal criatura não poderia ser criada no palácio. Por isso, ele convocou seus ministros mais eruditos e seus maiores engenheiros para construir um vasto labirinto sob o complexo real. Ele corria quilômetro após quilômetro, até a praça do mercado, dobrando-se continuamente. Demorou anos para o rei completar o labirinto, e metade dos operários encarregados de sua construção se perderam dentro de suas paredes e nunca mais se ouviu falar deles. Mas quando terminou, ele tirou seu filho monstruoso da gaiola do quarto real e o colocou no labirinto para que não incomodasse mais sua mãe e o reino.

No mesmo verão do nascimento da besta, outra criança veio ao mundo. Kima nasceu em uma família muito mais pobre, que mal tinha terra suficiente para se alimentar de suas plantações. Mas quando esta criança respirou pela primeira vez, não foi para chorar, mas para cantar, e quando ela o fez, os céus se abriram e a chuva começou a cair, pondo finalmente fim à longa seca.

O mundo ficou verde naquele dia, e foi dito que onde quer que Kima fosse, você podia sentir o doce aroma de coisas novas em crescimento. Ela era alta e ágil como uma jovem tília e movia-se com uma graça que era quase preocupante – como se, sendo tão leve, pudesse simplesmente voar. Ela tinha uma pele lisa que brilhava marrom como as montanhas naquela doce hora antes do pôr do sol, e ela usava o cabelo solto, em um halo espesso de cachos negros que emolduravam seu rosto como uma flor desabrochando.

Ninguém na cidade poderia contestar que os pais de Kima foram abençoados quando ela nasceu, pois ela certamente deveria se casar com um homem rico – talvez até um príncipe – e trazerlhes boa sorte. Mas então, apenas um ano depois, sua segunda filha veio ao mundo, e os deuses riram. À medida que essa nova criança envelhecia, ficou claro que ela carecia de todos os dons que Kima possuía em tal abundância. Ayama era desajeitada e capaz de largar coisas. Seu corpo era sólido e de pés chatos, baixa e redonda como uma jarra de cerveja. Enquanto a voz de Kima era suave e calmante como a chuva, quando Ayama falava era como o clarão do meio-dia, forte o suficiente para fazer você estremecer e se virar. Envergonhados por sua segunda filha, os pais de Ayama pediram que ela falasse menos. Eles a mantinham em casa, ocupada com as tarefas domésticas, deixando-a apenas fazer a longa caminhada até o rio e voltar para lavar roupas.

Para não incomodar o descanso de Kima, seus pais fizeram uma cama para Ayama nas pedras quentes da lareira da cozinha. Suas tranças ficaram desordenadas e sua pele encharcou com as cinzas. Logo, ela parecia menos marrom do que cinza enquanto se arrastava timidamente de

sombra em sombra, com medo de ofender, e com o tempo, as pessoas esqueceram que havia duas filhas na casa e pensaram em Ayama apenas como uma criada.

Kima sempre tentava falar com a irmã, mas estava sendo preparada para ser a noiva de um homem rico e, assim que encontrasse Ayama na cozinha, seria chamada para ir à escola ou às aulas de dança. Durante os dias, Ayama trabalhava em silêncio e à noite ela se esgueirava até a cabeceira de Kima, segurava a mão da irmã e ouvia a avó contar histórias, embalada pelo rangido da voz ancestral de Ma Zil. Quando as velas queimavam, Ma Zil cutucava Ayama com sua bengala e dizia a ela para voltar para a lareira antes que seus pais acordassem e a descobrissem incomodando sua irmã.

As coisas continuaram assim por um longo tempo. Ayama labutava na cozinha, Kima ficava mais bonita, a rainha erguia seu filho humano no palácio contra o penhasco e colocava lã em seus ouvidos tarde da noite quando os uivos de seu irmão mais novo podiam ser ouvidos lá embaixo. O rei travava uma guerra fracassada no leste. As

pessoas reclamavam quando ele cobrava novos impostos ou levava seus filhos para serem soldados. Eles reclamavam do tempo. Eles esperavam por chuva.

Então, em uma manhã clara e ensolarada, a cidade acordou com o estrondo de um trovão. Nenhuma nuvem podia ser vista no céu, mas o som sacudiu as telhas e fez um velho cair cambaleando em uma vala, onde esperou duas horas antes que seus filhos o puxassem. A essa altura, todos sabiam que nenhuma tempestade havia causado o barulho terrível. A besta havia escapado do labirinto, e foi seu rugido que explodiu nas paredes do vale e fez as montanhas estremecerem.

Agora as pessoas pararam de se preocupar com seus impostos, suas colheitas e a guerra, e em vez disso temeram que fossem arrancadas de suas camas e comidas. Eles trancaram suas portas e afiaram suas facas. Eles mantiveram seus filhos dentro de casa e suas lanternas acesas durante toda a noite.

Mas ninguém pode viver com medo para sempre e, à medida que os dias passavam sem incidentes, as pessoas começaram a se perguntar se talvez a besta lhes tivesse feito a cortesia de encontrar algum outro vale para aterrorizar. Então Bolan Bedi cavalgou para cuidar de seus rebanhos e encontrou seu gado morto e a grama dos campos do oeste encharcada de sangue – e ele não foi o único. A notícia da matança se espalhou, e o pai de Ayama saiu para as pastagens distantes para receber notícias. Ele voltou com histórias horríveis de cabeças arrancadas de bezerros recém-nascidos e ovelhas abertas do pescoço à virilha, com a lã cor de ferrugem. Apenas a besta poderia ter administrado tamanha devastação em uma única noite.

O povo do vale ocidental nunca tinha visto seu rei como um herói, com suas guerras perdidas, sua esposa camponesa e seu gosto por conforto. Mas agora eles se eriçaram de orgulho quando ele assumiu o comando e jurou proteger o vale e lidar com seu filho monstruoso de uma vez por todas. O rei reuniu um vasto grupo de caça para viajar às terras selvagens onde seus ministros suspeitavam que a besta se refugiara, e ordenou que sua própria guarda real servisse de escolta. Eles marcharam

pela estrada principal, cem soldados levantando poeira de suas botas, e seu capitão abriu o caminho, suas manoplas de bronze brilhando. Ayama os observou passar por trás da janela da cozinha e se maravilhou com sua coragem.

Na manhã seguinte, quando os habitantes da cidade foram à praça do mercado para fazer seu comércio, eles tiveram uma visão terrível: uma torre – os ossos de cem homens empilhados como lenha ao lado do poço no centro da praça – e no topo, o bronze das manoplas do capitão do rei brilhando ao sol.

O povo chorou e estremeceu. Alguém deveria encontrar uma maneira de protegê-los e aos seus rebanhos. Se nenhum soldado poderia matar a besta, então o rei deveria encontrar uma maneira de apaziguar seu filho mais novo. O rei ordenou que seu ministro mais inteligente viajasse para as terras selvagens e forjasse uma trégua com o monstro. O ministro concordou, foi fazer uma mala e saiu correndo o mais rápido que pôde do vale, para nunca mais ser visto. O rei não conseguiu encontrar ninguém corajoso o suficiente para viajar para as terras selvagens e

negociar em seu nome. Em desespero, ele ofereceu três baús de ouro e trinta peças de seda a qualquer um ousado o suficiente para servir como seu emissário, e naquela noite houve muita conversa nas casas do vale.

— Devíamos deixar este lugar — disse o pai de Ayama quando a família se reuniu para o jantar. — Vocês viram aqueles ossos? Se o rei não conseguir encontrar uma maneira de aplacar o monstro, sem dúvida ele virá e nos devorará a todos.

A mãe de Ayama concordou.

— Vamos viajar para o leste e fazer um novo lar na costa.

Mas Ma Zil estava sentada perto do fogo em seu banquinho baixo, mascando uma folha de jurda. A velha avó não desejava fazer uma longa viagem.

— Mande Ayama — ela disse, e cuspiu no fogo.

Houve uma longa pausa enquanto as chamas assobiavam e crepitavam. Apesar do calor do fogão onde ela estava torrando milho, Ayama estremeceu.

Quase como se soubesse que cabia a ela protestar, a mãe de Ayama disse:

- Não, não. Ayama é uma garota difícil, mas minha filha mesmo assim. Iremos para o mar.
- Além disso disse seu pai —, olhe para o avental sujo e as tranças bagunçadas. Quem acreditaria que Ayama poderia ser uma mensageira real? A besta vai rir dela direto das terras selvagens.

Ayama não sabia se os monstros podiam rir, mas não havia tempo para pensar nisso, porque Ma Zil cuspiu no fogo novamente.

- Ele é uma besta disse a velha. O que ele sabe de roupas finas ou rostos bonitos? Ayama será a mensageira real do rei. Seremos ricos e Kima será capaz de arranjar um marido melhor para sustentar todos nós.
- Mas e se a besta a devorar? perguntou gentil Kima, com lágrimas em seus lindos olhos. Ayama era grata a sua irmã, pois embora ela quisesse desesperadamente se opor ao plano de sua avó, seus pais haviam passado tanto tempo ensinando-a a segurar a língua que falar não era fácil.

Ma Zil dispensou as palavras de Kima.

— Então nós cantamos para ela uma canção de osso e ainda seremos ricos.

Os pais de Ayama não disseram nada, mas eles não a olharam nos olhos, seus pensamentos e olhares já se voltando para as pilhas de ouro do rei.

Naquela noite, enquanto Ayama jazia inquieta nas pedras duras da lareira, incapaz de dormir por medo, Ma Zil veio até ela e colocou a mão calosa em sua bochecha.

— Não se preocupe — disse ela. — Eu sei que você está com medo, mas depois de ganhar a recompensa do rei, você terá seus próprios servos. Você nunca precisará esfregar o chão ou raspar ensopado de uma panela velha novamente. Você vai usar sedas azuis de verão, comer nectarinas brancas e dormir em uma cama adequada.

As sobrancelhas de Ayama ainda se franziam de preocupação, então sua avó disse:

— Venha agora, Ayama. Você sabe como as histórias são. Coisas interessantes só acontecem com garotas bonitas; você estará em casa ao pôr do sol.

Esse pensamento confortou Ayama e, enquanto Ma Zil cantava uma canção de ninar, ela caiu em sonhos, roncando alto – pois durante o sono ninguém conseguia silenciar sua voz.

• • •

O pai de Ayama enviou uma mensagem ao rei, e embora houvesse muito escárnio ao pensar em tal garota fazendo o esforço, a única condição que o rei havia estabelecido para seu mensageiro era coragem. Então Ayama se tornou a emissária do rei e foi instruída a viajar para as terras selvagens, encontrar a besta e ouvir suas demandas.

O cabelo de Ayama foi oleado e trançado novamente. Ela recebeu um dos vestidos de Kima, que era muito apertado em todos os lugares e precisava ter uma bainha para não arrastar na poeira. Ma Zil amarrou um avental azul-celeste na cintura da neta e colocou um chapéu largo com uma faixa de papoulas vermelhas na cabeça. Ayama colocou o machado que usava para cortar lenha no bolso do avental, junto com um bolo seco de eremita e uma xícara de cobre para beber – se ela tivesse sorte o suficiente para encontrar água.

Os habitantes da cidade gemeram e enxugaram os olhos e disseram aos pais de Ayama como eles eram corajosos; eles ficaram maravilhados com a aparência de Kima, apesar de suas bochechas manchadas de lágrimas. Então eles voltaram aos seus negócios, e lá foi Ayama para as terras selvagens.

Agora é justo dizer que o ânimo de Ayama estava um pouco baixo. Como não poderia estar, quando sua família a mandou para morrer por causa de um pouco de ouro e um bom casamento para sua irmã? Mas ela amava Kima, que deslizava pedaços de favo de mel para Ayama quando seus pais não estavam olhando e que lhe ensinou as últimas danças que ela aprendeu. Ayama desejou que sua irmã tivesse tudo o que ela queria no mundo.

E, na verdade, ela não sentia muito por estar longe de casa. Outra pessoa teria que puxar as roupas até o rio para serem lavadas, esfregar o chão, preparar a refeição da noite, alimentar as galinhas, cuidar do conserto e raspar o ensopado da noite anterior da panela.

Bem, ela pensou, pois aprendera a ficar calada mesmo quando estava sozinha. Pelo menos não tenho que trabalhar hoje e verei algo novo antes de morrer. Embora o sol batesse impiedosamente nas costas de Ayama, esse pensamento por si só a fez andar com um passo mais feliz.

Sua alegria não durou muito. As terras selvagens não eram nada além de grama seca e vegetação árida. Nenhum inseto zumbia. Nenhuma sombra quebrava o brilho implacável. O suor encharcava o tecido do vestido muito apertado de Ayama, e seus pés pareciam tijolos aquecidos em seus sapatos. Ela estremeceu quando viu os ossos branqueados da carcaça de um cavalo, mas depois de mais uma hora, ela começou a esperar ver um crânio branco limpo ou as aduelas de uma caixa torácica abertas como o início de uma cesta. Eles foram pelo menos uma quebra na monotonia e um sinal de que algo havia sobrevivido aqui, mesmo que apenas por um tempo.

Talvez, ela pensou, eu simplesmente caia morta antes de alcançar a besta e eu não tenha nada a temer. Mas, eventualmente, ela viu uma linha preta no horizonte, e conforme ela se aproximava, ela percebeu que havia alcançado uma floresta sombria. As árvores de casca cinza eram altas e tão

densas com arbustos cobertos de espinhos que Ayama não conseguia ver nada além de escuridão entre elas. Ela sabia que era aqui que encontraria o filho do rei.

Ayama hesitou. Ela não gostava de pensar no que poderia esperar por ela na floresta de espinhos. Ela poderia estar a alguns minutos de seu último suspiro. Pelo menos você levará na sombra, ela considerou. E realmente, a floresta é muito pior do que um jardim coberto de espinhos? Provavelmente está muito aborrecida por dentro e não fará nada mais do que me aborrecer até as lágrimas. Ela reuniu a promessa de Ma Zil em torno dela como uma armadura, lembrou-se de que não estava destinada à aventura e encontrou uma lacuna nas vinhas de ferro para passar, sibilando enquanto os espinhos espetavam seus braços e cortavam suas mãos.

Com passos trêmulos, Ayama passou pelo matagal e entrou na floresta. Ela se viu na escuridão. Seu coração batia forte e ela queria dar meia-volta e correr, mas passara grande parte de sua vida nas sombras e as conhecia bem. Ela se forçou a ficar quieta enquanto o suor esfriava em

sua pele. Em poucos minutos, ela descobriu que a floresta estava escura apenas em comparação com o brilho das terras selvagens que ela havia deixado para trás.

Enquanto seus olhos se ajustavam, Ayama se perguntou se talvez o calor tivesse confundido sua mente. A floresta estava iluminada por estrelas – embora ela soubesse muito bem que estava no meio do dia. Os galhos altos das árvores formavam formas negras contra o azul vívido do céu crepuscular, e para todos os lugares que Ayama olhava, ela via flores brancas de marmelo agrupadas nas amoreiras onde havia apenas espinhos alguns momentos antes. Ela ouviu o doce canto dos pássaros noturnos e a música esganiçada dos grilos – e em algum lugar, embora dissesse a si mesma que era impossível, o borbulhar da água. A luz das estrelas refletia em cada folha e pedra, de modo que o mundo ao seu redor parecia brilhar como prata. Ela sabia que devia ser cautelosa, mas não resistiu a tirar os sapatos para sentir o chão frio e musgoso sob seus pés doloridos.

Ela se forçou a deixar a segurança do matagal em suas costas e andar. Com o tempo, ela chegou às margens de um riacho, sua superfície tão brilhante com a luz das estrelas que era como se alguém tivesse descascado a casca da lua como um pedaço de fruta e colocado uma fita brilhante no chão da floresta. Ayama seguiu seu caminho sinuoso cada vez mais fundo na floresta até que finalmente chegou a uma clareira tranquila. Ali as árvores faiscavam com vagalumes e o céu tinha a cor púrpura nublada de uma ameixa madura. Ela havia alcançado o coração da floresta.

O riacho alimentava uma grande piscina cercada por samambaias e pedras lisas, e quando Ayama viu a água doce e límpida, ela não pôde deixar de se ajoelhar ao lado dela. As papoulas em seu chapéu há muito murcharam e sua garganta estava seca como uma casca velha. Ela tirou o copinho de cobre do avental e o mergulhou na água, mas, ao levantá-lo para beber, ouviu um rugido estrondoso e sentiu o copo ser arrancado de sua mão. Ele viajou pela clareira e Ayama quase caiu no riacho.

— Garota estúpida! — disse uma voz que retumbou como uma avalanche da montanha. — Você deseja se tornar um monstro?

Ayama se encolheu na grama, as mãos pressionadas contra a boca para parar o grito que queria escapar. Ela podia sentir mais do que ver a forma maciça do monstro rondando para frente e para trás no escuro.

— Responda-me — ele exigiu.

Ayama balançou a cabeça e de alguma forma encontrou sua voz, embora soasse frágil como giz para seus ouvidos.

— Eu só estava com sede — disse ela.

Ela ouviu um rosnado agudo e sentiu o chão tremer enquanto a besta espreitava em sua direção. Ele se ergueu sobre as patas traseiras, pairando sobre ela, bloqueando as estrelas. Ele tinha o corpo de um lobo negro e ainda o porte de um homem. Ele usava um laço de ouro e rubis em volta do pelo espesso de sua gola, e os chifres retorcidos que se erguiam de sua cabeça eram marcados com cristas que brilhavam como se estivessem iluminadas por um fogo secreto. Mas o mais assustador de tudo eram seus olhos

vermelhos brilhantes e o impulso faminto de seu focinho, repleto de dentes afiados.

Os pensamentos de Ayama se encheram com as fofocas que cercaram seu nascimento. Com que besta a rainha se deitou para criar tal monstro? O que o rei fez para merecer tal maldição? A besta elevou-se sobre ela como um urso prestes a atacar.

Uma arma!, ela pensou, e puxou o machado de seu avental.

Mas a besta apenas sorriu – não havia outra palavra para isso, seus lábios puxando para trás para revelar gengivas pretas e as pontas terríveis de seus longos dentes.

— Me bata — ele a desafiou. — Me divida em dois.

Antes que Ayama pudesse sequer pensar em obedecer, ele arrancou o machado das mãos dela com uma pata de garras grossas e passou a lâmina pelo peito. Não deixou nenhuma marca.

— Nenhuma lâmina pode perfurar minha pele. Você acha que meu pai não tentou?

O monstro abaixou sua enorme cabeça e cheirou profundamente no pescoço de Ayama, então bufou.

— Ele manda uma camponesa coberta de cinzas e fedendo a fogo de cozinha. Você não está nem apta para comer. Talvez eu a esfole e a ofereça às outras criaturas da floresta de espinhos para incitá-las com a ofensa.

Ayama havia se acostumado a ser insultada, tanto que ela quase não percebia mais. Mas ela estava miseravelmente cansada e terrivelmente dolorida, e tão assustada que até os ossos de seu corpo estavam tremendo. Talvez tenha sido por isso que ela se levantou, abriu a boca e, com a voz penetrante que irritava seus pais amargamente, disse:

— Chega de besta aterrorizante. Seus dentes fracos requerem mulheres de membros macios.

Ayama queria pegar as palavras de volta, mas a besta apenas riu, e tal som humano vindo de seu corpo monstruoso arrepiou os pelos dos braços de Ayama.

- Você é tão espinhosa quanto a floresta disse ele. — Diga-me, por que o rei ordena que um toco de uma serviçal me perturbe?
 - O rei me escolheu para...

Em um suspiro, a alegria da besta desapareceu. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, o som sacudindo as folhas das árvores e enviando pétalas brancas e rosa esvoaçando dos galhos. Ayama cambaleou para trás e cobriu a cabeça com os braços, como se pudesse se esconder dentro deles. Mas a besta se inclinou tão perto que ela podia sentir o estranho cheiro animal de sua pele e sentir o sopro quente de seu hálito quando ele falou.

— Só existe uma regra na minha floresta — ele rosnou. — Fale a verdade.

Ayama pensou em tentar explicar sua família e a oferta dos baús de ouro e seda, mas a verdade era muito mais simples do que tudo isso.

- Ninguém mais viria.
- Não os bravos soldados do rei?

Ela balançou a cabeça.

- Não o príncipe humano perfeito? ele perguntou.
 - Não.

A risada da besta ecoou novamente, e foi como se Ayama pudesse ouvir o ranger de ossos em seus ecos. Mas agora que ela se lembrava de sua voz, Ayama descobriu que estava ansiosa para usá-la novamente. Ela não tinha sofrido quilômetros de sede, tédio e bolhas nos pés para ser ridicularizada. Então ela empurrou seu medo de lado, reuniu sua coragem, plantou seus pés chatos e disse, estridente e clara como uma trombeta:

— Fui enviada para pedir a você que pare de massacrar nossos rebanhos.

A besta parou de rir.

- Por que eu deveria?
- Porque nós estamos com fome!
- O que eu ligo para a sua fome? ele rosnou, andando pela clareira. — Vocês cuidaram da minha barriga doendo quando eu era criança e fui deixado sozinho no labirinto? Vocês usaram aquela voz alta para pedir misericórdia ao rei então, pequena mensageira?

Ayama torceu os cordões de seu avental. Ela era apenas uma criança na época, mas era verdade que nunca tinha ouvido seus pais ou um único residente do vale dizer uma palavra simpática para a fera.

— Não — disse o monstro, respondendo sua própria pergunta. — Não fizeram. Deixe o bom rei alimentá-la com seus rebanhos reais, se ele se preocupa tanto com seu povo.

Era possível que o rei fizesse exatamente isso, mas não cabia a Ayama dizer isso.

- Fui enviada para negociar com você.
- O rei não tem nada que eu queira.
- Então talvez você possa mostrar misericórdia livremente.
 - Meu pai nunca me ensinou misericórdia.
 - E você não consegue aprender?

A besta parou de rondar e se voltou muito lentamente para Ayama, que fez o possível para não tremer, mesmo quando seus olhos sangrentos se fixaram nela. Seu sorriso era malicioso.

— Eu tenho uma pechincha para você, pequena mensageira, não o rei. Conte-me uma história que pode me fazer sentir mais do que raiva, e se você conseguir, posso deixá-la viver.

Ayama não sabia o que fazer com tal oferta. Poderia ser um truque ou simplesmente uma tarefa impossível. A fera poderia estar se sentindo generosa ou simplesmente satisfeita após sua

última refeição e precisando de algum entretenimento ocioso. Então, novamente, Ayama havia passado grande parte de sua vida sem falar nem ser contatada. Ela supôs que era possível que a besta simplesmente desejasse uma conversa.

Ela pigarreou.

— E você vai parar de incomodar nossos rebanhos?

A besta bufou.

— Se você não me aborrecer. Mas você já está me entediando.

Ayama respirou fundo para se acalmar. Era muito difícil pensar com tal criatura pairando sobre ela.

— Você se sentaria? — disse ela, apontando para o chão.

A besta rosnou, mas obedeceu, acomodando-se perto da água com um grande baque que fez os pássaros se espalharem das árvores escuras.

Ayama sentou-se no chão a uma boa distância e ajeitou o avental ao redor dela, colocando os sapatos de volta em seus pés. Ela fechou os olhos

para bloquear a visão da besta enrolada ao lado do riacho, já lambendo as costelas.

- Você está protelando disse ele.
- Estou apenas tentando ter certeza de que estou contando a história da maneira certa.

Ele deu uma risada baixa e feia.

— Fale a verdade, mensageira.

Ayama estremeceu, pois não tinha certeza de quais histórias de Ma Zil eram verdadeiras e quais eram falsas. Além disso, a perspectiva de morrer tornava difícil pensar em qualquer coisa. Mas só porque ninguém se preocupou em ouvir Ayama não significa que ela não tinha nada a dizer. Na verdade, ela tinha bastante. E se era verdade que a fera ficava feliz quando alguém falava com ela, então talvez também fosse verdade que Ayama ficava feliz em ser ouvida.

O PRIMEIRO CONTO

— Era uma vez um menino que comia e comia, mas não conseguia se saciar. Ele consumiu bandos de gansos sem parar para livrá-los de suas penas. Ele bebeu lagos inteiros, consumiu todos os peixes dentro deles e arrotou as pedras. Ele encheu a boca

com uma dúzia de ovos com uma única mordida, depois assou mil cabeças de gado em mil espetos e os comeu um após o outro, parando apenas para um cochilo. Mesmo assim, ele acordou com um ronco faminto nas entranhas. Ele devorou campos inteiros de milho e grãos, mas estava tão faminto quando chegou à última fileira quanto quando começou a primeira.

"Essa fome o deixava infeliz, pois estava sempre com ele, um buraco terrível, e às vezes parecia tão grande e largo que ele podia jurar que sentiu o vento soprar através dele. Sua família se desesperou, pois não tinham dinheiro para alimentá-lo, e o menino estava desesperado por uma cura, mas nenhum médico ou curandeiro zowa poderia ajudar. Sua história foi contada como as histórias sempre são, e por fim uma jovem garota em uma cidade distante a ouviu. Imediatamente ela foi até seu pai, que era doutor em muitas artes e o homem mais sábio que ela conhecia. Ele viajou por todo o mundo e reuniu segredos em todos os lugares que foi. Ela sabia que ele seria capaz de encontrar uma cura, então eles fizeram as malas e partiram para a aldeia do

menino. Quando viram campos de pés de milho comidos até as raízes e rios esvaziados de seus peixes, eles sabiam que deviam estar se aproximando.

"Por fim, eles chegaram à aldeia e disseram à família do menino que tinham vindo para oferecer ajuda. O menino não estava esperançoso, mas deixou o médico olhar em seus olhos e ouvidos e quando o médico pediu para espiar em sua garganta, o menino inclinou a cabeça para trás obedientemente.

"—Aha! — Disse o sábio médico, assim que deu uma olhada na goela do menino. — Quando sua mãe carregou você no ventre, ela dormiu com a janela aberta? — A mãe do menino disse que sim, pois havia sido um verão muito quente naquele ano. — Pois bem — disse o médico —, é simples. Durante o sono, sua mãe engoliu um pouco do céu noturno, e todo esse vazio ainda está dentro de você. Basta comer um pouco do sol para encher o céu e você não se sentirá mais vazio.

"O médico disse que era simples. O menino não tinha tanta certeza. Não havia árvore ou escada alta o suficiente para alcançar o sol, e logo ele caiu ainda mais no desespero. Mas a filha do médico era tão inteligente quanto gentil, e ela sabia que todas as noites o sol se punha baixo o suficiente para tocar o mar e transformar a água em ouro. Então ela construiu um pequeno barco para eles e eles navegaram juntos para o oeste. Eles viajaram muitos quilômetros, o menino comeu duas baleias ao longo do caminho e, por fim, chegaram ao lugar dourado onde o sol encontrava o mar. A garota tirou uma concha de cinzas brancas do bolso e tirou um pouco do sol da água. Quando o menino bebeu..."

A besta soltou um grunhido estrondoso e Ayama deu um pulo, pois estava tão envolvida na história e no prazer de ser ouvida que quase se esqueceu de onde estava.

— Deixe-me adivinhar — rosnou a besta. — O miserável menino engoliu um gole do mar e desde então era um sujeito contente e feliz que voltou para sua aldeia e se casou com a linda filha do médico, e teve muitos filhos para ajudá-lo a cultivar os campos ao redor de sua casa.

— Que absurdo! — disse Ayama, esperando que o tremor de sua voz não a traísse. — Claro que não é assim que a história termina.

Não era um absurdo. A história terminou exatamente como a fera havia dito, pelo menos todas as vezes que Ayama a ouviu ser contada. Mesmo assim, ela podia admitir que isso sempre a deixava um pouco melancólica e insatisfeita, como se uma nota falsa tivesse sido tocada. Mas que final pode apaziguar a besta? Como Ayama havia sido silenciada com frequência, ela se tornou uma ótima ouvinte e se lembrava da única regra da floresta de espinhos. A história precisava de um final verdadeiro.

Ayama organizou seus pensamentos, então reuniu o fio da história e deixou-o desenrolar novamente.

— É verdade que o menino bebeu sol da concha de cinzas brancas — disse ela. — E, sim, é verdade que ele não precisava mais de um rebanho de gado para seu café da manhã ou de um lago para beber. Ele realmente se casou com a linda filha do médico e trabalhou todos os dias para cultivar seus campos. Mas, apesar de tudo isso, o menino

descobriu que ainda estava infeliz. Veja, algumas pessoas nascem com um pedaço da noite em seu interior, e esse lugar vazio nunca pode ser preenchido – nem com toda a boa comida ou luz do sol do mundo. Esse vazio não pode ser banido, por isso alguns dias acordamos com a sensação do vento soprando e devemos simplesmente suportálo como o menino fez.

Só quando ela terminou Ayama percebeu que, em busca da verdade, ela havia falado sobre sua própria tristeza, mas era tarde demais para pegar as palavras de volta.

O monstro ficou quieto por um longo tempo. Então ele se levantou, sua cauda negra e espessa roçando o chão quando ele deu as costas para Ayama e disse:

— Vou deixar seus rebanhos em paz. Vá agora e não volte.

E porque a floresta exigia verdade, ela sabia que seu voto era bom.

Ayama mal podia acreditar em sua sorte. Ela se levantou e saiu correndo da clareira, mas quando se abaixou para pegar o machado e a taça de cobre, a besta disse:

— Espere.

Ele era pouco mais do que uma forma no escuro agora, e ela só conseguia distingui-lo pelo brilho vermelho de seus olhos e o brilho das cristas esculpidas em seus chifres.

— Leve um ramo de flores de marmelo com você e certifique-se de não deixá-lo cair ao passar pelas terras selvagens.

Ayama não parou para questionar seu comando, mas arrancou um galho fino e correu de volta ao longo do riacho. Ela não diminuiu a velocidade até que ela abriu caminho através dos espinhos cruéis do matagal e sentiu o sol em seu rosto mais uma vez.

De volta às terras selvagens, Ayama caminhou, as flores enfiadas em segurança em seu avental, mas as areias quentes não pareciam tocar seus pés e o sol não queimava seus ombros. Ela não teve que apertar os olhos contra o céu brilhante. Quando finalmente alcançou seu vale, ela gritou de alegria.

Ao vê-la entrando na cidade, as pessoas destrancaram as portas, abriram as venezianas e correram rua abaixo, pois – como Ayama podia ver pelo rosto deles – nenhum deles esperava que ela sobrevivesse.

Imediatamente, eles a encheram de perguntas, mas quando ela tentou responder, os habitantes da cidade beliscaram seus braços e gritaram que ela era uma mentirosa.

- Um bosque encantado nas terras selvagens?— zombou um homem. Que porcaria!
- Ela nunca foi encontrar a fera acusou outro. — Ela passou a tarde cochilando à sombra de uma árvore de feijão branco.

Mas Ayama se lembrou do marmelo e tirou o raminho do bolso do avental. As flores eram frescas e sem enfeites, as pétalas brancas ainda úmidas de orvalho e tingidas de rosa. As flores brilhavam como uma constelação em sua mão. Quando os habitantes da cidade olhavam para elas, podiam sentir o sabor ácido do marmelo em suas línguas; eles podiam sentir o toque calmante da sombra caindo sobre sua pele. Estas não eram flores comuns. Agora as pessoas ouviam enquanto Ayama estava com o raminho preso em seu punho e lhes contava sobre a promessa da besta, e quando ela terminou, eles a conduziram até o palácio,

murmurando maravilhados, esquecendo-se da garota que agora olhavam com admiração, ainda tendo as marcas de seus dedos beliscando em seus braços.

O rei olhou para baixo de seu trono com olhos frios quando Ayama falou sobre o voto da besta, mas ele não podia negar a magia do marmelo que floresceu doce e estranha nas mãos de Ayama, suas pétalas só agora começando a ficar vermelhas.

— Que maravilha! — disse o belo filho humano do rei, sorrindo brilhantemente. — E que garota corajosa para tentar tal tarefa. Seus bolsos estarão cheios de joias e todos cantarão canções de sua coragem.

Ayama retribuiu o sorriso, pois era impossível não florescer no olhar ensolarado do príncipe. Mas o que ela realmente queria era um copo d'água.

A rainha pegou as flores de Ayama, os olhos brilhando com o que poderiam ser lágrimas.

 Você deve fazer o que prometeu — disse ela ao marido. Então, o rei pediu três baús de ouro e trinta peças de seda para serem trazidos para a família de Ayama.

Naquela noite, os pais de Ayama se alegraram, e Kima beijou as bochechas de sua irmã, enquanto Ma Zil olhava, com uma expressão presunçosa enquanto mastigava sua jurda.

Ayama viu que ninguém havia limpado a grelha, que as roupas estavam sujas e as panelas nem mesmo empilhadas para serem lavadas, mas ainda estavam no fogão, com crostas de comida. Ela pensou no silêncio suave da floresta espinhosa e suspirou enquanto se deitava na lareira. Quando ela acordou na manhã seguinte, ela não tinha certeza se não tinha sonhado a coisa toda. Foi só quando olhou para os braços e viu os arranhões e cortes que os espinhos haviam deixado em sua pele que ela soube que tudo o que vira na floresta além das terras selvagens era real.

• • •

O monstro manteve sua palavra e os rebanhos foram deixados intocados por qualquer coisa, exceto o clima. O rei voltou para sua guerra decadente, o povo trabalhava em suas terras e negociava no mercado, e logo se lembrava de suas velhas reclamações, pois seus impostos aumentaram e seus filhos e irmãos foram enterrados no front. Mas então, em uma manhã terrível, Nemila Eed acordou e encontrou seus campos de jurda destruídos, todas as plantações arrancadas e deixadas para secar ao sol. O mesmo acontecia com as propriedades de seus vizinhos ao norte e ao sul. Havia rastros estranhos que conduziam à poeira das terras selvagens.

O povo clamou para que o rei consertasse as coisas, e alguns até sussurraram que a rainha deveria ser condenada à morte por ter dado à luz um monstro para atormentá-los. Novamente, o rei chamou um mensageiro e, desta vez, ele prometeu terras escavadas em suas melhores propriedades como recompensa.

— Somos ricos agora — disse Ma Zil, sentado perto do fogo naquela noite. — Mas imagine como seria bom morar em uma casa grande onde Kima pudesse receber pretendentes. Então ela teria a certeza de fazer um bom casamento. Ayama, você não gostaria de usar peles brancas no inverno e

comer caquis doces e dormir em uma cama adequada?

Ayama não tinha certeza se sobreviveria a um segundo encontro com a fera, e ela não poderia desfrutar de caquis e almofadas macias se tivesse sido comida. Mas sua avó colocou a palma da mão áspera em sua bochecha e jurou que nenhum mal lhe aconteceria. E se Ayama fosse honesta, uma pequena parte dela queria voltar para a floresta. Sua família agora era rica e tinha muitos criados, mas eles se acostumaram tanto a dar ordens a Ayama que se esqueceram de como tratá-la como uma filha. Ela ainda dormia na cozinha e esfregava as panelas e observava enquanto os rolos de seda eram cortados para os vestidos de Kima, e o cabelo de sua mãe era penteado por uma empregada delicada que usava um avental florido. As pessoas agora tiravam o chapéu para ela na rua, mas nunca paravam para conversar ou perguntar como Ayama estava se saindo. A besta pode gritar e rosnar, e ele pode muito bem devorá-la, mas ele pelo menos estava interessado o suficiente para ouvi-la falar.

Assim, ao amanhecer, Ayama pegou sua pequena xícara de cobre e o machado que usava para cortar lenha e enfiou-os no avental. Ela colocou seu largo chapéu na cabeça e mais uma vez partiu para as terras selvagens.

A jornada através da poeira e dos arbustos foi tão longa e cansativa na segunda vez. Quando finalmente Ayama alcançou as árvores cor de ferro da floresta de espinhos, sua garganta estava seca como pão queimado e seus pés doíam de tanto andar. Ela empurrou ansiosamente o matagal e, assim que sentiu a luz prateada das estrelas sobre seus ombros, deu um suspiro de satisfação.

Só então ela se lembrou de ter medo. Afinal, a besta poderia estar com mais fome. Ou com mais raiva. Ele pode ter esquecido a misericórdia que encontrou quando deixou Ayama passar em segurança da floresta antes. Mas ela estava aqui agora e não havia nada a ser feito sobre isso. Ayama seguiu o riacho prateado, deixando as folhas macias e o solo úmido esfriarem seus pés, e tentou não pensar na besta comendo-a com uma mordida – ou pior, duas.

Por fim, ela chegou à clareira. Desta vez, a besta não se escondeu nas sombras, mas estava andando como se estivesse esperando.

— Bem, então — ele disse em sua voz estrondosa quando a viu. — Eles não devem valorizá-la muito se esperam que você escape uma segunda vez.

Já que a floresta exigia a verdade, Ayama supôs que ele estava certo, mas agora ela achava muito mais fácil falar de volta.

- Você deve parar de destruir nossas colheitas.
- Por quê?
- Não teremos algodão ou linho para fiar quando o inverno chegar.
- O que eu me importo com o inverno? Nenhuma estação toca esta floresta. Alguém pensou no inverno quando estremeci no labirinto do meu pai? Deixe o rei alimentá-la e vesti-la de suas provisões.

Desta vez, ela pôde reconhecer que não era uma ideia tão ruim, e então disse:

— Não se comporte como um tirano e depois me diga para repreender um tirano para se comportar. Mostre misericórdia e misericórdia que a você possa ser mostrada.

- Meu pai nunca me ensinou misericórdia.
- E você não consegue aprender?

Era difícil dizer, mas parecia que a besta poderia ter sorrido.

— Você sabe o único negócio que farei, pequena mensageira. — A besta se acomodou ao lado do riacho em um monte de pelo preto e garras douradas. — Conte-me uma história que pode me fazer sentir mais do que raiva e, talvez, se me agradar, posso deixá-la viver.

Este era o convite que Ayama estava esperando, e ela percebeu que em todos os dias e noites silenciosos desde que ela deixou a floresta, ela estava armazenando palavras para oferecer ao filho do rei. Ayama sentou-se às margens do riacho e começou a falar.

O SEGUNDO CONTO

— Certa vez, havia uma mulher de porte triste que foi a uma aldeia e lá ela conheceu um homem que ansiava por uma esposa e, por isso, eles se casaram. Eles tiveram dois filhos excelentes, um menino e uma menina, mas à medida que cresciam, eles se tornavam difíceis e

desobedientes. Muitas vezes ficavam doentes e isso os deixava mal-humorados e cansados, e eram uma grande provação para sua mãe, Mama Tani. Todas as mulheres da aldeia sentiam pena de Mama Tani, cujo porte se tornara ainda mais triste, mas que suportava com grande dignidade as queixas e as doenças dos filhos.

"Tudo mudou quando um espírito maligno entrou na casa de Mama Tani e começou a causar problemas para toda a família. O espírito esmagou os valiosos potes de creme de Mama Tani e as tinturas engarrafadas que ela usava para manter a pele macia. Aquilo quebrou o arado de seu marido, de modo que ele teve que ficar em casa e estava sempre sob os pés. Mas eram as crianças que o espírito mais gostava de atacar, como se atraídas por seu mau comportamento. Quando tentavam dormir, o espírito sacudia as janelas e sacudia a cama para que não pudessem descansar. Quando tentaram comer, o espírito quebrou suas tigelas e derramou o jantar no chão."

A besta rosnou, e Ayama viu que ele havia se aproximado muito. Embora seu coração batesse em um ritmo assustado, ela se sentou o mais quieta que pôde.

— Deixe-me adivinhar — disse a besta. — As crianças choraram, oraram e disseram que seriam boas para sempre, então o espírito se foi e Mama Tani foi a inveja de todas as mulheres da aldeia, e esta é uma lição para crianças ingratas em todos os lugares.

Certamente foi assim que Ayama aprendeu a história, mas ela havia pensado muito sobre como contaria a história quando pertencesse a ela.

Ela ajeitou o avental e disse com toda a autoridade que sua voz forte conseguiu reunir:

- Que absurdo! Claro que não é assim que a história termina. Fale a verdade, ela se lembrou. Em seguida, ela apertou a história e a deixou desenrolar novamente.
- Não, um dia, quando seus pais não estavam em casa, em vez de chorar quando o espírito sacudiu e rugiu como um vento raivoso ao redor da casa, as crianças sentaram-se em silêncio e se deram as mãos. Em seguida, cantaram uma canção de ninar como as que sua mãe cantava quando eram mais jovens e, com certeza, depois

de um longo tempo, o espírito se aquietou – e depois de um longo tempo, o espírito falou. Exceto que não era um espírito, mas dois.

- Dois espíritos? a besta repetiu, inclinandose para frente sobre as patas traseiras.
- Você pode imaginar? Eles eram os espíritos dos filhos primogênitos de Mama Tani, um menino e uma menina que ela fez adoecer e morrer – tudo para que ela pudesse acumular a simpatia das mulheres em sua antiga aldeia. Ela viajou para longe daquele lugar e levou muitos para que as crianças fantasmas anos encontrassem, mas assim que a encontraram, eles fizeram tudo o que podiam para manter a nova família de Mama Tani segura. Eles quebraram os potes onde Mama Tani escondeu seus venenos. Eles derramaram o mingau contaminado e evitaram que seus novos filhos dormissem quando souberam que Mama Tani entraria para queimar ervas sorrateiramente inflamar seus pulmões. Eles até quebraram o arado, para que seu pai tivesse que ficar em casa com mais frequência e não os deixassem sozinhos com sua mãe. Bem, os filhos vivos da Mama Tani

contaram tudo isso ao pai e, embora ele fosse cético, ele concordou em enviar um mensageiro para a aldeia que os filhos fantasmas haviam nomeado. Quando o mensageiro voltou para dizer a eles que tudo o que os fantasmas haviam dito era verdade, Mama Tani já tinha ido embora. Isso vai mostrar a você que às vezes o invisível não deve ser temido e que aqueles que deveriam nos amar mais nem sempre são os que amam.

Novamente, sem querer, Ayama havia falado de sua própria tristeza, e novamente, a besta ficou quieta por um longo tempo.

— O que aconteceu com Mama Tani? — ele perguntou finalmente.

Ayama não fazia ideia. Ela não tinha pensado tão longe.

— Quem pode dizer? Maus destinos nem sempre seguem aqueles que os merecem. — Mesmo na penumbra, ela podia ver a carranca da besta. Ela pigarreou e alisou a aba do chapéu. — Mas eu acredito que ela foi comida por coiotes.

A besta acenou com a cabeça satisfeita, e Ayama bufou um pequeno suspiro de alívio. — Não vou mais perturbar seus campos — disse a besta. — Pegue um ramo de marmelo da floresta de espinhos e leve-o com você pelas terras selvagens. Vá agora e não volte. — Pode ter havido algo triste em sua voz, ou talvez fosse apenas seu rosnado.

Ayama arrancou um fino galho de flores do matagal e deixou a clareira para trás. Quando ela olhou para trás, ela viu a besta ainda sentada sobre suas patas traseiras, seus olhos vermelhos olhando para ela, e por um momento, Ayama pensou: Por que não ficar mais um pouco? Por que não descansar um pouco aqui? Por que não contar outra história?

Em vez disso, ela saiu da floresta e voltou pelas planícies quentes. Ela enfiou o ramo de flores de marmelo em suas tranças e foi como se carregasse as folhas frescas e a sombra da floresta com ela.

Desta vez, quando ela chegou à cidade, as pessoas viram as flores brancas em seus cabelos e não beliscaram Ayama ou gritaram com ela. Em vez disso, deram-lhe água doce e levaram-na silenciosamente para o palácio, mostrando sua nova deferência, pois ela não era mais apenas uma

ajudante de cozinha, mas a menina que enfrentou um monstro duas vezes e duas vezes sobreviveu.

Quando ela foi levada perante o rei, Ayama lhe contou sobre o voto da besta e o príncipe disse:

— Extraordinário! Devemos erguer uma estátua em homenagem a esta menina e celebrar seu nascimento lá todos os anos.

Ayama achou que era uma boa proclamação, mas o que ela realmente queria era sentar e tirar os sapatos. Ela supôs que se o príncipe tivesse se incomodado em perguntar, ele saberia disso. Mas ele não gostava tanto de perguntas quanto o irmão.

A rainha pegou nas mãos as flores avermelhadas do marmelo e, mais uma vez, disse ao marido:

— Você deve honrar sua promessa.

Assim, o rei ordenou que as melhores terras de sua melhor propriedade fossem concedidas à família de Ayama e que todos os seus pertences fossem transferidos para lá por seus servos.

Mas quando Ayama pensou em fazer uma reverência e ir embora, o rei disse:

— O monstro confia em você, garota?

Nessa época, Ayama havia se acostumado a falar seus pensamentos em voz alta, então ela disse:

— Há uma grande diferença entre não comer uma pessoa e confiar nela. — Além disso, ela achava que seria melhor para todos se a fera fosse deixada sozinha na floresta de espinhos.

Mas como tinha sido o caso durante a maior parte da vida de Ayama, apesar da força de sua voz, o rei ou não ouviu ou não prestou atenção.

— Você enfiará uma faca na floresta de espinhos — ele ordenou. — Você vai matar esta besta para que todos possamos viver em paz e segurança. Se você fizer isso, então você se casará com meu filho, o príncipe, e eu concederei o título de sua família para que ninguém, exceto aqueles que levam meu próprio nome, sejam superiores na terra.

O príncipe pareceu um tanto surpreso, mas não se opôs.

— Nenhuma lâmina pode perfurar a pele do seu segundo filho — protestou Ayama. — Eu vi por mim mesma.

Enquanto a rainha torcia a seda de sua saia no colo, o rei chamou um criado e uma caixa cor de ferro foi trazida.

O rei levantou a tampa e tirou uma faca estranha dela. Seu cabo era de osso, mas sua lâmina era do mesmo cinza escuro da caixa – e da floresta de espinhos.

— Esta lâmina foi feita por um poderoso zowa fabricador e trabalhada com os próprios espinhos da árvore de marmelo. Só isso pode matá-lo.

A rainha desviou o rosto.

Ayama esperava que sua família falasse e dissesse que ela não precisava voltar para a floresta de espinhos, pois eles tinham uma bela casa e Kima já tinha um rico dote. Mas ninguém falava, nem mesmo Ma Zil, que havia prometido que aventuras só aconteciam com garotas bonitas.

Ayama não queria pegar a faca, mas ela pegou. Era leve como uma vagem seca. Parecia errado que a morte não parecesse nada em suas mãos.

 Volte com o coração da besta e todos vão prestar homenagem a você e a você não vai faltar nada nesta vida — disse o rei. Ayama não desejava ser princesa. Ela não tinha nenhum desejo de matar a besta. Mas para uma garota que passou sua vida ignorada e indesejada, esta não era uma oferta pequena.

— Eu vou concordar com isso — ela disse finalmente. — Mas se eu não voltar, Kima deve se casar com o príncipe, e minha família ainda deve receber sua recompensa.

Ela podia ver que o rei não gostava dos termos da troca. Embora ele quisesse a besta morta, ele pensou em fazê-la arriscar sua vida por um preço baixo. Mas no final, que escolha ele teve? Ele concordou com as exigências de Ayama e ela enfiou a faca no avental.

Todos os pertences de sua família foram levados para sua nova casa esplêndida. Seu pai gritou de felicidade e sua mãe girou em círculos no jardim, olhando para os campos que se prolongavam, como se ela mal pudesse acreditar que tudo agora era dela. Apenas Kima agarrou a mão de Ayama e disse:

 Irmã, você não precisa ir. Somos ricos agora graças à sua bravura. Temos terras e servos.
 Nenhum príncipe vale sua vida. Ayama supôs que dependia do príncipe.

Ma Zil não disse nada.

Naquela noite, Ayama dormiu mal. Sua nova cama parecia muito mole depois das pedras duras da velha lareira. Ela se levantou antes do amanhecer, quando o resto da casa ainda estava dormindo, vestiu o avental cor do céu e colocou o chapéu na cabeça. No bolso, ela enfiou o machado e a xícara de cobre. Então Ayama tocou uma vez com os dedos a lâmina denteada da faca, enfiou-a no avental e, pela última vez, partiu pelas terras selvagens.

Talvez porque seu pavor fosse tão grande, a jornada pelas planícies áridas parecia não durar muito tempo. Logo ela estava mergulhando no matagal cor de ferro e na sombra da floresta. A luz das estrelas caiu sobre sua pele, tão doce, fria e acolhedora que ela poderia ter chorado por isso. Ela disse a si mesma que assim que o animal morresse, ela poderia voltar para a floresta, que ela poderia trazer Kima, ou simplesmente vir aqui por conta própria sempre que se cansasse. Mas ela não tinha certeza se isso era verdade. A floresta de espinhos ainda estaria de pé sem a besta? Sempre

estivera aqui ou surgira apenas para protegê-lo? E o que ela faria em todo o silêncio sem alguém para contar histórias?

A besta estava esperando na clareira.

— Você está tão ansiosa para ser comida? — ele perguntou.

Ayama teve o cuidado de escolher apenas palavras que eram verdadeiras.

 Achei que você gostaria de ouvir outra história mais do que gostaria de comer outra refeição.

Então ela e a besta se estabeleceram perto do riacho e, à luz prateada da clareira, Ayama começou sua história final.

O TERCEIRO CONTO

— Era uma vez uma menina boa e zelosa que ficava em casa e labutava enquanto suas duas irmãs mais velhas saíam todas as noites para beber e dançar na cidade.

"Um dia, quando todas as irmãs estavam na cozinha, um pássaro estranho veio e pousou no parapeito da janela. Era grande, empoeirado e feio, com um bico longo e perigosamente curvo.

As duas irmãs mais velhas gritaram, e uma pegou uma vassoura para bater na criatura e afugentá-la. Mas quando elas foram se vestir com miçangas e cetim para as festas da noite, o pássaro voltou. Em vez de afugentá-lo, a irmã mais nova falou gentilmente com ele e ofereceu-lhe um prato de milho. Em seguida, ela colocou um pano úmido nas penas do pássaro, murmurando coisas sem sentido para ele o tempo todo. Quando o pássaro finalmente estava limpo, ela podia ver que tinha plumagem de ouro iridescente e que seu bico brilhava como topázio. Ele bateu suas grandes asas e voou para longe, mas voltou todas as noites naquela semana, uma vez que as irmãs mais velhas foram às suas festas, e cantou belas canções enquanto a mais nova fazia seu trabalho.

"No sétimo dia, o pássaro esperou até que as irmãs mais velhas saíssem para se preparar para a diversão, então voou pela janela da cozinha. De repente, houve um grande bater de asas e um som de trombetas. Lá na cozinha, onde o pássaro estivera poucos momentos antes, a garota agora avistava um belo príncipe vestido com mantos de ouro.

"— Venha comigo para o meu palácio à beiramar — disse o príncipe —, e todos irão homenageá-la e a você não vai faltar nada nesta vida. — E como você deve saber, quando você teve muito pouco e trabalhou muito, essa não é uma oferta pequena.

"Então a garota colocou a mão na do príncipe e eles voaram para o palácio à beira-mar. Mas assim que chegaram, a garota descobriu que o rei e a rainha não estavam muito felizes com a escolha de uma noiva camponesa. Então a rainha estabeleceu três desafios para a garota..."

A besta rosnou e Ayama saltou, pois ela não tinha percebido que ele tinha se deitado tão perto dela, seu focinho quase tocando seu joelho. Seus lábios estavam puxados para trás em uma careta.

- Que história tola você me trouxe desta vez —
 reclamou. Ela vai cumprir as três tarefas e se casar com o belo príncipe. Que alegria para os dois.
- Absurdo! disse Ayama imediatamente, pois ela havia pensado nessa história por um longo tempo enquanto caminhava pelas terras selvagens, e como o final que ela ouvira quando

criança parecia muito mais encantador antes de ela realmente conhecer e ter falado com a realeza. — Claro que não é assim que termina. Não. Você se lembra das irmãs mais velhas da garota?

A besta deu um aceno relutante e colocou sua grande cabeça nas patas dianteiras.

— É verdade que elas eram egoístas e tolas em muitos aspectos — disse Ayama. — Mas eles também amavam ternamente a irmã mais nova. Assim que descobriram que ela estava desaparecida e com uma pena dourada na cadeira, elas adivinharam o que havia acontecido, pois haviam visto o mundo em abundância. Selaram os cavalos e cavalgaram dia e noite para chegar ao palácio à beira-mar, depois bateram nas portas até que os guardas as deixassem entrar.

"Quando as irmãs entraram na sala do trono, fazendo barulho e exigindo que sua irmã voltasse para casa para elas, o príncipe insistiu que elas eram apenas tipos invejosos que queriam ser princesas, e que eram garotas malvadas que gostavam de beber e dançar e serem livre com seus favores. Na verdade, as irmãs gostavam de todas essas coisas, e foi precisamente porque elas viram

e fizeram tanto que sabiam que não deveriam confiar em rostos bonitos e títulos finos. Elas apontavam os dedos e erguiam suas vozes e exigiam saber porquê, se o príncipe amava tanto sua irmã, ele deveria deixá-la executar tarefas para provar seu valor. E quando ele não respondeu, elas bateram os pés calçados em chinelos e exigiram saber porquê, se o príncipe fosse digno de sua irmã, ele deveria se curvar tão facilmente à vontade de seus pais. O príncipe não teve resposta, mas ficou ali gaguejando, ainda bonito, mas talvez um pouco menos agora que não tinha nada a dizer.

"As irmãs pediram desculpas por não fazerem sua parte nas tarefas domésticas e prometeram levar a menina às festas para que ela não tivesse que se contentar com o primeiro menino que voasse pela janela dela. A irmã mais nova viu a sabedoria nesta barganha, e todas voltaram para casa juntas, onde seus dias eram cheios de trabalho facilitado na partilha e suas noites eram cheias de risos e farras.

E que lição devo aprender com esta história?
perguntou a besta quando ela terminou.

— Que há coisas melhores do que príncipes.

Agora Ayama se levantou e a besta se ajoelhou diante dela, sua grande cabeça desgrenhada curvada, seus chifres brilhando.

- Você não tem mais histórias para mim, mensageira?
- Apenas uma disse Ayama, a faca dentada na mão —, a história de uma garota que foi enviada à floresta para matar um monstro terrível.
 - E ela fez?
 - Você cometeu crimes terríveis, besta.
 - Eu fiz?
 - Fale a verdade.
- Eu matei os soldados do rei porque eles queriam me matar ele admitiu. Tentei argumentar com eles, mas as pessoas nem sempre ouvem as palavras de uma besta.

Ayama sabia o que não devia ser ouvido e também sabia que a besta não mentia. Ele às vezes podia ser cruel, e certamente perigoso, mas era verdadeiro – assim como a floresta de espinhos. Pois quando Ayama acordou depois de suas aventuras, foram as feridas do matagal que

provaram que todas as flores doces e a luz das estrelas eram reais.

— Eles me disseram para voltar com o seu coração — disse ela.

A besta olhou para ela com seus olhos vermelho-sangue.

— Então talvez você deva.

Ayama pensou no rei que aprisionou um monstro quando poderia ter criado um filho, um rei que culpava aquele monstro pelo sofrimento de seu povo, sem fazer nada para amenizá-lo. Ela pensou também na primeira pergunta que a besta fez a ela, quando ela se ajoelhou na piscina e ele derrubou o copo de sua mão.

Você deseja se tornar um monstro?

Ayama devolveu a faca ao bolso e retirou sua pequena xícara de cobre.

— Besta — disse ela —, estou com sede.

• • •

A besta deixou Ayama amarrar suas patas dianteiras com as amoreiras de ferro da floresta de espinhos, e através das terras selvagens eles viajaram, Ayama protegida do sol pela sombra de seu companheiro imponente.

Quando eles entraram no vale e chegaram a tempo para a cidade, muitas pessoas correram das ruas, se espalhando para suas casas e fechando as venezianas. Mas outros os seguiram, olhando para Ayama em seu chapéu largo e avental e para a besta amarrada em espinhos.

Subindo a colina em direção ao palácio, Ayama e a besta passaram pelos grandes portões, seguidos pela multidão. Quando os guardas viram Ayama, ficaram atentos, pois ela caminhava com a cabeça erguida. Ela ainda era a mesma garota sólida e deselegante da cozinha, mas também era a garota que sobreviveu três vezes a um monstro e que agora o conduzia pela cidade enquanto ele bufava e olhava para qualquer um que se aproximasse, seus chifres retorcidos brilhando com uma luz misteriosa.

O rei não esperou por eles na sala do trono, mas veio ao topo dos degraus do palácio em todos os seus trajes brilhantes e, com a rainha e o belo jovem príncipe ao lado dele, olhou para Ayama e o monstro.

- Por que você traz essa besta até minha porta?
 o rei exigiu saber. Eu disse para você voltar com o coração dele.
- E eu o tenho disse Ayama em sua voz alta e clara que ecoou como uma trompa de guerra sobre a multidão ouvinte. Seu coração é meu e o meu é dele.
- Você pensa em amar um monstro? o rei perguntou, e agora havia murmúrios e risadinhas ao redor dela. — Até uma desgraçada como você pode esperar o melhor.

Mas Ayama estava acostumada a insultos e não deu atenção às palavras do rei.

- Amarei um monstro honesto antes de jurar lealdade a um rei traiçoeiro. Ela ergueu a faca de espinho e apontou para o peito do rei. Quando suas guerras estavam acabando e o vale estava inquieto, foi você quem massacrou nossos rebanhos e ceifou nossos campos apenas para que temêssemos um falso vilão, em vez de ver que um tolo ocupava o trono.
 - Você fala traição! rugiu o rei.
 - Eu falo a verdade.
 - E essa besta feia não pode falar por si mesma?

A besta olhou para seu pai e disse:

- Um homem como você não deve palavras. Eu confio em Ayama para contar minha história.
- Aquela criatura assassinou meus soldados e caçadores vociferou o rei. Ele construiu uma torre de ossos!
- Ele fez isso disse Ayama. Pois você os enviou para matá-lo quando foi você quem libertou seu filho do labirinto em primeiro lugar. Você o soltou para que pudesse bancar o herói, e nós esqueceríamos nossos filhos e irmãos que morreram em suas guerras, e os impostos que douram seu telhado de ouro.
- Vocês vão permitir que essa garota fale essas mentiras? o rei gritou, e embora seus guardas não quisessem obedecer às ordens do rei, eles sacaram suas adagas e caíram sobre Ayama.

Mas não importa quantos golpes os soldados desferiram, Ayama permaneceu ilesa.

Então ela tirou o chapéu da cabeça e todas as pessoas viram que ela não era mais uma menina. Sua língua era bifurcada; seus olhos brilhavam como opalas e seus cabelos se enredavam em serpentes de chamas que lambiam o ar ao seu

redor em fitas laranja e ouro. Ela era um monstro, e nenhuma lâmina poderia perfurar sua pele. Com sua faca de espinho, ela cortou as amoreiras que prendiam os pulsos da fera.

Os habitantes da cidade gritaram e bateram os pés, e alguns se viraram aterrorizados. Mas Ayama permaneceu sólida e com os pés chatos no chão, e sua voz de clarim soou forte como o estrondo de um trovão.

— Fale a verdade — ela comandou o rei.

O rei não tinha vergonha e teria aberto a boca para deixar as mentiras se espalharem como gafanhotos, mas a rainha falou em vez disso.

— Sim — ela chorou. — Foi ele quem fez essas coisas, quem trancou meu filho sob a terra sem ninguém para confortá-lo, quem o libertou apenas para se tornar um herói para seu povo e fazer de seu filho um monstro mais uma vez.

As pessoas olharam para o rosto manchado de lágrimas da rainha e sabiam que as palavras que ela disse eram verdadeiras. Eles levantaram suas vozes mais uma vez, gritando para a cabeça do rei agora, e até mesmo o belo príncipe humano olhou para seu pai com nojo.

Mas Ayama conhecia a misericórdia e os ensinou também. Ela não permitiu que nenhum mal acontecesse ao rei. Em vez disso, ela o colocou no labirinto, e até hoje, se você passar por aquela cidade em particular naquele vale particular em uma noite particularmente tranquila, você ainda pode ouvi-lo gritando de raiva, seus uivos ecoando nas pedras enquanto ele tropeça pela prisão que pagou para construir, jurando vingança contra a garota que o prendeu lá e buscando a virada que finalmente o libertará.

Depois que o rei partiu, coube à besta perdoar sua mãe por não protegê-lo em seu nascimento ou nos longos anos que se seguiram. Com o tempo, como Ayama havia lhe dado algo para sentir além da raiva, ele a perdoou, e ela viveu seus dias cuidando dos marmelos em seu jardim.

Depois de um namoro de muitas histórias, Ayama e a besta se casaram sob uma lua de sangue, e o lugar de honra foi dado a Ma Zil, que havia enviado Ayama repetidas vezes para a floresta de espinhos. Ela não tinha muito o que ver em sua juventude e sabia muito bem que apenas coragem é necessária para uma aventura. Quanto a Kima,

ela se casou com o belo príncipe humano, e como nenhum dos dois tinha gosto por política, eles deixaram o trono e todos os seus aborrecimentos para Ayama e a fera. Foi assim que o vale a oeste passou a ser governado por um rei monstruoso e sua rainha monstruosa, que eram amados por seu povo e temidos por seus inimigos.

Agora, no vale, as pessoas se importam menos com rostos bonitos. As mães dão tapinhas em suas barrigas grávidas e sussurram orações pelo futuro. Elas oram por chuva no longo verão. Elas oram para que seus filhos sejam corajosos, inteligentes e fortes, para que contem as histórias verdadeiras em vez das fáceis. Elas oram por filhos com olhos vermelhos e filhas com chifres.



A RAPOSA ESPERTA DEMAIS



A Raposa Esperta Demais

A PRIMEIRA ARMADILHA QUE A RAPOSA ESCAPOU foram as mandíbulas de sua mãe.

Quando ela se recuperou da tentativa de dar à luz sua ninhada, a mãe raposa olhou para seus filhotes e suspirou. Seria difícil alimentar tantas crianças e, verdade seja dita, ela estava com fome depois de sua provação. Então ela pegou dois de seus filhos menores e fez uma refeição rápida com eles. Mas, abaixo daqueles filhotes, ela encontrou uma pequena raposa se contorcendo com uma pelagem irregular e olhos amarelos.

 Eu deveria ter comido você primeiro — ela disse. — Você está condenado a uma vida miserável.

Para sua surpresa, o nanico respondeu.

- Não me coma, mãe. Melhor ficar com fome agora do que se arrepender mais tarde.
- Melhor engolir você do que ter que olhar para você. O que todos dirão quando virem um rosto assim?

Uma criatura menor poderia ter se desesperado com tal crueldade, mas a raposa viu vaidade no pelo cuidadosamente tratado de sua mãe e nas patas brancas.

— Eu vou te dizer — ele respondeu. — Quando entrarmos na floresta, os animais vão dizer: "Olha aquele filhote feio com sua linda mãe!" E mesmo quando você estiver velha e grisalha, eles não vão falar de como você envelheceu, mas de como tal linda mãe deu à luz um filho tão feio e magricela.

Ela pensou nisso e descobriu que, afinal, não estava com tanta fome.

Como a mãe da raposa acreditava que o nanico morreria antes do fim do ano, ela não se preocupou em nomeá-lo. Mas quando seu filho pequeno sobreviveu a um inverno e depois ao seguinte, os animais precisaram de algo para chamá-lo. Eles o apelidaram de Koja – bonito – como uma piada, e logo ele ganhou uma reputação.

Quando ele mal havia crescido, um grupo de cães o encurralou em uma cortina de galhos fora de sua toca. Agachado na terra úmida, ouvindo seus rosnados terríveis, uma criatura menor poderia ter entrado em pânico, perseguido a si mesma em círculos e simplesmente esperado que o mestre dos cães viesse pegar seu couro.

Em vez disso, Koja gritou:

— Eu sou uma raposa mágica!

O maior dos cães deu uma risada latida.

- Podemos dormir perto do fogo do mestre e nos alimentar de seus restos, mas não ficamos tão moles assim. Você acha que vamos deixar você viver com promessas tolas?
- Não disse Koja em sua voz mais mansa e oprimida. Vocês me superaram. Isso está muito claro. Mas estou amaldiçoado a conceder um desejo antes de morrer. Vocês só precisam dizê-lo.
 - Fortuna! latiu um.
 - Saúde! latiu outro.
 - Carne da mesa! disse o terceiro.
- Eu tenho apenas um desejo a conceder disse a raposa feia —, e vocês devem fazer sua escolha rapidamente, ou quando seu mestre chegar, serei obrigado a conceder o desejo a ele.

Os cães começaram a discutir, rosnar e morder uns aos outros, e enquanto eles mostravam suas presas e saltavam e lutavam, Koja escapuliu. Naquela noite, na segurança da floresta, Koja e os outros animais beberam e brindaram ao raciocínio rápido da raposa. À distância, eles ouviram os cães uivando na porta de seu mestre, frios e desgraçados, barrigas vazias de jantar.

Embora Koja fosse inteligente, ele nem sempre teve sorte. Um dia, enquanto corria de volta da fazenda de Tupolev com o corpo gordo de uma galinha na boca, ele caiu em uma armadilha.

Quando aqueles dentes de metal se fecharam, uma criatura inferior poderia ter deixado seu medo tomar conta dele. Ele poderia ter ganido e choramingado, atraindo o fazendeiro presunçoso para si, ou ele poderia ter tentado roer a própria perna.

Em vez disso, Koja ficou deitado, ofegante, até ouvir o urso preto, Ivan Gostov, rugindo pela floresta. Bem, Gostov era um animal sanguinário, barulhento e rude, indesejável em festas. Sua pele estava sempre emaranhada e imunda, e ele tinha tanta probabilidade de comer seus anfitriões quanto a comida que eles serviam. Mas pode-se argumentar com um assassino – não com uma armadilha de metal.

Koja gritou para ele.

— Irmão, você não vai me libertar?

Quando Ivan Gostov viu Koja sangrando, ele explodiu em gargalhadas.

— Com prazer! — ele rugiu. — Vou libertar você dessa armadilha e esta noite jantarei ensopado de raposa grátis.

O urso quebrou a corrente e jogou Koja nas costas. Pendurado nos dentes de aço da armadilha por sua perna ferida, uma criatura menor poderia ter fechado os olhos e orado por nada mais do que uma morte rápida. Mas se Koja tinha palavras, então ele tinha esperança.

Ele sussurrou para as pulgas que se amontoavam na pele imunda do urso:

— Se vocês morderem Ivan Gostov, vou deixar vocês virem morar no meu pelo por um ano. Vocês podem jantar comigo o quanto quiser e eu prometo não tomar banho, nem me arranhar, nem me molhar com querosene. Vocês vão se divertir muito, eu lhes digo.

As pulgas sussurravam entre si. Ivan Gostov era um urso de sabor desagradável e estava constantemente pisando em riachos ou rolando de costas para tentar se livrar deles.

Nós vamos ajudá-lo — eles disseram finalmente.

Ao sinal de Koja, elas atacaram o pobre Ivan Gostov, mordendo-o bem no lugar entre os ombros, onde suas grandes garras não podiam alcançar.

O urso coçou, se debateu e gritou de tristeza. Ele jogou para baixo a corrente presa à armadilha de Koja e se contorceu e se contorceu no chão.

— Agora, irmãozinhos! — gritou Koja. As pulgas saltaram para o pelo da raposa e, apesar da dor na perna, Koja correu todo o caminho de volta para sua toca, arrastando a corrente ensanguentada atrás de si.

Foi um ano desagradável para a raposa, mas ela manteve sua promessa. Embora a coceira o deixasse louco, ele não coçou e até enfaixou as patas para evitar a tentação. Porque ele cheirava tão mal, ninguém queria estar perto dele, mas mesmo assim ele não tomou banho. Sempre que Koja tinha vontade de correr para o rio, ele olhava para a corrente que mantinha enrolada no canto

de sua toca. Com a ajuda de Texugo Vermelho, ele se livrou da armadilha, mas manteve a corrente como um lembrete de que devia sua liberdade às pulgas e sua inteligência.

Só a rouxinol Lula veio vê-lo. Empoleirada nos galhos de bétula, ela gargalhou.

— Não é tão esperto, não é, Koja? Ninguém vem para visitá-lo e está coberto de crostas. Você está ainda mais feio do que antes.

Koja não se perturbou.

— Eu posso suportar a feiura — disse ele. — Descobri que a única coisa com a qual não posso viver é a morte.

Quando o ano acabou, Koja escolheu seu caminho com cuidado pela floresta perto da fazenda de Tupolev, certificando-se de evitar os dentes de quaisquer armadilhas que pudessem estar escondidas sob a moita. Ele se esgueirou pelo quintal das galinhas e, quando um dos criados abriu a porta da cozinha para retirar os resíduos, ele entrou direto na casa de Tupolev. Ele usou os dentes para puxar as cobertas da cama do fazendeiro e deixar as pulgas entrarem.

— Divirtam-se, amigos — disse ele. — Espero que vocês me perdoem se eu não pedir para me visitarem novamente.

As pulgas se despediram e mergulharam sob os cobertores, ansiosos pela refeição do fazendeiro e sua esposa.

Na saída, Koja pegou uma garrafa de kvas da despensa e uma galinha do quintal e os deixou na entrada da caverna de Ivan Gostov. Quando o urso apareceu, ele cheirou as oferendas de Koja.

- Mostre-se, raposa ele rugiu. Você procura me fazer de bobo de novo?
- Você me libertou, Ivan Gostov. Se quiser, pode me servir de jantar. No entanto, estou avisando que sou fibroso e duro. Apenas minha língua detém o sabor. Sou uma refeição amarga, mas excelente companhia.

O urso riu tão alto que sacudiu a rouxinol de seu galho no vale abaixo. Ele e Koja compartilharam o frango e os kvas e passaram a noite trocando histórias. A partir de então, eles se tornaram amigos, e sabia-se que cruzar a raposa era arriscar a ira de Ivan Gostov.

Então chegou o inverno e o urso preto desapareceu.

Os animais notaram que seu número diminuía há algum tempo. Os veados eram mais escassos, e as pequenas criaturas também – coelhos e esquilos, perdizes e ratazanas. Não era nada para comentar. Os tempos difíceis vieram e se foram. Mas Ivan Gostov não era um cervo tímido ou ratazana. Quando Koja percebeu que já fazia semanas que não via o urso ou ouvia seu urro, ficou preocupado.

— Lula — disse ele —, voe até a cidade e veja o que você pode aprender.

A rouxinol colocou seu pequeno bico no ar.

— Você vai me pedir, Koja, e faça isso bem, ou vou voar para algum lugar quente e deixá-lo com suas preocupações.

Koja fez uma reverência e elogiou as penas brilhantes de Lula, a pureza de sua música, a maneira agradável como ela mantinha seu ninho, e assim por diante, até que finalmente a rouxinol o parou com um chiado estridente. Da próxima vez, você pode parar em "por favor". Se você apenas parar de falar, terei prazer em ir.

Lula bateu as asas e desapareceu no céu azul, mas quando voltou uma hora depois, seus olhinhos azeviche brilhavam de medo. Ela saltou e se agitou, e demorou longos minutos para pousar em um galho.

— A morte chegou — disse ela. — Lev Jurek veio para Polvost.

Os animais ficaram em silêncio. Lev Jurek não era um caçador comum. Diziam que ele não deixava rastros e que seu rifle não fazia barulho. Ele viajou de aldeia em aldeia em Ravka, e onde ele foi, sangrou a floresta até secar.

- Ele acabou de chegar de Balakirev. A bela voz da rouxinol tremeu. Ele deixou as lojas da cidade cheias de carne de veado e transbordando de peles. Os pardais dizem que ele destruiu a floresta.
- Você viu o próprio homem? perguntou
 Texugo Vermelho.

Lula acenou com a cabeça.

- Ele é o homem mais alto que já vi, ombros largos e bonito como um príncipe.
 - E quanto à garota?

Jurek viajava com sua meia-irmã, Sofiya. As peles que ele não vendeu, Jurek a forçou a costurar em uma capa horrível que se arrastava atrás dela no chão.

— Eu a vi — disse a rouxinol —, e também vi a capa. Koja... seu colarinho é feito de sete caudas de raposa brancas.

Koja franziu a testa. Sua irmã morava perto de Balakirev. Ela tinha sete filhotes, todos com cauda branca.

— Vou investigar — decidiu ele, e os animais respiraram com mais facilidade, pois Koja era o mais inteligente de todos.

Koja esperou o sol se pôr e então se esgueirou para dentro de Polvost com Lula ao lado. Eles se mantiveram nas sombras, esgueirando-se por becos e se encaminhando para o centro da cidade.

Jurek e sua irmã haviam alugado uma grande casa perto das tavernas que ladeavam o Barshai Prospekt. Koja subiu nas patas traseiras e pressionou o nariz contra o vidro da janela.

O caçador sentou-se com seus amigos em uma mesa cheia de alimentos ricos – repolho encharcado de vinho e bezerro recheado com ovos de codorna, salsichas gordurosas e sálvia em conserva. Todas as lâmpadas brilhavam com óleo. O caçador havia enriquecido, de fato.

Jurek era um homem grande, mais jovem do que o esperado, mas tão bonito quanto Lula havia dito. Ele usava uma camisa de linho fina e um colete forrado de pele com um relógio de ouro enfiado no bolso. Seus olhos azuis escuros disparavam frequentemente para sua irmã, que estava sentada lendo perto do fogo. Koja não conseguiu distinguir seu rosto, mas Sofiya tinha um perfil bastante bonito, e seus delicados pés calçados de chinelos repousavam sobre a pele de um grande urso preto.

O sangue de Koja gelou ao ver a pele de seu amigo caída, espalhada tão casualmente sobre as tábuas polidas do chão. A pele de Ivan Gostov brilhava limpa e brilhante como nunca na vida e, por algum motivo, isso pareceu a Koja uma coisa muito triste. Uma criatura inferior poderia ter deixado sua dor levar o melhor dele. Ele pode ter

ido para as colinas e lugares altos, pensando que é mais sábio fugir da morte em vez de tentar ser mais esperto que ela. Mas Koja sentiu uma pergunta aqui, à qual sua mente inteligente não pôde resistir: apesar de todos os seus modos barulhentos, Ivan Gostov fora a coisa mais próxima de um rei que a floresta tinha, um adversário mortal para qualquer homem ou animal. Então, como Jurek o venceu sem ninguém saber?

Pelas próximas três noites, Koja observou o caçador, mas não aprendeu nada.

Todas as noites, Jurek comia um grande jantar. Ele saía para uma das tavernas e só voltava de madrugada. Ele gostava de beber e se gabar, e frequentemente derramava vinho em suas roupas. Ele dormia até tarde todas as manhãs, então se levantava e se dirigia para o barração de bronzeamento ou para a floresta. Jurek armou armadilhas, nadou no rio, lubrificou sua arma, mas Koja nunca o viu pegar ou matar nada.

Mesmo assim, no quarto dia, Jurek saiu do galpão de bronzeamento com algo maciço nos braços musculosos. Ele caminhou até as molduras

de madeira e ali esticou a pele do grande lobo cinza. Ninguém sabia o nome do lobo cinza, e ninguém jamais ousou perguntar isso. Ele morava em uma crista de rocha íngreme e era reservado, e dizia-se que ele havia sido expulso de sua matilha por algum crime terrível. Quando ele descia para o vale, era apenas para caçar, e então ele se movia silenciosamente como fumaça por entre as árvores. No entanto, de alguma forma, Jurek havia tomado sua pele.

Naquela noite, o caçador trouxe músicos para sua casa. Os habitantes da cidade vieram se maravilhar com a pele do lobo, e Jurek ordenou que sua irmã se levantasse de seu lugar perto do fogo para que ele pudesse colocar a horrível capa de retalhos sobre seus ombros. Os aldeões apontaram para uma pele após a outra, e Jurek os agradou com a história de como ele derrubou Illarion, o urso branco do norte, depois de sua captura dos dois linces dourados que fizeram as mangas. Ele até descreveu a captura dos sete pequenos filhotes que haviam dado suas caudas pelo colarinho da capa. Com cada palavra que

Jurek falava, o queixo de sua irmã afundava mais, até que ela estava olhando para o chão.

Koja observou o caçador sair e cortar a cabeça da pele do lobo e, enquanto os aldeões dançavam e bebiam, a irmã de Jurek se sentou e costurou, adicionando um capuz à sua capa horrível. Quando um dos músicos bateu no tambor, a agulha dela escorregou. Ela estremeceu e levou o dedo aos lábios.

O que é um pouco mais de sangue? pensou Koja. A capa poderia muito bem estar encharcada de vermelho com ele.

- Sofiya é a resposta disse Koja aos animais
 no dia seguinte. Jurek deve estar usando
 alguma magia ou truque, e sua irmã sabe disso.
- Mas por que ela nos contaria seus segredos?— perguntou Texugo Vermelho.
- Ela o teme. Eles mal falam, e ela tem o cuidado de manter distância.
- E toda noite ela tranca a porta de seu quarto
 vibrou a rouxinol —, contra seu próprio irmão.
 Há problemas aí.

Sofiya só tinha permissão para sair de casa a cada poucos dias para visitar a casa das velhas

viúvas do outro lado do vale. Ela carregava uma cesta ou às vezes puxava um trenó com uma pilha alta de peles e comida enrolada em cobertores de lã. Ela sempre usava a capa horrível e, enquanto Koja a observava avançando, ele se lembrou de um peregrino que iria cumprir sua penitência.

Durante a primeira milha, Sofiya manteve um ritmo constante e permaneceu no caminho. Mas quando ela alcançou uma pequena clareira, longe dos arredores da cidade e profunda com o silêncio da neve, ela parou. Ela desabou no tronco de uma árvore caída, colocou o rosto nas mãos e chorou.

A raposa de repente sentiu vergonha de estar olhando para ela, mas ele também sabia que esta era uma oportunidade. Ele pulou silenciosamente para a outra extremidade do tronco da árvore e disse:

— Por que você chora, garota?

Sofiya engasgou. Seus olhos estavam vermelhos, sua pele pálida manchada, mas apesar disso e de seu capuz de lobo horrível, ela ainda era adorável. Ela olhou ao redor, seus dentes regulares afundando na pele de seu lábio.

- Você deveria deixar este lugar, raposa ela
 disse. Você não está seguro aqui.
- Não tenho estado seguro desde que escorreguei gritando do corpo de minha mãe.

Ela balançou a cabeça.

- Você não entende. Meu irmão...
- O que ele quer de mim? Sou muito esquelético para comer e muito feio para vestir.

Sofiya sorriu ligeiramente.

- Seu pelo é um pouco irregular, mas você não é tão ruim assim.
- Não? disse a raposa. Devo viajar para Os Alta para pintar meu retrato?
 - O que uma raposa sabe sobre a capital?
- Eu a visitei uma vez disse Koja, pois percebeu que ela poderia gostar de uma história.
- Eu era o convidado pessoal da rainha. Ela amarrou uma fita azul em volta do meu pescoço e eu dormia em uma almofada de veludo todas as noites.

A garota riu, suas lágrimas esquecidas.

- Você fez, ora?
- Eu estava na moda. Todos os cortesãos tingiram o cabelo de vermelho e fizeram buracos

em suas roupas, na esperança de imitar meu pelo irregular.

- Entendo disse a garota. Então, por que deixar o conforto do Grande Palácio e vir para esta floresta fria?
 - Eu fiz inimigos.
 - O poodle da rainha ficou com ciúmes?
- O rei ficou ofendido com minhas orelhas grandes.
- Uma coisa perigosa disse ela. Com orelhas tão grandes, quem sabe que fofoca você pode ouvir.

Desta vez Koja riu, satisfeito que a garota mostrou alguma inteligência quando não estava presa com um bruto.

O sorriso de Sofiya vacilou. Ela se levantou e pegou sua cesta, correndo de volta pelo caminho. Mas antes de desaparecer de vista, ela fez uma pausa e disse:

— Obrigada por me fazer rir, raposa. Espero não te encontrar aqui novamente.

Mais tarde naquela noite, Lula bateu as asas em frustração.

- Você não aprendeu nada! Tudo o que você fez foi flertar.
- Foi um começo, passarinho disse Koja. Melhor se mover devagar. Então ele se lançou sobre ela, os maxilares estalando.

A rouxinol guinchou e voou para os galhos altos enquanto Texugo Vermelho ria.

— Vê? — disse a raposa. — Devemos ter cuidado com as criaturas tímidas.

Na próxima vez que Sofiya se aventurou a ir à casa das viúvas, a raposa a seguiu mais uma vez. Mais uma vez ela se sentou na clareira e novamente chorou.

Koja pulou na árvore caída.

- Diga-me, Sofiya, por que você chora?
- Você ainda está aqui, raposa? Você não sabe que meu irmão está perto? Ele vai te pegar em algum momento.
- O que seu irmão iria querer com um saco de ossos e pulgas de olhos amarelos?

Sofiya deu um pequeno sorriso.

- Amarelo é uma cor feia ela admitiu. —
 Com olhos tão grandes, acho que você vê demais.
 - Você não vai me dizer o que a incomoda?

Ela não respondeu. Em vez disso, ela enfiou a mão na cesta e tirou uma fatia de queijo.

— Está com fome?

A raposa lambeu suas costeletas. Ele esperou a manhã toda até que a garota saísse da casa do irmão e perdeu o café da manhã. Mas ele sabia que não devia comer comida da mão de um humano, mesmo que a mão fosse de pele macia e bem cuidada. Quando ele não se mexeu, a garota deu de ombros e deu uma mordida ela mesma.

- E as viúvas famintas? perguntou Koja.
- Deixe-as morrer de fome disse ela com um pouco de fogo, e enfiou outro pedaço de queijo na boca.
- Por que você fica com ele? perguntou Koja.
 Você é bonita o suficiente para conseguir um
- Voce e bonita o suficiente para conseguir um marido.
- Bonita o suficiente? disse a garota. Eu seria melhor servida por olhos amarelos e orelhas muito grandes?
- Então você seria atormentada por pretendentes.

Koja esperava que ela pudesse rir de novo, mas em vez disso Sofiya suspirou, um som triste que o vento aumentou e se elevou no céu de ardósia cinza.

— Nós nos mudamos de cidade em cidade — disse ela. — Em Balakirev quase tive um namorado. Meu irmão não gostou. Eu continuo esperando que ele encontre uma noiva ou me permita casar, mas eu não acho que ele vá.

Seus olhos se encheram de lágrimas mais uma vez.

- Venha agora disse a raposa. Que não haja mais choro. Passei minha vida encontrando uma saída para as armadilhas. Certamente posso ajudá-la a escapar de seu irmão.
- Só porque você escapou de uma armadilha,
 não significa que escapará da próxima.

Então Koja disse a ela como ele enganou sua mãe, os cães e até Ivan Gostov.

- Você é uma raposa inteligente ela admitiu quando ele terminou.
- Não disse Koja. Eu sou a mais inteligente. E isso fará toda a diferença. Agora me fale de seu irmão.

Sofiya ergueu os olhos para o sol. Já passava muito do meio-dia.

— Amanhã — ela disse. — Quando eu voltar.

Ela deixou a fatia de queijo na árvore caída e, assim que saiu, Koja cheirou-a com cuidado. Ele olhou para a direita e para a esquerda, depois engoliu tudo de uma vez e não se importou com as pobres viúvas famintas.

Koja sabia que tinha que ser especialmente cauteloso agora se esperava soltar a língua de Sofiya. Ele sabia o que era ser pego em uma armadilha. Sofiya vivia assim há muito tempo, e uma criatura inferior poderia escolher viver com medo em vez de se agarrar à liberdade. Então, no dia seguinte, ele esperou na clareira que ela voltasse da casa das viúvas, mas ficou fora de vista. Finalmente, ela veio cambaleando colina acima, arrastando o trenó atrás dela, as mantas de lã amarradas com barbante, os pesados cobertores afundando na neve. Quando ela alcançou a clareira, hesitou.

Raposa? — ela disse suavemente. — Koja?
Só então, quando ela o chamou, ele apareceu.
Sofiya deu um sorriso trêmulo. Ela afundou na árvore caída e contou à raposa sobre seu irmão.

Jurek acordava tarde, mas era regular em suas orações. Ele se banhava em água gelada e comia seis ovos no café da manhã todas as manhãs. Alguns dias ele ia à taberna, outros ele limpava peles. E às vezes ele simplesmente parecia desaparecer.

— Pense com muito cuidado — disse Koja. — Seu irmão tem algum objeto precioso? Um ícone que ele sempre carrega? Um amuleto, até mesmo uma peça de roupa sem a qual ele nunca viaja?

Sofiya considerou isso.

- Ele tem uma bolsinha que usa no chaveiro do relógio. Uma velha deu a ele anos atrás, depois que ele a salvou de um afogamento. Éramos apenas crianças, mas mesmo assim Jurek era maior do que todos os outros meninos. Quando ela caiu no Sokol, ele mergulhou atrás e a arrastou de volta para cima.
 - É querida para ele?
- Ele nunca a remove e dorme com ela embalada na palma da mão.
- Ela deve ter sido uma bruxa disse Koja. Esse encanto é o que permite que ele entre na floresta de forma tão silenciosa, sem deixar

rastros e sem fazer nenhum som. Você vai pegar dele.

O rosto de Sofiya empalideceu.

- Não ela disse. Não, eu não posso. Apesar de todo o seu ronco, meu irmão dorme levemente,
 e se ele me descobrisse em seu quarto... Ela estremeceu.
- Encontre-me aqui novamente em três dias disse Koja —, e eu terei uma resposta para você.

Sofiya se levantou e espanou a neve de sua capa horrível. Quando ela olhou para a raposa, seus olhos estavam sérios.

 Não peça muito de mim — ela disse suavemente.

Koja deu um passo para mais perto dela.

— Vou libertar você dessa armadilha — disse ele. — Sem seu charme, seu irmão terá que ganhar a vida como um homem comum. Ele terá que ficar em um lugar, e você encontrará um namorado.

Ela enrolou os cabos do trenó na mão.

— Talvez — disse Sofiya. — Mas primeiro devo encontrar minha coragem.

Demorou um dia e meio para Koja chegar aos pântanos onde crescia um pedaço de erva-gota. Ele teve o cuidado de desenterrar as plantinhas. As raízes eram mortais. As folhas seriam suficientes para cuidar de Jurek.

Quando ele voltou para sua própria floresta, os animais estavam em alvoroço. O javali, Tatya, tinha desaparecido, junto com seus três leitões. Na tarde seguinte, seus corpos foram furados e cozinhados em uma alegre fogueira na praça da cidade. Texugo Vermelho e sua família estavam fazendo as malas para partir, e eles não eram os únicos.

- Ele não deixa rastros! gritou o texugo. O rifle dele não faz barulho! Ele não é natural, raposa, e sua mente inteligente não é páreo para ele.
- Fique disse Koja. Ele é um homem, não um monstro, e uma vez que eu tenha roubado sua magia, seremos capazes de vê-lo chegando. A floresta estará segura mais uma vez.

Texugo Vermelho não parecia feliz. Ele prometeu esperar mais um pouco, mas não deixou seus filhos saírem da toca.

— Ferva-as — disse Koja a Sofiya quando a encontrou na clareira para dar-lhe as folhas de

erva-gota. — Em seguida, adicione água ao vinho e ele dormirá como um morto. Você pode tirar o charme dele sem obstáculos; apenas deixe algo inútil em seu lugar.

- Você tem certeza disso?
- Faça essa pequena coisa e você estará livre.
- Mas o que será de mim?
- Vou trazer galinhas da fazenda de Tupolev e gravetos para mantê-la aquecida. Vamos queimar o manto horrível juntos.
 - Dificilmente parece possível.

Koja disparou para frente e cutucou a mão trêmula dela uma vez com o focinho, então escorregou de volta para a floresta.

 A liberdade é um fardo, mas você aprenderá a suportá-lo. Encontre-me amanhã e tudo ficará bem.

Apesar de suas palavras corajosas, Koja passou a noite andando de um lado para o outro em sua toca. Jurek era um homem grande. E se a ervagota não fosse suficiente? E se ele acordasse quando Sofiya tentasse tirar seu precioso amuleto? E se eles tivessem sucesso? Assim que Jurek perdesse a proteção da bruxa, a floresta

estaria segura e Sofiya estaria livre. Ela iria embora então? Voltar para seu namorado em Balakirev? Ou ele poderia persuadir sua amiga a ficar?

Koja chegou à clareira no dia seguinte. Ele caminhou pelo chão frio. O vento tinha a ponta de uma lâmina e os galhos estavam nus. Se o caçador continuasse atacando os animais, eles não sobreviveriam à temporada. A floresta de Polvost seria esvaziada.

Então a forma de Sofiya apareceu à distância. Ele ficou tentado a correr para encontrá-la, mas se obrigou a esperar. Quando ele viu suas bochechas rosadas e que ela estava sorrindo sob o capuz de sua capa horrível, seu coração deu um pulo.

- Nós vamos? ele perguntou quando ela entrou na clareira, quieta como sempre. Com a bainha roçando o caminho atrás dela, era quase como se ela não tivesse deixado rastros.
- Venha disse ela, com os olhos brilhando. Sente-se ao meu lado.

Ela estendeu um cobertor de la na árvore caída e abriu sua cesta. Ela desempacotou outra fatia do delicioso queijo, um pão preto, um pote de cogumelos e uma torta de groselha coberta com mel. Então ela estendeu o punho fechado. Koja bateu nele com o nariz. Ela desenrolou os dedos.

Em sua palma estava um pequeno embrulho de pano, amarrado com um barbante azul e um pedaço de osso. Cheirava a algo podre.

Koja soltou um suspiro.

— Eu temia que ele acordasse — ele disse finalmente.

Ela balançou a cabeça.

— Ele ainda estava dormindo quando o deixei esta manhã.

Eles abriram o amuleto e olharam através dele: um pequeno botão dourado, ervas secas e cinzas. Qualquer magia que pudesse ter funcionado dentro dela era invisível para seus olhos.

— Raposa, você realmente acredita que foi isso que deu a ele seu poder?

Koja jogou os restos do charme para longe.

— Bem, não era o seu juízo.

Sofiya sorriu e puxou uma jarra de vinho da cesta. Ela serviu um pouco para si mesma e depois encheu uma pequena travessa de lata para Koja engolir. Comeram o queijo, o pão e toda a torta de groselha.

- A neve está chegando disse Sofiya enquanto olhava para o céu cinza.
 - Você vai voltar para Balakirev?
 - Não há nada para mim lá disse Sofiya.
 - Então você vai ficar para ver a neve.
- Tempo suficiente para isso. Sofiya despejou mais vinho no prato. Agora, raposa, me diga novamente como você enganou os cães.

Então Koja contou a história dos cães tolos e perguntou a Sofiya quais desejos ela poderia fazer, e em algum momento, seus olhos começaram a se fechar. A raposa adormeceu com a cabeça no colo da garota, feliz pela primeira vez desde que contemplou o mundo com seus olhos muito inteligentes.

Ele acordou com a faca de Sofiya em sua barriga, com a cutucada da lâmina quando ela começou a se mexer sob sua pele. Quando ele tentou se afastar, descobriu que suas patas estavam amarradas.

— Por quê? — ele engasgou enquanto Sofiya enfiava a faca mais fundo.

— Porque eu sou uma caçadora — ela disse com um encolher de ombros.

Koja gemeu.

- Eu queria te ajudar.
- Vocês sempre querem murmurou Sofiya.
- Poucos conseguem resistir à visão de uma menina bonita chorando.

Uma criatura inferior poderia ter implorado por sua vida, cedido ao derramamento implacável de seu sangue na neve, mas Koja lutou para pensar. Foi difícil. Sua mente inteligente estava confusa com a erva-gota.

- Seu irmão...
- Meu irmão é um idiota que mal consegue ficar na mesma sala que eu. Mas sua ganância é maior do que seu medo. Então ele fica, e bebe seu terror, e enquanto vocês estão olhando para ele e sua arma, e falando sobre bruxas, eu faço meu caminho pela floresta.

Pode ser verdade? Teria sido Jurek quem manteve distância, quem afogou o medo em garrafas de vinho, quem se manteve afastado da irmã tanto quanto podia? Teria sido Sofiya quem trouxe o lobo cinzento para casa e Jurek que encheu sua casa de gente para que ele não tivesse que ficar sozinho com ela? Como Koja, os aldeões deram a Jurek o crédito pela morte. Eles o elogiaram, exigiram histórias que não eram suas por direito. Ele tinha oferecido a cabeça do lobo como uma espécie de bálsamo para o orgulho de sua irmã?

A faca silenciosa de Sofiya afundou mais profundamente. Ela não precisava de arcos desajeitados ou rifles barulhentos. Koja choramingou de dor.

 Você é inteligente — ela disse pensativa enquanto começava a tirar a pele de suas costas. — Você nunca percebeu o trenó?

Koja agarrou seus pensamentos, procurando por sentido. Sofiya às vezes arrastava um trenó atrás dela para levar comida para a casa das viúvas. Ele se lembrou agora que também estava pesado quando ela voltou. Que horrores ela havia escondido sob aqueles cobertores de lã?

Koja testou seus laços. Ele tentou sacudir sua mente drogada de seu estupor.

 É sempre a mesma armadilha — ela disse suavemente. — Você ansiava por uma conversa. O urso ansiava por piadas. O lobo cinza sentia falta da música. O javali só queria alguém a quem contar seus problemas. A armadilha é a solidão, e nenhum de nós escapa dela. Nem mesmo eu.

- Eu sou uma raposa mágica... ele murmurou.
- Seu pelo é triste e irregular. Vou usá-lo como forro. Vou mantê-lo perto do meu coração.

Koja procurou as palavras que sempre o serviram, a inteligência que tinha sido sua corda e seu guia. Sua língua inteligente não o faria. Ele gemeu enquanto sua vida sangrava no banco de neve para regar a árvore caída. Então, desesperado e morrendo, Koja fez o que nunca tinha feito antes. Ele gritou e, bem no alto, nos galhos de sua bétula, a rouxinol ouviu.

Lula veio voando, e quando viu o que Sofiya havia feito, ela se lançou sobre ela, bicando seus olhos. Sofiya gritou e cortou o passarinho com sua faca. Mas o bico de Lula era afiado. Ela não cedeu. Na floresta, até os pássaros canoros devem ser sobreviventes.

• • •

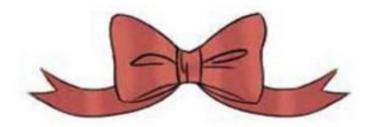
Demorou dois dias para Sofiya sair cambaleando da floresta, cega e quase morrendo de fome. Com o tempo, seu irmão encontrou uma casa mais modesta e se estabeleceu como lenhador trabalho para o qual ele se adaptava bem. Sua nova noiva estava preocupada com as divagações loucas de sua irmã sobre raposas e lobos. Com pouco pesar, Lev Jurek enviou Sofiya para morar na casa das viúvas. Elas a acolheram, cientes da caridade que ela uma vez lhes havia mostrado. Mas embora ela tenha trazido comida para elas, ela nunca ofereceu palavras calorosas companhia. Ela nunca se preocupou em torná-las suas amigas, e logo, com sua gratidão exaurida, as velhas resmungaram sobre o cuidado que Sofiya exigia e a deixaram encolhida perto do fogo em sua capa horrível.

Quanto a Koja, seu pelo nunca mais se acomodou bem. Ele tomou mais cuidado ao lidar com os humanos, até mesmo com o fazendeiro Tupolev tolo. Os outros animais também tiveram mais cuidado com Koja. Eles o provocavam menos e, quando visitavam a raposa e Lula, nunca diziam uma palavra indelicada sobre a forma como seu pelo se amontoava no pescoço.

A raposa e a rouxinol construíram uma vida tranquila juntos. Uma criatura inferior pode ter considerado os erros de Koja contra ele, pode ter zombado dele por seu orgulho. Mas Lula não era apenas inteligente. Ela era sábia.



A BRUXA DE DUVA



A Bruxa de Duva

Houve um tempo em que o bosque perto de Duva comia meninas.

Já se passaram muitos anos desde que uma criança foi levada. Mesmo assim, em noites como esta, quando o vento vem frio de Tsibeya, as mães abraçam as filhas com força e as alertam para não se afastarem muito de casa.

 Esteja de volta antes de escurecer — eles sussurram. — As árvores estão com fome esta noite.

Naqueles dias sombrios, na orla dessas mesmas florestas, vivia uma garota chamada Nadya e seu irmão, Havel, os filhos de Maxim Grushov, um carpinteiro e lenhador. Maxim era um bom homem, muito querido na aldeia. Ele fez telhados que não vazavam nem dobravam, cadeiras robustas, brinquedos quando eram necessários, e suas mãos inteligentes podiam fazer bordas tão lisas e fechar as juntas com tanta perfeição que você talvez nunca encontrasse a emenda. Ele viajou por todo o campo em busca de trabalho, para cidades tão distantes quanto Ryevost. Ele ia a

pé e em carroça de feno quando o tempo estava bom e, no inverno, atrelava seus dois cavalos pretos a um trenó, beijava seus filhos e partia na neve. Ele sempre voltava para casa com eles, carregando sacos de grãos ou um novo rolo de lã, seus bolsos cheios de doces para Nadya e seu irmão.

Mas quando a fome veio, as pessoas não tinham moedas e nada para trocar por uma mesa lindamente esculpida ou um pato de madeira. Eles usaram seus móveis como gravetos e rezaram para que sobrevivessem até a primavera. Maxim foi forçado a vender seus cavalos e depois o trenó que uma vez puxaram nas estradas cobertas de neve.

À medida que a sorte de Maxim desaparecia, o mesmo acontecia com sua esposa. Logo ela era mais fantasma do que mulher, vagando silenciosamente de sala em sala. Nadya tentou fazer sua mãe comer a pouca comida que eles tinham, desistindo de porções de nabo e batata, embrulhando o corpo frágil de sua mãe em xales e sentando-a na varanda na esperança de que o ar fresco pudesse devolver algum apetite a ela. A única coisa que ela parecia desejar eram bolinhos

feitos pela viúva Karina Stoyanova, cheirosos de flor de laranjeira e espessos com glacê. Ninguém sabia de onde Karina conseguia o açúcar – embora as velhas tivessem suas teorias, a maioria das quais envolvia um comerciante rico e solitário das cidades ribeirinhas. Chegou o degelo, depois o verão, outra colheita fracassada. Eventualmente, até mesmo os suprimentos de Karina diminuíram, e quando os pequenos bolos acabaram, a mãe de Nadya não tocou na comida nem na bebida, nem mesmo no menor gole de chá.

A mãe de Nadya morreu no primeiro dia real de inverno, quando o último pedaço de outono fugiu do ar, e qualquer esperança de um ano ameno foi com ele. Mas a morte da pobre mulher passou despercebida, porque dois dias antes de ela finalmente dar seu último suspiro fantasmagórico, outra garota desapareceu.

O nome dela era Lara Deniken, uma garota tímida com uma risada nervosa, o tipo que fica na periferia das danças da aldeia assistindo a diversão. Tudo o que encontraram dela foi um único sapato de couro, com o salto grosso de sangue com crostas. Ela foi a segunda garota perdida em poucos meses, depois que Shura Yeshevsky saiu para pendurar a roupa no varal e nunca mais voltou, deixando nada além de uma pilha de prendedores de roupa e lençóis encharcados na lama.

O medo verdadeiro apoderou-se da cidade. No passado, as meninas desapareciam a cada poucos anos. Verdade, havia rumores de meninas sendo levadas de outras aldeias de vez em quando, mas essas crianças dificilmente pareciam reais. Agora, à medida que a fome se aprofundava e o povo de Duva ficava sem, era como se tudo o que esperava na floresta tivesse ficado mais ganancioso e desesperado também.

Lara. Shura. Todas aquelas que já se foram: Betya. Ludmilla. Raiza. Nikolena. Outros nomes agora esquecidos. Naqueles dias, eles eram sussurrados como um encantamento. Os pais enviaram orações a seus santos, as meninas andavam aos pares, as pessoas observavam seus vizinhos com olhos desconfiados. Na orla da floresta, os habitantes da cidade construíram altares tortos – pilhas cuidadosas de ícones

pintados, velas de oração queimadas, pequenas pilhas de flores e contas.

Os homens resmungavam sobre ursos e lobos. Eles organizaram grupos de caça, conversaram sobre a queima de partes da floresta. O pobre e trapalhão Uri Pankin quase morreu apedrejado quando foi encontrado com uma das bonecas das meninas desaparecidas, e apenas o choro de sua mãe e sua insistência de que ela havia encontrado aquela coisa lamentável na Estrada Vestopol o salvaram.

Alguns se perguntaram se as garotas teriam simplesmente entrado na floresta, atraídas pela fome. Havia cheiros que flutuavam das árvores quando o vento soprava de uma certa maneira, cheiros impossíveis de bolinhos de carneiro ou babka de cereja azeda. Nadya quase cedeu ela mesma a eles, sentada na varanda ao lado da mãe, tentando fazer com que ela tomasse outra colher de caldo. Ela sentiu o cheiro de abóbora assada, nozes, açúcar mascavo e encontrou seus pés carregando-a escada abaixo em direção às sombras à espera, onde as árvores se mexiam e

suspiravam como se estivessem prontas para se separar dela.

Nadya estúpida, você pensa. Garotas estúpidas. Eu nunca seria tão tola. Mas você nunca conheceu a fome real. As safras têm sido boas nos últimos anos e as pessoas se esquecem de como são os tempos de vacas magras. Elas se esquecem de como as mães sufocavam bebês em seus berços para parar seus uivos famintos, ou como o caçador Leonid Gemka foi encontrado roendo o músculo da panturrilha de seu irmão quando sua cabana ficou congelada por dois longos meses.

Sentadas na varanda da casa de Baba Olya, as velhas olharam para a floresta e murmuraram:

- Khitka. A palavra arrepiou os cabelos nos braços de Nadya, mas ela não era mais uma criança, então ela riu com o irmão dessa conversa boba. Os khitkii eram espíritos malvados da floresta, sanguinários e vingativos. Mas nas histórias, eles eram conhecidos por terem fome de recém-nascidos, não de garotas adultas com idade suficiente para se casar.
- Quem pode dizer o que modela o apetite? —
 Baba Olya disse com um aceno de desprezo de sua

mão nodosa. — Talvez este aqui esteja com ciúmes. Ou com raiva.

— Talvez apenas goste do sabor de nossas garotas — disse Anton Kozar, mancando com sua única perna boa e balançando a língua de forma obscena. As velhas grasnaram como gansos e Baba Olya atirou uma pedra nele. Veterano de guerra ou não, o homem era nojento.

Quando o pai de Nadya ouviu as velhas resmungando que Duva estava amaldiçoada e exigindo que o padre dissesse bênçãos na praça da cidade, ele simplesmente balançou a cabeça.

É apenas um animal — ele insistiu. — Um lobo louco de fome.

Maxim conhecia cada caminho e canto da floresta, então ele e seus amigos pegaram seus rifles e voltaram para a floresta, cheios de determinação implacável. Mas novamente não encontraram nada e as velhas resmungaram mais alto. Que animal não deixava trilhas, nem rastros, nem vestígios de um corpo?

A suspeita se espalhou pela cidade. Aquele lascivo Anton Kozar havia retornado do front do norte muito mudado, não é? Peli Yerokin sempre

foi um menino violento. E Bela Pankin era uma mulher muito peculiar, morando naquela fazenda com seu estranho filho, Uri. Um khitka pode assumir qualquer forma. Talvez ela não tenha "encontrado" a boneca daquela menina desaparecida.

De pé na beira do túmulo de sua mãe, Nadya notou o toco gotejante de Anton e o sorriso lascivo, o magro Peli Yerokin com seu cabelo emaranhado e punhos cerrados, a carranca preocupada de Bela Pankin e o sorriso simpático da viúva Karina Stoyanova, a maneira como seus adoráveis olhos negros permaneceram no pai de Nadya enquanto o caixão que ele esculpiu com tanto cuidado era baixado para o solo duro.

O khitka pode assumir qualquer forma, mas a forma que ele mais favorecia era a de uma bela mulher.

Logo Karina parecia estar em toda parte, trazendo comida para o pai de Nadya e presentes de kvas, sussurrando em seu ouvido que alguém era necessário para cuidar dele e de seus filhos. Havel logo partiria para o recrutamento, para

treinar em Poliznaya e começar o serviço militar, mas Nadya ainda precisaria de cuidados.

— Afinal — disse Karina em sua voz quente de mel —, você não quer que ela o desonre.

Mais tarde naquela mesma noite, Nadya foi até seu pai enquanto ele bebia kvas perto do fogo. Maxim estava talhando. Quando ele não tinha nada para fazer, às vezes fazia bonecos para Nadya, embora ela já as tivesse superado há muito tempo. Sua faca afiada se movia em varreduras inquietas, deixando cachos de madeira macia no chão. Ele estava há muito tempo em casa. O verão e o outono que ele poderia ter passado procurando trabalho foram perdidos para a doença de sua esposa, e as neves do inverno logo fechariam as estradas. Enquanto sua família passava fome, seus bonecos de madeira se reuniram sobre a lareira, como um coro silencioso e inútil. Ele praguejou quando cortou o polegar e só então percebeu que Nadya estava nervosa ao lado de sua cadeira.

— Papai — disse Nadya —, por favor, não se case com Karina.

Ela esperava que ele negasse que estava pensando em tal coisa. Em vez disso, ele chupou o polegar ferido e disse:

- Por que não? Você não gosta de Karina?
- Não disse Nadya honestamente. E ela
 não gosta de mim.

Maxim riu e passou os nós dos dedos ásperos por sua bochecha.

- Doce Nadya, quem poderia não te amar?
- Papa...
- Karina é uma boa mulher disse Maxim. Os nós dos dedos dele roçaram sua bochecha novamente.
 Seria melhor se... Abruptamente, ele largou a mão e voltou o rosto para o fogo. Seus olhos estavam distantes e, quando falou, sua voz era fria e estranha, como se saísse do fundo de um poço.
 Karina é uma boa mulher ele repetiu. Seus dedos agarraram os braços da cadeira.
 Agora me deixe em paz.

Ela já o tem, pensou Nadya. Ele está sob seu feitiço.

Na noite anterior à partida de Havel para o sul, houve uma dança no celeiro da fazenda Pankin. Em anos melhores, poderia ter sido uma noite estridente, com as mesas cheias de pratos de nozes e maçãs, potes de mel e jarros de kvas apimentados. Os homens ainda bebiam e o violino tocava, mas mesmo os ramos de pinheiro e o alto brilho do precioso samovar de Baba Olya não conseguiam esconder o fato de que agora as mesas estavam vazias. E embora as pessoas pisassem e batessem palmas, não conseguiam afastar a escuridão que parecia pairar sobre a sala.

Genetchka Lukin foi escolhida Dros Koroleva, Rainha do Degelo, e dançada com todos que a convidassem, na esperança de que isso trouxesse um inverno curto, mas apenas Havel parecia verdadeiramente feliz. Ele estava indo para o exército, para carregar uma arma e comer refeições quentes do bolso do rei. Ele poderia morrer ou voltar ferido como tantos antes dele, mas nesta noite, seu rosto brilhava com o alívio de deixar Duva para trás.

Nadya dançou uma vez com o irmão, uma vez com Victor Yeronoff, depois sentou-se com as viúvas, esposas e filhos. Seus olhos caíram em Karina, perto de seu pai. Seus membros eram galhos de bétula branca; seus olhos eram gelo

sobre água negra. Maxim parecia instável em seus pés.

Khitka. A palavra caiu para Nadya dos beirais sombreados do celeiro enquanto ela observava Karina passar o braço por Maxim como o caule pálido de uma trepadeira. Nadya afastou seus pensamentos tolos e se virou para assistir Genetchka Lukin dançar, seus longos cabelos fitas vermelhas dourados trançados com brilhantes. Nadya teve vergonha de sentir uma pontada de inveja. Bobagem, ela disse a si mesma, observando Genetchka se esforçando para dançar com Anton Kozar. Ele simplesmente se levantou e balançou, um braço mantendo o equilíbrio em sua muleta, o outro segurando firmemente a cintura da pobre Genetchka. Tolice, mas ela sentia isso do mesmo jeito.

 Vá com Havel – disse uma voz em seu ombro.

Nadya quase saltou. Ela não tinha notado Karina parada ao lado dela. Ela olhou para a mulher esguia, seu cabelo escuro caindo em cachos ao redor de seu pescoço branco.

Nadya voltou seu olhar para a dança.

- Eu não posso e você sabe disso. Não tenho idade suficiente.
 Demoraria mais dois anos até que ela fosse chamada para o recrutamento.
 - Então minta.
- Esta é a minha casa Nadya sussurrou furiosamente, envergonhada pelas lágrimas que surgiram atrás de seus olhos. Você não pode simplesmente me mandar embora. Meu pai não vai deixar, ela acrescentou silenciosamente. Mas de alguma forma, ela não teve coragem de falar as palavras em voz alta.

Karina se inclinou para perto de Nadya. Quando ela sorriu, seus lábios se separaram úmidos e vermelhos ao redor do que parecia ser dentes demais.

- Havel poderia pelo menos trabalhar e caçar
 ela sussurrou. Você é apenas mais uma boca.
 Ela estendeu a mão e puxou um dos cachos de Nadya, com força. Nadya sabia que, se seu pai olhasse para ela, veria apenas uma bela mulher, sorrindo e conversando com sua filha, talvez a encorajando a dançar.
- Vou avisá-la apenas desta vez sibilou Karina Stoyanova. Vai.

No dia seguinte, a mãe de Genetchka Lukin descobriu que a filha não havia dormido em sua cama. A Rainha do Degelo nunca havia voltado para casa depois do baile. Na borda da madeira, uma fita vermelha esvoaçava dos galhos de uma bétula estreita, alguns fios de cabelo dourados saindo do nó, como se tivessem sido arrancados de sua cabeça.

Nadya ficou em silêncio enquanto a mãe de Genetchka caiu de joelhos e começou a chorar, chamando seus santos e pressionando a fita vermelha nos lábios enquanto chorava. Do outro lado da estrada, Nadya viu Karina observando, seus olhos negros, seus lábios virados para baixo como uma casca de árvore descascada, seus dedos longos e delgados como ramos de galhos em carne viva, desnudados por um vento forte.

Quando Havel se despediu, ele puxou Nadya para perto.

- Esteja segura ele sussurrou em seu ouvido.
- Como? Nadya respondeu, mas Havel não deu resposta.

Uma semana depois, Maxim Grushov e Karina Stoyanova se casaram na pequena capela caiada no centro da cidade. Não havia comida para uma festa de casamento e não havia flores para o cabelo da noiva, mas ela usava o kokoshnik¹ de pérola da avó e todos concordaram que, embora as pérolas fossem provavelmente falsas, ela estava adorável do mesmo jeito.

Naquela noite, Nadya dormiu no quarto da frente de Baba Olya para que a noiva e o noivo pudessem ficar sozinhos. De manhã, quando voltou para casa, encontrou a casa silenciosa, o casal ainda estava deitado. Na mesa da cozinha estava uma garrafa de vinho virada e os restos do que devia ser um bolo, as migalhas ainda cheirando a flor de laranjeira. Parecia que Karina ainda tinha um pouco de açúcar sobrando, afinal.

Nadya não se conteve. Ela lambeu o prato.

• • •

Apesar da ausência de Havel, a casa parecia lotada agora. Maxim vagava pelos aposentos, incapaz de ficar parado por mais que alguns minutos. Ele parecia calmo depois do casamento, quase feliz,

¹ Chapéu feminino tradicional russo.

mas a cada dia que passava, ele ficava mais inquieto. Ele bebia e amaldiçoava sua falta de trabalho, seu trenó perdido, seu estômago vazio. Ele perdia a cabeça para Nadya e se virava quando ela chegava muito perto, como se ele mal pudesse suportar a visão dela.

Nas raras ocasiões em que Maxim mostrava a Nadya algum afeto, Karina aparecia, pairando na porta, seus olhos negros gananciosos, um trapo se retorcendo em suas mãos estreitas. Ela ordenava que Nadya fosse para a cozinha e a sobrecarregava com alguma tarefa ridícula, ordenando que ela ficasse fora do caminho de seu pai.

Nas refeições, Karina observava Nadya comer como se cada mordida no caldo diluído fosse uma ofensa, como se cada arranhão da colher de Nadya cavasse um pouco mais a barriga de Karina, alargando o buraco dentro dela.

Pouco mais de uma semana se passou antes que Karina segurasse o braço de Nadya e acenasse com a cabeça em direção à floresta.

- Vá verificar as armadilhas disse ela.
- Está quase escuro protestou Nadya.

- Não seja tola. Há muita luz. Agora vá e seja útil e não volte sem um coelho para o nosso jantar.
 - Onde está meu pai? Nadya exigiu.
- Ele está com Anton Kozar, jogando cartas e bebendo, e tentando esquecer que foi amaldiçoado por uma filha inútil.
 Karina deu um forte empurrão em Nadya para fora da porta.
 Vá, ou direi a ele que peguei você com Victor Yeronoff.

Nadya desejava marchar para os quartos miseráveis de Anton Kozar, arrancar a garrafa das mãos de seu pai, dizer a ele que queria sua casa de volta desta perigosa estranha de olhos escuros. E se ela tivesse certeza de que seu pai ficaria do lado dela, ela poderia ter feito exatamente isso.

Em vez disso, Nadya entrou na floresta.

Quando as duas primeiras armadilhas ficaram vazias, ela ignorou seu coração batendo forte e as sombras que se alongavam e se forçou a seguir em frente, seguindo as pedras brancas que Havel usara para marcar o caminho. Na terceira armadilha, ela encontrou uma lebre marrom, tremendo de medo. Ela ignorou o apito em pânico de seus pulmões enquanto quebrava seu pescoço

com uma única torção determinada e sentiu seu corpo quente ficar mole. Enquanto caminhava para casa com seu prêmio, ela se permitiu imaginar o prazer de seu pai com a refeição da noite. Ele diria que ela era corajosa e tola por ir para a floresta sozinha, e quando ela lhe contasse que sua nova esposa havia insistido, ele mandaria Karina de sua casa para sempre.

Mas quando ela entrou na casa, Karina estava esperando, seu rosto pálido de fúria. Ela agarrou Nadya, arrancou o coelho de suas mãos e a empurrou para o quarto. Nadya ouviu o ferrolho deslizar para a posição correta. Por um longo tempo, ela bateu na porta, gritando para ser solta. Mas quem estava lá para ouvi-la?

Finalmente, fraca de fome e frustração, ela deixou suas lágrimas rolarem. Ela se enrolou em sua cama, abalada por soluços, mantida acordada pelo ronco oco de seu intestino. Ela sentia falta de Havel. Ela sentia falta da mãe. Tudo o que ela comeu foi um pedaço de nabo no café da manhã, e ela sabia que se Karina não tivesse tirado a lebre dela, ela o teria rasgado e comido cru.

Mais tarde, ela ouviu a porta da casa abrir com estrondo, ouviu os passos vacilantes de seu pai vindo pelo corredor, o arranhar hesitante de seus dedos em sua porta. Antes que ela pudesse responder, ela ouviu a voz de Karina. sussurrando, sussurrando. Silêncio, o farfalhar de tecido, um baque seguido por um gemido, então o baque constante de corpos contra a parede. Nadya apertou o travesseiro contra as orelhas, tentando abafar suas calças e gemidos, certa de que Karina sabia que ela podia ouvir e que isso era algum tipo de punição. Ela enterrou a cabeça sob as cobertas, não conseguiu escapar daquele ritmo mas envergonhado e frenético, acompanhando o eco da voz de Karina naquela noite no baile: Vou avisála apenas desta vez. Vá. Vá. Vá.

No dia seguinte, o pai de Nadya não se levantou antes do meio-dia. Quando ele entrou na cozinha e Nadya lhe entregou o chá, ele se afastou dela, os olhos correndo pelo chão. Karina estava na bacia, o rosto contraído, misturando um lote de soda cáustica.

[—] Vou para a casa de Anton — disse Maxim.

Nadya queria implorar a ele para não deixá-la, mas mesmo em sua própria cabeça, o apelo parecia idiota. No momento seguinte, ele se foi.

Desta vez, quando Karina a segurou e disse:

Vá verificar as armadilhas — Nadya não discutiu.

Ela enfrentou a floresta uma vez e faria de novo. Desta vez, ela limparia e cozinharia o coelho sozinha e voltaria para casa com a barriga cheia, forte o suficiente para enfrentar Karina com ou sem a ajuda de seu pai.

A esperança a tornou teimosa. Quando as primeiras rajadas de neve caíram, Nadya seguiu em frente, passando de uma armadilha vazia para a próxima. Foi só quando a luz começou a diminuir que ela percebeu que não conseguia mais distinguir os marcadores de pedra branca de Havel.

Nadya parou na neve que caía e girou em um círculo lento, em busca de algum sinal familiar que a levasse de volta ao caminho. As árvores eram barras negras de sombra. O solo subia e descia em ondas suaves e ondulantes. A luz estava opaca e difusa. Não havia como saber qual seria o

caminho para casa. Ao seu redor havia silêncio, quebrado apenas pelo uivo do vento crescente e sua própria respiração áspera, enquanto a floresta deslizava para a escuridão.

E então ela sentiu o cheiro, quente e doce, uma nuvem perfumada que chamuscou as bordas de suas narinas: açúcar queimando.

A respiração de Nadya veio em pequenos suspiros frenéticos, e mesmo enquanto seu terror crescia, sua boca começou a aguar. Ela pensou no coelho, arrancado da armadilha, na batida rápida de seu coração, no branco giratório de seus olhos. Algo roçou nela no escuro. Nadya não parou para pensar; ela correu.

Ela caiu às cegas na floresta, os galhos batendo em suas bochechas, seus pés se enredando em espinheiros carregados de neve, sem saber se ela ouvia seus próprios passos desajeitados ou algo babando atrás dela, algo com dentes apinhados e longos dedos brancos que agarraram a bainha do casaco dela.

Quando ela vislumbrou o brilho da luz filtrando-se pelas árvores à frente, por um momento delirante, ela pensou que, de alguma forma, tinha chegado em casa. Mas quando ela irrompeu na clareira, ela viu que a silhueta da cabana diante dela estava totalmente errada. Era magra e torta, com luzes que brilhavam em todas as janelas. Ninguém em sua aldeia jamais desperdiçaria velas dessa maneira.

A cabana pareceu se mexer, quase como se estivesse se virando para recebê-la. Ela hesitou e deu um passo para trás. Um galho quebrou atrás dela. Ela correu para a porta pintada da cabana.

Nadya sacudiu a maçaneta, fazendo a lanterna balançar.

— Me ajude! — ela chorou. E a porta se abriu. Ela deslizou para dentro, batendo com força atrás dela. Foi um baque que ela ouviu? O arranhar frustrado de patas? Era difícil dizer sobre os soluços roucos que saíam de seu peito. Ela ficou com a testa pressionada contra a porta, esperando que seu coração parasse de martelar, e só então, quando conseguiu respirar fundo, ela se virou.

A sala estava quente e dourada, como a parte interna de um pãozinho de groselha, espessa com o cheiro de carne marrom e pão recém-assado. Cada superfície brilhava como nova, alegremente

pintada com folhas e flores, animais e pessoas minúsculas, a tinta tão fresca e brilhante que doía olhar para ela depois das superfícies cinzentas opacas de Duva.

Na parede oposta, uma mulher estava em frente a uma enorme cozinha negra que se estendia por toda a extensão da sala. Vinte panelas diferentes ferviam em cima dela, algumas pequenas e cobertas, outras grandes e quase borbulhando. O forno abaixo tinha duas portas de ferro com dobradiças que se abriam a partir do centro e era tão grande que um homem poderia estar deitado nele em todo seu comprimento. Ou pelo menos uma criança.

A mulher ergueu a tampa de uma das panelas e uma nuvem de vapor perfumado flutuou em direção a Nadya. Cebolas Alazão. Caldo de galinha. A fome veio sobre ela, mais penetrante e consumidora do que seu medo. Um rosnado baixo escapou de seus lábios e ela levou a mão à boca.

A mulher olhou por cima do ombro.

Ela era velha, mas não feia, sua longa trança cinza amarrada com uma fita vermelha. Nadya olhou para aquela fita e hesitou, pensando em Genetchka Lukin. Os cheiros de açúcar e cordeiro e alho e manteiga, todos em camadas uns sobre os outros, a fizeram tremer de desejo.

Um cachorro estava enrolado em uma cesta, roendo um osso, mas quando Nadya olhou mais de perto viu que não era um cachorro, mas um ursinho com uma coleira dourada.

— Você gosta de Vladchek?

Nadya acenou com a cabeça.

A mulher colocou um prato cheio de ensopado na mesa.

- Sente-se disse a mulher ao voltar ao fogão.
- Coma.

Nadya tirou o casaco e pendurou-o na porta. Ela tirou as luvas úmidas das mãos e sentou-se cuidadosamente à mesa. Ela ergueu a colher, mas ainda hesitou. Ela sabia pelas histórias que você não deve comer na mesa de uma bruxa.

Mas no final, ela não resistiu. Ela comeu o ensopado, cada mordida quente e saborosa, depois rolinhos escamosos, ameixas em calda, pudim de ovo e um bolo de rum espesso com passas e açúcar mascavo. Nadya comia e comia enquanto a mulher cuidava das panelas no fogão,

às vezes cantarolando um pouco enquanto trabalhava.

Ela está me engordando, pensou Nadya, suas pálpebras ficando pesadas. Ela vai esperar que eu adormeça, então me enfiará no forno e me cozinhará para fazer mais ensopado. Mas Nadya descobriu que não se importava. A mulher colocou um cobertor perto do fogão, ao lado da cesta de Vladchek, e Nadya caiu no sono, feliz por pelo menos morrer de barriga cheia.

Mas quando ela acordou na manhã seguinte, ela ainda estava inteira e a mesa estava posta com uma tigela quente de mingau, torradas de centeio com manteiga e pratos de arenque brilhante nadando em óleo.

A velha se apresentou como Magda, depois se sentou em silêncio, chupando uma ameixa açucarada, observando Nadya comer seu café da manhã.

Nadya comeu até doer o estômago, enquanto lá fora a neve continuava a cair. Quando ela terminou, ela colocou sua tigela vazia no chão, onde Vladchek a lambeu para limpá-la. Só então

Magda cuspiu o caroço de ameixa na palma da mão e disse:

- O que você quer?
- Eu quero ir para casa Nadya respondeu.
- Entao vá.

Nadya olhou para fora para onde a neve ainda estava caindo.

- Eu não posso.
- Pois bem disse Magda. Venha me ajudar a mexer a panela.

Pelo resto do dia, Nadya cerziu meias, esfregou panelas, picou ervas e xaropes coados. Ela ficou no fogão por longas horas, seu cabelo ondulando com o calor e o vapor, mexendo em muitas panelas pequenas e se perguntando o tempo todo o que poderia acontecer com ela. Naquela noite comeram folhas de couve recheadas, ganso assado crocante, travessas de creme de damasco.

No dia seguinte, Nadya tomou o café da manhã com um blini² encharcado de manteiga recheado com cerejas e creme. Quando ela terminou, a bruxa perguntou a ela:

² Panqueca russa.

- O que é que você quer?
- Eu quero ir para casa disse Nadya, olhando para a neve que ainda caia do lado de fora. Mas eu não posso.
- Pois bem disse Magda. Venha me ajudar a mexer a panela.

Era assim que acontecia, dia após dia, enquanto a neve caía e enchia a clareira, erguendo-se ao redor da cabana em grandes ondas brancas.

Na manhã em que a neve finalmente parou, a bruxa alimentou Nadya com torta de batata e salsichas e perguntou a ela:

- O que é que você quer?
- Eu quero ir para casa disse Nadya.
- Pois bem disse Magda. É melhor você começar a escavar.

Então Nadya pegou a pá e abriu caminho ao redor da cabana, acompanhada por Vladchek fungando na neve ao lado dela e um corvo sem olhos que Magda alimentava de migalhas de centeio e que às vezes se empoleirava no ombro da bruxa. À tarde, Nadya comeu um pedaço de pão preto com queijo de pasta mole e um prato de

maçãs assadas. Magda deu a ela uma caneca de chá quente com açúcar e ela saiu.

Quando ela finalmente alcançou a borda da clareira, ela se perguntou para onde deveria ir. A geada havia chegado. A floresta era uma massa congelada de neve e galhos emaranhados. O que pode estar esperando por ela lá? E mesmo se ela pudesse atravessar a neve profunda e encontrar o caminho de volta para Duva, o que aconteceria? Uma tentativa de abraço de seu pai obstinado? Muito pior de sua esposa com olhos famintos? Nenhum caminho poderia levá-la de volta à casa que ela conhecia. O pensamento abriu uma fenda sombria dentro dela, uma fissura por onde o frio se infiltrava. Por um momento terrível, ela não era nada além de uma garota perdida, sem nome e indesejada. Ela poderia ficar lá para sempre, uma pá na mão, sem ninguém para chamar de lar. Nadya girou nos calcanhares e correu de volta para os confins quentes da cabana, sussurrando seu próprio nome em voz baixa como se pudesse esquecê-lo.

Cada dia, Nadya trabalhou. Ela limpou o chão, tirou o pó das prateleiras, consertou roupas, retirou a neve com uma pá e raspou o gelo das janelas. Mas principalmente, ela ajudou Magda com sua cozinha. Nem tudo era comida. Havia tônicos e pomadas, pastas de cheiro amargo, pós cor de joias acondicionados em pequenas caixas esmaltadas, tinturas em frascos de vidro marrom. Sempre havia algo estranho sendo preparado naquele fogão.

Logo ela aprendeu o porquê.

Eles chegaram tarde da noite, quando a lua estava nascendo, avançando por quilômetros de gelo e neve, homens e mulheres em trenós e pôneis peludos, até mesmo a pé. Eles trouxeram ovos, potes de conservas, sacos de farinha, fardos de trigo. Eles trouxeram peixe defumado, blocos de sal, rodas de queijo, garrafas de vinho, latas de chá e saco após saco de açúcar, pois não havia como negar o desejo de Magda por doces. Eles clamaram por poções de amor e venenos indetectáveis. Eles imploraram para se tornarem bonitos, saudáveis, ricos.

Sempre, Nadya ficou escondida. Por ordem de Magda, ela subiu alto nas prateleiras da despensa. Fique aí e fique quieta — disse Magda. — Eu não preciso de rumores de que tenho namorado garotas.

Então, Nadya sentou-se com Vladchek, mordiscando um biscoito de especiarias ou chupando um pedaço de alcaçuz preto, observando Magda trabalhar. Ela poderia ter se anunciado a esses estranhos a qualquer momento, implorado para ser levada para casa ou receber abrigo, gritado que tinha sido presa por uma bruxa. Em vez disso, ela ficou em silêncio, o açúcar derretendo em sua língua, observando enquanto eles se aproximavam daquela velha, como se voltavam para ela com desespero, com ressentimento, mas sempre com respeito.

Magda deu-lhes colírios para os olhos, tônicos para o couro cabeludo. Ela passou as mãos sobre suas rugas, bateu no peito de um homem até que ele cortou a bile negra. Nadya nunca teve certeza de quanto era real e quanto era mostrado até a noite em que a mulher de pele de cera apareceu.

Ela era magra, como todos eles, seu rosto uma caveira de buracos esculpidos. Magda fez a

pergunta que fazia a todos que batiam em sua porta:

— O que é que você quer?

A mulher desabou em seus braços, chorando, enquanto Magda murmurava palavras suaves, acariciava sua mão, enxugava as lágrimas. Elas conferenciaram em vozes muito baixas para Nadya decifrar, e antes que a mulher saísse, ela tirou uma pequena bolsa do bolso e balançou o conteúdo na palma da mão de Magda. Nadya esticou o pescoço para ver melhor, mas a mão de Magda se fechou rápido demais.

No dia seguinte, Magda mandou Nadya sair de casa para tirar a neve. Quando voltou na hora do almoço, foi enxotada de volta com uma xícara de ensopado de bacalhau. O anoitecer veio, e quando Nadya terminou de borrifar sal ao longo das margens do caminho, o cheiro de pão de gengibre chegou até ela, rico e picante, enchendo seu nariz até que ela se sentiu quase bêbada.

Durante todo o jantar, ela esperou que Magda abrisse o forno, mas quando a refeição acabou, a velha colocou um pedaço do bolo de limão do dia anterior diante dela. Nadya encolheu os ombros. Quando ela pegou o creme, ela ouviu um som suave, um gorgolejo. Ela olhou para Vladchek, mas o urso estava dormindo profundamente, roncando suavemente.

E então ela ouviu novamente, um gorgolejo seguido por um murmúrio queixoso. De dentro do forno.

Nadya se afastou da mesa, quase derrubando sua cadeira, e olhou para Magda, horrorizada, mas a bruxa não se encolheu.

Uma batida soou na porta.

— Vá para a despensa, Nadya.

Por um momento, Nadya pairou entre a mesa e a porta, pega como uma mosca que ainda pode se libertar da teia. Então ela recuou para a despensa, parando apenas para agarrar a gola de Vladchek e arrastá-lo com ela para a prateleira de cima, confortada por seu fungar sonolento e a sensação quente de seu pelo sob suas mãos.

Magda abriu a porta. A mulher com rosto de cera esperava na soleira, quase como se ela tivesse medo de se mover. Magda embrulhou as mãos em toalhas e abriu as portas de ferro do forno. Um grito estridente encheu a sala. A mulher agarrou-

se aos batentes da porta quando seus joelhos se dobraram, depois pressionou as mãos contra a boca, o peito arfando, as lágrimas escorrendo pelo rosto pálido. Magda envolveu o bebê ruivo em um lenço vermelho e o entregou, contorcendo-se e choramingando, nos braços estendidos e trêmulos da mulher.

— Milaya — sussurrou a mulher. Doce menina. Ela deu as costas para Magda e desapareceu na noite, sem se preocupar em fechar a porta atrás dela.

No dia seguinte, Nadya deixou seu café da manhã intocado, colocando sua tigela fria de mingau no chão para Vladchek. Ele torceu o nariz para aquilo até Magda colocá-lo de volta no fogão para esquentar.

Antes que Magda pudesse fazer sua pergunta, Nadya disse:

- Aquela não era uma criança de verdade. Por que ela pegou?
 - Era bastante real.
- O que vai acontecer com ele? O que irá acontecer com ela? — Nadya perguntou, um tom selvagem em sua voz.

- No final, não passará de migalhas disse
 Magda.
- E depois? Você vai apenas fazer outra para ela?
- A mãe estará morta muito antes disso. Ela tem a mesma febre que levou seu filho.
- Então cure-a! Nadya gritou, batendo na mesa com sua colher não usada.
- Ela não pediu para ser curada. Ela pediu um filho.

Nadya colocou as luvas e saiu para o quintal. Ela não entrou para almoçar. Ela pretendia pular o jantar também, para mostrar o que pensava de Magda e sua terrível magia. Mas, quando a noite caiu, seu estômago estava roncando, e quando Magda colocou um prato de pato fatiado com molho de caçador, Nadya pegou o garfo e a faca.

- Eu quero ir para casa ela murmurou para seu prato.
 - Então vá disse Magda.

• • •

O inverno se arrastava com geada e frio, mas as lâmpadas sempre ardiam douradas na pequena cabana. As bochechas de Nadya ficaram rosadas e suas roupas ficaram justas. Aprendeu a misturar os tônicos de Magda sem olhar as receitas e a fazer um bolo de amêndoa em forma de coroa. Ela aprendeu quais ervas eram valiosas e quais eram perigosas, e quais ervas eram valiosas porque eram perigosas.

Nadya sabia que havia muito que Magda não ensinava a ela. Ela disse a si mesma que estava feliz com isso, que não queria nada com as abominações de Magda. Mas às vezes ela sentia sua curiosidade agarrando-a como um tipo diferente de fome.

E então, uma manhã, ela acordou com o bater do bico do corvo cego no peitoril e o gotejamento de neve derretida dos beirais. O sol forte brilhou através das janelas. O degelo havia chegado.

Naquela manhã, Magda serviu pãezinhos doces com geleia de ameixa, um prato de ovos cozidos e verduras amargas. Nadya comeu e comeu, com medo de chegar ao fim da refeição, mas acabou não conseguindo dar outra mordida.

O que é que você quer? — perguntou Magda.Desta vez, Nadya hesitou, com medo.

- Se eu for, não poderia simplesmente...
- Você não pode ir e vir deste lugar como se estivesse pegando água de um poço. Não vou permitir que você traga um monstro até minha porta.

Nadya estremeceu. Um monstro. Então ela estava certa sobre Karina.

— O que é que você quer? — perguntou Magda novamente.

Nadya pensou em Genetchka dançando, na nervosa Lara, em Betya e Ludmilla, nas outras que ela nunca conhecera.

— Eu quero que meu pai seja livre de Karina. Eu quero que Duva esteja segura. Eu quero ir para casa.

Gentilmente, Magda estendeu a mão e tocou a mão esquerda de Nadya – primeiro o dedo anelar, depois o mindinho. Nadya pensou na mulher com rosto de cera, na bolsinha que ela esvaziou na palma da mão da bruxa.

— Pense nisso — disse Magda.

Na manhã seguinte, quando Magda foi preparar o café da manhã, ela encontrou o cutelo que Nadya havia colocado ali.

Por dois dias, o cutelo permaneceu intocado sobre a mesa, enquanto mediam, peneiravam e misturavam, fazendo lote após lote de massa. Na segunda tarde, quando o trabalho mais difícil foi concluído, Magda voltou-se para Nadya

 Você sabe que é bem-vinda para ficar aqui comigo — disse a bruxa.

Nadya estendeu a mão.

Magda suspirou. O cutelo brilhou uma vez no sol da tarde, a borda brilhando no cinza opaco do aço Grisha, então caiu com um som como um tiro.

Ao ver seus dedos desamparados sobre a mesa, Nadya desmaiou.

Magda curou os tocos dos dedos de Nadya, amarrou sua mão e a deixou descansar. E enquanto ela dormia, Magda pegou os dois dedos e os reduziu a uma refeição vermelha úmida que ela misturou à massa.

Quando Nadya acordou, elas trabalharam lado a lado, moldando a menina de gengibre em uma prancha úmida do tamanho de uma porta, depois a empurraram para o forno em chamas.

A menina de gengibre cozinhou a noite toda, enchendo a cabana com um cheiro maravilhoso.

Nadya sabia que estava sentindo o cheiro de seus próprios ossos e sangue, mas ainda assim sua boca encheu de água. Ela cochilou. Perto do amanhecer, as portas do forno se abriram e a menina de gengibre rastejou para fora. Ela atravessou a sala, abriu a janela e deitou-se no balcão para se refrescar.

De manhã, Nadya e Magda assistiram a menina de gengibre, polvilharam-na com açúcar, aplicaram-lhe os lábios glaceados e grossas cordas de glacê para fazer o cabelo.

Finalmente, elas a vestiram com as roupas e botas de Nadya e a colocaram no caminho em direção a Duva.

Comeram uma pequena refeição de arenque e ovos moles para manter as forças. Então Magda sentou Nadya à mesa e pegou um pequeno pote de um dos armários. Ela abriu a janela e o corvo negro sem olhos veio descansar na mesa, pegando as migalhas que a garota de gengibre havia deixado para trás.

Magda despejou o conteúdo do frasco na palma da mão e o estendeu para Nadya.

— Abra a boca — disse ela.

Na mão de Magda, flutuando em uma poça de fluido brilhante, estava um par de olhos azuis brilhantes. Os olhos de filhote.

— Não engula — disse Magda severamente —, e não vomite.

Nadya fechou os olhos e forçou os lábios a se separarem. Ela tentou não engasgar quando os olhos do corvo pousaram em sua língua.

— Abra seus olhos — ordenou Magda.

Nadya obedeceu e, quando o fez, toda a sala havia mudado. Ela se viu sentada em uma cadeira, os olhos ainda fechados, Magda ao lado dela. Ela tentou levantar as mãos, mas descobriu que, em vez disso, suas asas se ergueram. Ela pulou em seus pequenos pés de galinha e soltou um grito assustado de surpresa.

Magda a enxotou até a janela e Nadya, exultante com a sensação de suas asas e o vento se espalhando sob elas, não viu a tristeza no olhar da velha.

Nadya se ergueu no ar em um grande arco giratório, mergulhando suas asas, aprendendo a senti-las, cortando as longas sombras da tarde cada vez menores. Ela viu a floresta espalhada abaixo dela, a clareira e a cabana de Magda. Ela viu os picos irregulares do Petrazoi à distância e, deslizando mais abaixo, viu o caminho da menina de gengibre pela floresta. Ela mergulhou e disparou entre as árvores, sem medo da floresta pela primeira vez desde que conseguia se lembrar.

Ela circulou por Duva, viu a rua principal, o cemitério, dois novos altares dispostos. Mais duas meninas morreram durante o longo inverno, enquanto ela engordava na mesa da bruxa. Elas seriam as últimas. Ela gritou e mergulhou ao lado da menina de gengibre, empurrando-a para a frente, sua soldado, sua campeã.

Nadya assistiu de um varal enquanto a menina de gengibre cruzava a clareira para a casa de seu pai. Lá dentro, ela podia ouvir vozes discutindo. Ele sabia o que Karina tinha feito? Ele tinha começado a suspeitar do que ela realmente era?

A menina de gengibre bateu e as vozes se aquietaram. Quando a porta se abriu, seu pai semicerrou os olhos no crepúsculo. Nadya ficou chocada com o preço que o inverno havia cobrado dele. Seus ombros largos pareciam curvados e estreitos, e, mesmo à distância, ela podia ver a

maneira como a pele pendia solta em seu corpo. Ela esperou que ele gritasse de horror com o monstro que estava diante dele.

— Nadya? — Maxim engasgou. — Nadya! — Ele puxou a menina de gengibre em seus braços com um grito áspero.

Karina apareceu atrás dele na porta, rosto pálido, olhos arregalados. Nadya sentiu uma pontada de decepção. De alguma forma, ela imaginou que Karina daria uma olhada na menina de gengibre e viraria pó, ou que a visão de Nadya viva e bem em sua porta a forçaria a deixar escapar alguma confissão horrível.

Maxim puxou a menina de gengibre para dentro e Nadya desceu até o parapeito da janela para espiar através do vidro.

A casa parecia mais apertada e cinza do que nunca depois do calor da cabana de Magda. Ela viu que a coleção de bonecas de madeira sobre a lareira havia aumentado.

O pai de Nadya acariciou o braço marrom polido da menina de gengibre, enchendo-a de perguntas, mas a menina de gengibre permaneceu em silêncio, encolhida perto do fogo. Nadya nem tinha certeza de que conseguia falar.

Maxim não pareceu notar seu silêncio. Ele balbuciou, rindo, chorando, balançando a cabeça maravilhado. Karina pairou atrás dele, observando como sempre fazia. Havia medo em seus olhos, mas algo mais também, algo preocupante que parecia quase gratidão.

Então Karina deu um passo à frente, tocou a bochecha macia da menina de gengibre, seu cabelo fosco. Nadya esperou, certa de que Karina seria chamuscada, que soltasse um grito quando a carne de sua mão se descascasse como uma casca de árvore, revelando não ossos, mas galhos e a forma monstruosa do khitka sob sua linda pele.

Em vez disso, Karina baixou a cabeça e murmurou o que poderia ter sido uma oração. Ela tirou o casaco do cabide.

- Eu estou indo para a casa de Baba Olya.
- Sim, sim disse Maxim distraidamente, incapaz de desviar o olhar de sua filha.

Ela está fugindo, Nadya percebeu com horror. E a menina de gengibre não estava fazendo nenhum movimento para impedi-la. Karina enrolou a cabeça em um lenço, calçou as luvas e saiu pela porta, fechando-a atrás de si sem olhar para trás.

Nadya saltou e grasnou do parapeito da janela.

Eu a seguirei, ela pensou. Vou bicar seus olhos.

Karina se abaixou, pegou uma pedra do caminho e a atirou em Nadya.

Nadya soltou um grasnido indignado.

Mas quando Karina falou, sua voz era gentil.

- Voe para longe agora, passarinho ela disse.
- É melhor não ver algumas coisas. Então ela desapareceu no crepúsculo.

Nadya bateu as asas, sem saber o que fazer. Ela olhou para trás pela janela.

Seu pai puxou a menina de gengibre para o colo e estava acariciando seus cabelos brancos.

— Nadya — ele disse de novo e de novo. — Nadya. — Ele esfregou o nariz na carne marrom de seu ombro e pressionou os lábios em sua pele.

Lá fora, o pequeno coração de Nadya batia contra seus ossos ocos.

— Perdoe-me — murmurou Maxim, as lágrimas em suas bochechas dissolvendo a curva suave de glacê em seu pescoço.

Nadya estremeceu. Suas asas batendo inútil e desesperadamente no vidro. Mas a mão de seu pai escorregou por baixo da bainha de sua saia, e a menina de gengibre não se mexeu.

Não sou eu, Nadya disse a si mesma. Não de verdade. Não sou eu.

Ela pensou na inquietação de seu pai, em seus cavalos perdidos, em seu trenó precioso. Antes disso... antes disso, haviam desaparecido garotas de outras cidades, uma aqui, outra ali. Histórias, rumores, crimes distantes. Mas então a fome chegou, o longo inverno, e Maxim foi preso, forçado a caçar perto de casa.

— Eu tentei parar — disse ele enquanto puxava sua filha para perto. — Acredite em mim — ele implorou. — Diga que você acredita em mim.

A menina de gengibre ficou em silêncio.

Maxim abriu a boca molhada para beijá-la novamente, e o som que ele fez foi algo entre um gemido e um suspiro enquanto seus dentes se afundavam na doçura de seu ombro.

O suspiro se transformou em um soluço quando ele mordeu.

Nadya observou seu pai consumir a menina de gengibre, mordida por mordida, membro por membro. Ele chorou enquanto comia, mas não parava e, quando terminou, o fogo estava frio na lareira. Quando terminou, ele se deitou no chão, com a barriga dilatada, os dedos pegajosos, a barba com crostas de migalhas. Só então o corvo se afastou.

Eles encontraram o pai de Nadya lá na manhã seguinte, suas entranhas rompidas e fedendo a podridão. Ele havia passado a noite de joelhos, vomitando sangue e açúcar. Karina não estava em casa para ajudá-lo. Quando pegaram as tábuas do assoalho manchadas de sangue, encontraram um estoque de objetos, entre eles um livro de orações infantil, uma pulseira de contas de vidro, o resto das fitas vermelhas vivas que Genetchka usara no cabelo na noite do baile e o de avental branco de Lara Deniken, bordado com seus pontos desajeitados, os cordões manchados de sangue. Da lareira, as bonequinhas de madeira olhavam.

Nadya voou de volta para a cabana da bruxa, voltou para seu corpo com as palavras suaves de Magda e Vladchek lambendo sua mão flácida. Ela passou longos dias em silêncio, trabalhando ao lado de Magda, apenas beliscando sua comida.

Não foi em seu pai que ela pensou, mas em Karina. Karina, que encontrou maneiras de visitar a casa deles quando a mãe de Nadya adoeceu, que encheu os quartos quando Havel saiu, mantendo Nadya por perto. Karina, que levou Nadya para a floresta, para que não houvesse mais nada para seu pai usar a não ser um fantasma. Karina que se entregou a um monstro, na esperança de salvar apenas uma garota.

Nadya esfregou, cozinhou e limpou o jardim, e pensou em Karina sozinha com Maxim durante o longo inverno, temendo suas ausências, ansiando por elas, procurando na casa alguma maneira de provar suas suspeitas, seus dedos arranhando pisos e armários, procurando as emendas secretas escondidas pelas mãos hábeis do carpinteiro.

Em Duva, falava-se em queimar o corpo de Maxim Grushov, mas no final eles o enterraram sem as orações dos santos, em solo rochoso onde até hoje nada cresce. Os corpos das meninas perdidas nunca foram encontrados, embora ocasionalmente um caçador encontre um estoque

de ossos na madeira, um pente de concha ou um sapato.

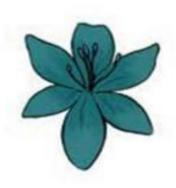
Karina mudou-se para outra pequena cidade. Quem sabe o que aconteceu com ela? Poucas coisas boas acontecem a uma mulher sozinha. O irmão de Nadya, Havel, serviu na campanha do norte e voltou para casa como um herói. Quanto a Nadya, ela morava com Magda e aprendeu todos os truques da velha, magia que é melhor não falar em uma noite como esta. Há quem diga que, quando a lua está nascendo, ela ousa coisas que nem mesmo Magda tentaria.

Agora você sabe quais monstros se escondiam na floresta perto de Duva, e se você encontrar um urso com uma coleira dourada, poderá saudá-lo pelo nome. Portanto, feche bem a janela e certifique-se de que a trava está bem fechada. As coisas sombrias costumam entrar em espaços estreitos. Vamos comer alguma coisa boa?

Pois bem, venha me ajudar a mexer a panela.



PEQUENO PUNHAL



Pequeno Punhal

É PERIGOSO VIAJAR PELA estrada do norte com o coração atribulado. Ao sul de Arkesk há uma pausa nas árvores, um lugar onde nenhum pássaro canta e as sombras pendem dos galhos com um peso estranho. Nesta milha solitária, os viajantes ficam perto de seus companheiros, eles cantam canções altas e batem o tambor, pois se estiver perdido próprios você em seus pensamentos, poderá sair do caminho e entrar na floresta escura. E se você continuar, ignorando os gritos de seus companheiros, seus pés podem leválo às ruas silenciosas e casas abandonadas de Velisyana, a cidade amaldiçoada.

Ervas daninhas e flores silvestres lotam os paralelepípedos. As lojas estão vazias e as portas apodreceram nas dobradiças, deixando apenas bocas abertas. A praça da cidade está coberta de amoreiras e o telhado da igreja há muito cedeu; entre os bancos estilhaçados, a grande cúpula jaz de lado, coletando água da chuva, sua folha de ouro arrancada pelo tempo ou por algum ladrão empreendedor.

Você pode reconhecer esse silêncio quando está no que antes era a Praça dos Pretendentes, olhando para a grande fachada de um palácio em ruínas e a pequena janela no alto da rua, com o caixilho esculpido com lírios. Este é o som de um coração que ficou em silêncio. Velisyana é um cadáver.

No passado, a cidade era conhecida por duas coisas: a qualidade de sua farinha – usada por todas as cozinhas por quase 160 quilômetros – e a beleza de Yeva Luchova, a filha do velho duque.

O duque não era um favorito particular do rei, mas ele ficou rico de qualquer maneira. Ele instalou represas e diques para conter o rio para que ele não inundasse mais suas terras, e ele construiu o grande moinho onde a farinha de Velisyana era moída, comissionando uma roda d'água gigante com raios de aço resistentes, perfeito em seu equilíbrio.

Há algum debate sobre como Yeva Luchova realmente parecia, se seu cabelo era dourado polido ou preto brilhante, se seus olhos eram azuis como safiras ou verdes como grama nova. Não são os detalhes de sua beleza, mas o poder dela que nos

preocupa, e precisamos apenas saber que Yeva era adorável desde o momento de seu nascimento.

Ela era tão bonita, de fato, que a parteira que atendia sua mãe agarrou a bebê chorona e se trancou em um armário de linho, implorando por apenas mais um momento para olhar o rosto de Yeva e se recusando a abandonar a bebê até que o duque pedisse um machado para quebrar a porta. O duque mandou chicotear a parteira, mas isso não impediu que várias babás de Yeva tentassem roubar a criança. Finalmente, seu pai contratou uma velha cega para cuidar de sua filha e houve paz em sua casa. Claro, essa paz não durou, pois Yeva só ficava mais bonita à medida que envelhecia.

Ninguém conseguia entender, pois nem o duque nem sua esposa eram muito atraentes. Havia rumores de que a mãe de Yeva tinha encontrado seu caminho para o acampamento de um viajante Suli, e mais tipos de invejosos gostavam de sussurrar que um demônio bonito havia se esgueirado com o luar e enganado seu caminho para a cama de sua mãe. A maioria dos habitantes da cidade ria dessas histórias, pois

ninguém poderia conhecer a bondade de Yeva e pensar que ela era outra coisa senão uma garota boa e justa. E ainda, quando Yeva desceu a rua, o vento levantando seu cabelo, seus lindos pés mal parecendo tocar os paralelepípedos, era difícil não se perguntar. Todos os anos no aniversário de Yeva, sob o pretexto de colocar flores em suas tranças, a babá cega verificava o couro cabeludo de Yeva, tateando com dedos trêmulos em busca de saliências de novos chifres.

Conforme a beleza de Yeva crescia, também crescia o orgulho de seu pai. Quando ela completou 12 anos, ele mandou um retratista vir de Os Alta para pintá-la rodeada de lírios e mandou carimbar a imagem dela em cada saco de farinha de seu moinho. Assim, as mulheres em suas cozinhas passaram a usar seus cabelos como Yeva, e os homens de todas as partes de Ravka viajaram para Velisyana para ver se tal criatura poderia ser real.

Claro, o artista se apaixonou por Yeva também. Ele colocou erva no leite dela e foi até Arkesk com ela antes de ser preso. O duque encontrou a filha dormindo profundamente na parte de trás do carrinho de pônei, presa entre telas e potes de pigmentos. Yeva estava ilesa e tinha pouca memória do evento, embora ela sempre tivesse uma aversão a galerias de retratos, e o cheiro de tinta a óleo sempre a deixasse sonolenta.

Quando Yeva tinha quinze anos, não era mais seguro para ela sair de casa. Ela tentou cortar o cabelo e cobrir o rosto com cinzas, mas isso só a tornou mais intrigante para os homens que a espiavam em sua caminhada diária, pois quando a viam, sua imaginação disparava. Quando Yeva parou para tirar uma pedra de seu sapato e, sem querer, deu à multidão um vislumbre de seu tornozelo perfeito, uma rebelião começou, e seu pai decidiu que ela deveria ser confinada ao palácio.

Ela passava os dias lendo e costurando, andando de um lado para o outro pelos corredores para se exercitar, sempre com o véu para não distrair os criados. Todos os dias, quando o relógio da torre do sino soava meio-dia, ela aparecia em sua janela para acenar para as pessoas reunidas na praça abaixo e permitir que seus pretendentes declarassem seu amor e implorassem por sua mão.

Eles cantavam canções ou realizavam truques ou duelos de palco para provar sua ousadia – embora os duelos às vezes saíssem do controle e, após a segunda morte, o coronel do Exército aposentado que atuava como policial tinha que impedi-los.

— Papai — Yeva disse ao duque, desesperada
para ficar sob um céu aberto novamente. — Por que devo ser eu a me esconder?

O duque deu um tapinha na mão dela.

— Aproveite este poder, Yeva. Porquê um dia você vai envelhecer e ninguém vai perceber quando você andar na rua.

Yeva não achou que seu pai tivesse respondido a sua pergunta, mas ela beijou sua bochecha e voltou a costurar.

Na manhã do seu décimo sexto aniversário, Nestor Levkin apareceu à porta com o filho. Ele era um dos homens mais ricos da cidade, perdendo apenas para o duque, e tinha vindo para negociar uma união entre Yeva e seu filho. Mas assim que ele entrou na sala e viu Yeva sentada perto do fogo, ele declarou que seria ele quem se casaria com ela.

Pai e filho começaram a discutir e depois atacaram um ao outro com os punhos cerrados. O coronel aposentado foi chamado para resolver a disputa, mas em seu primeiro vislumbre real de Yeva, ele desembainhou sua espada e desafiou seus outros pretendentes. O pai de Yeva a mandou para seu quarto e chamou guardas para separar os homens. Com o tempo, livres do feitiço da beleza de Yeva, os homens voltaram aos seus sentidos. Beberam chá juntos e abaixaram a cabeça, envergonhados de seu comportamento.

Você não pode deixar isso continuar — disse
 o coronel. — A cada dia a multidão na praça
 aumenta. Você deve escolher um marido para
 Yeva e acabar com essa loucura antes que a cidade
 seja destruída.

Bem, o duque poderia ter acabado com tudo isso simplesmente perguntando à filha o que ela desejava. Mas ele gostou da atenção que Yeva recebeu, e certamente vendeu muita farinha. Então, ele elaborou um plano que se adequava a sua ganância e seu amor pelo espetáculo.

Acontece que o duque tinha muitos hectares de floresta que desejava derrubar para plantar mais trigo. Ao meio-dia do dia seguinte, ele saiu para a varanda com vista para a Praça dos pretendentes e acenou para os homens abaixo. A multidão suspirou de desapontamento ao ver o duque em vez de Yeva, mas seus ouvidos se animaram ao ouvir o que ele tinha a dizer.

—É hora de minha filha se casar. — Uma ovação subiu da multidão. — Mas só um homem digno pode tê-la. Yeva é delicada e deve ser mantida aquecida. Cada um de vocês irá para a minha floresta e trará uma pilha de madeira para o campo em pousio na extremidade sul da floresta. Amanhã ao nascer do sol, quem tiver a pilha mais alta ganhará Yeva como sua noiva.

Os pretendentes não pararam para contemplar a estranheza dessa tarefa, mas dispararam para buscar seus machados.

Quando o duque fechou as portas da varanda, Yeva disse:

— Papai, me perdoe, mas que maneira é essa de escolher um marido? Amanhã com certeza terei muita lenha, mas terei um bom homem?

O duque deu um tapinha na mão dela.

— Querida Yeva — ele disse. — Você acha que eu sou tão tolo ou tão cruel? Você não viu o príncipe parado na praça na semana passada, esperando pacientemente a cada dia por um vislumbre de você? Ele tem ouro suficiente para contratar mil homens para empunhar seus machados para ele. Ele vencerá este concurso facilmente, e você viverá na capital e usará apenas seda pelo resto de seus dias. O que você acha disso?

Yeva duvidou que seu pai tivesse respondido sua pergunta, mas ela beijou sua bochecha e disse que ele era muito sábio.

O que nem Yeva nem seu pai sabiam era que nas sombras da torre do relógio, Semyon, o Esfarrapado, estava ouvindo. Semyon era um criador de marés e, embora fosse poderoso, era pobre. Isso foi nos dias anteriores ao Segundo Exército, quando os Grishas eram bem-vindos em alguns lugares e recebidos com suspeita em todos os lugares. Semyon ganhava a vida viajando de cidade em cidade, desviando rios quando havia secas, controlando as chuvas quando as tempestades de inverno chegavam cedo demais ou

encontrando os lugares certos para cavar poços. Era simples para Semyon.

— A água só quer direção — dizia ele nas raras ocasiões em que lhe perguntavam. — Quer que lhe digam o que fazer.

Ele geralmente era pago com cevada ou comércio e, assim que terminava uma tarefa, os aldeões pediam que ele seguisse em frente. Não era um tipo de vida. Semyon ansiava por um lar e uma esposa. Queria botas novas e um casaco fino para que, ao andar pela rua, as pessoas o olhassem com respeito. E assim que ele viu Yeva Luchova, ele a quis também.

Semyon abriu caminho pela cidade até a orla da floresta ao sul, onde os pretendentes já estavam cortando as árvores e construindo suas pilhas de madeira. Ele não tinha machado nem dinheiro para comprar um. Ele era inteligente e até desesperado o suficiente para roubar, mas ele tinha visto o príncipe vagando embaixo da janela de Yeva, e ele pensou que entendia o plano do duque bem o suficiente. Seu coração afundou enquanto observava equipes de homens construindo a pilha do príncipe enquanto o

próprio príncipe olhava, com cabelos dourados e sorrindo, girando um machado com cabo de marfim com uma ponta que brilhava no estranho cinza escuro do aço Grisha.

Semyon desceu até o rio para o lamentável acampamento que havia feito, onde guardava seu pacote de trapos e seus poucos pertences. Ele sentou-se nas margens e ouviu o barulho constante da roda d'água ao lado do grande moinho. Perto das pessoas, Semyon tinha a língua presa e carrancuda, mas na margem inclinada do rio, em meio ao farfalhar suave dos juncos, ele falava livremente, desabafando com a água, confidenciando todas as suas aspirações secretas. O rio ria de suas piadas, ouvia e murmurava assentimento, rugia em raiva e indignação compartilhadas por ter sido injustiçado.

Mas quando o sol se pôs e os machados silenciaram ao longe, Semyon sabia que os homens voltariam para casa com o resto da luz do dia. O concurso estava praticamente encerrado.

— O que eu devo fazer? — ele disse para o rio. — Amanhã Yeva terá um príncipe como marido e eu ainda não terei nada. Você sempre cumpriu

minhas ordens, mas de que serve você para mim agora?

Para sua surpresa, o rio borbulhava um som alto e doce, quase como uma mulher cantando. Ele espirrou para a esquerda, depois para a direita, quebrando-se contra as rochas, espumando e espumante, como se fosse perturbado por uma tempestade. Semyon cambaleou para trás, suas botas afundando na lama enquanto a água subia.

— Rio, o que você faz? — ele chorou.

O rio se formou em uma grande onda ondulante e avançou em sua direção, rompendo suas margens. Semyon cobriu a cabeça com os braços, certo de que se afogaria, mas quando a água estava prestes a atingi-lo, o rio se dividiu e correu ao redor de seu corpo trêmulo.

Através da floresta o rio tombou, arrancando árvores antigas do solo, arrancando galhos. O rio abriu um caminho através da floresta sob a cobertura da noite, até o campo em pousio na borda da floresta ao sul. Lá ele girava e redemoinhava, e árvore sobre árvore, galho sobre galho, uma estrutura começou a tomar forma. Durante toda a noite o rio funcionou, e quando os

habitantes da cidade chegaram pela manhã, eles encontraram Semyon parado ao lado de uma enorme torre de madeira que ofuscava a triste pilha de gravetos montada pelos homens do príncipe.

O príncipe arremessou seu machado de cabo de marfim com raiva, e o duque ficou muito angustiado. Ele não podia quebrar uma promessa feita publicamente, mas não podia suportar a ideia de sua filha casada com uma criatura tão anormal como Semyon. Ele se forçou a sorrir e bater nas costas estreitas de Semyon.

— Que bom trabalho você fez! — ele declarou. — Tenho certeza de que você terá o mesmo sucesso na segunda tarefa!

Semyon franziu a testa.

- Mas...
- Certamente você não pensou que eu definiria apenas uma tarefa para a mão de Yeva? Tenho certeza que você pode concordar, minha filha vale mais do que isso!

Todos os habitantes da cidade e os ansiosos pretendentes concordaram – especialmente o príncipe, cujo orgulho ainda doía. Semyon não

queria que ninguém pensasse que ele tinha um preço tão baixo para Yeva. Ele engoliu seu protesto e acenou com a cabeça.

— Muito bem! Então ouça com atenção. Uma garota como Yeva deve ser capaz de ver seu próprio rosto adorável. No alto do Petrazoi vive Baba Anezka, a fabricante de espelhos. Quem voltar com uma peça de sua obra terá minha filha como noiva.

Os pretendentes se espalharam em todas as direções enquanto o príncipe dava ordens aos seus homens.

Quando seu pai voltou para o palácio e Yeva ouviu o que ele tinha feito, ela disse:

- Papai, me perdoe, mas de que maneira é esta para encontrar um marido? Logo terei um belo espelho, mas terei um bom homem?
- Querida Yeva disse o duque. Quando você aprenderá a confiar na sabedoria de seu pai? O príncipe tem os cavalos mais rápidos de Ravka, e só ele pode pagar por um espelho assim. Ele vencerá este concurso facilmente, e então você usará uma coroa de joias e comerá cerejas no inverno. O que você acha disso?

Yeva se perguntou se seu pai simplesmente tinha ouvido mal sua pergunta, mas ela beijou sua bochecha e disse a ele que realmente gostava muito de cerejas.

Semyon desceu até o rio e colocou a cabeça entre as mãos.

— O que eu devo fazer? — ele disse miseravelmente. — Não tenho cavalo nem dinheiro para negociar com a bruxa da montanha. Você me ajudou antes, mas de que serve você agora, rio?

Então Semyon engasgou quando o rio mais uma vez violou suas margens e agarrou seu tornozelo. Ele o arrastou para suas profundezas enquanto ele gaguejava e engasgava.

— Rio — gritou Semyon —, o que você faz?

O rio borbulhou em resposta, mergulhando-o profundamente, então o levando à superfície e o carregando com segurança. Ele o levou para o sul através de lagos e riachos e corredeiras, para o oeste através de afluentes e riachos, milha após milha, até que finalmente chegaram às encostas voltadas para o norte de Petrazoi, e Semyon entendeu a intenção do rio.

- Mais rápido, rio, mais rápido! ele comandou enquanto ele o carregava montanha acima, e logo, ele chegou encharcado, mas triunfante na entrada da caverna da bruxa.
- Você tem sido um amigo leal, então acho que devo nomear você Semyon disse para o rio enquanto tentava torcer a água de seu casaco esfarrapado. Vou chamá-lo de Pequeno Punhal por causa da maneira como você reluz prata na luz do sol e porque você é meu defensor feroz.

Então ele bateu na porta da bruxa.

— Eu vim atrás de um espelho! — ele gritou. Baba Anezka abriu a porta, seus dentes retos e afiados, seus olhos dourados e sem piscar. Só então Semyon se lembrou de que não tinha dinheiro para pagar. Mas antes que a antiga Fabricadora pudesse fechar a porta na cara dele, o rio salpicou seu caminho, rodopiando ao redor dos pés de Baba Anezka e depois saindo novamente.

Baba Anezka saudou o rio com uma proa e, com Semyon em seus calcanhares, seguiu o rio por uma crista alta e por um caminho escondido entre duas rochas planas. Enquanto eles se espremiam, eles se encontraram na beira de um vale raso, seu chão todo de cascalho cinza, estéril e hostil como o resto de Petrazoi. Mas em seu centro havia uma piscina, quase perfeita em sua redondeza, sua superfície lisa como vidro polido, refletindo o céu tão puramente que parecia que se podia entrar nela e cair direto entre as nuvens.

A bruxa sorriu, mostrando todos os seus dentes afiados.

— Agora, isto é um espelho — disse ela, —, e parece uma troca justa.

Eles voltaram para a caverna, e quando Baba Anezka entregou a Semyon um de seus melhores espelhos, ele riu de alegria.

- Esse presente é para o rio disse ela.
- Pertence a Pequeno Punhal, e Pequeno Punhal faz o que eu peço. Além disso, o que um rio poderia querer com um espelho?
- Essa é uma pergunta para o rio respondeu Baba Anezka.

Mas Semyon a ignorou. Ele gritou por Pequeno Punhal, e mais uma vez o rio agarrou seu tornozelo e eles desceram a encosta da montanha juntos. Quando eles passaram rugindo pela caravana do príncipe caminhando ao longo do caminho, os soldados se viraram para olhar, mas só viram uma grande onda e um trecho branco de espuma.

Assim que chegaram a Velisyana, Semyon vestiu sua túnica menos surrada, penteou o cabelo e fez o possível para engraxar as botas. Quando ele verificou seu reflexo no espelho, ficou surpreso com o rosto taciturno e os olhos escuros que o encararam de volta. Ele sempre se considerou muito bonito, e o rio nunca lhe disse algo diferente.

Há algo de errado com este espelho, Pequeno
Punhal — disse ele. — Mas isso é o que o duque
exigiu, e então Yeva o terá em sua parede.

Quando o duque olhou pela janela e viu Semyon caminhando pela Praça dos pretendentes com um espelho nas mãos, ele recuou em estado de choque.

Viu o que você fez com suas tarefas tolas?
disse o coronel aposentado, que aguardava o desfecho da disputa com o duque.
Você deveria ter me dado a mão de Yeva quando teve a chance.
Agora ela vai se casar com aquele pária e ninguém

vai querer se sentar à sua mesa. Você deve encontrar uma maneira de se livrar dele.

Mas o duque não tinha tanta certeza. Um príncipe seria um ótimo genro, mas Semyon deve ter grande poder para realizar tais tarefas extraordinárias, e o duque se perguntou se ele poderia fazer uso de tal magia.

Ele mandou o coronel embora, e quando Semyon bateu na porta do palácio, o duque o recebeu com muita cerimônia. Ele sentou Semyon em um lugar de honra e pediu aos criados que lavassem suas mãos com água perfumada, então lhe deu amêndoas com açúcar, conhaque de ameixa, tigelas de bolinhos de carneiro descansando em ninhos de malva almiscarada. Semyon nunca tinha comido tão bem e certamente nunca foi tratado como um hóspede querido. Quando por fim se recostou, sua barriga doía e seus olhos estavam turvos de vinho e lisonja.

O duque disse:

— Semyon, nós dois somos homens honestos e, portanto, podemos falar livremente um com o outro. Você é um sujeito inteligente, mas como

pode esperar cuidar de alguém como Yeva? Você não tem trabalho, nem casa, nem perspectivas.

— Eu tenho amor — disse Semyon, quase derrubando o copo —, e o Pequeno Punhal.

O duque não sabia o que punhais tinham a ver com qualquer coisa, mas disse:

- Não se pode viver de amor ou punhais, e Yeva teve uma vida fácil. Ela não sabe nada de luta ou sofrimento. Você seria o único a ensiná-la a sofrer?
 - Não! gritou Semyon. Nunca!
- Então devemos fazer um plano, você e eu. Amanhã vou definir uma tarefa final, e se você cumpri-la, então você terá a mão de Yeva e todas as riquezas que você poderia desejar.

Semyon pensou que o duque poderia tentar enganá-lo mais uma vez, mas gostou do som dessa barganha e decidiu ficar em guarda.

— Muito bem — disse ele, e ofereceu a mão ao duque.

O duque a sacudiu, escondendo seu desgosto, e disse:

— Venha para a praça amanhã de manhã e ouça com atenção.

A notícia da nova tarefa se espalhou, e no dia seguinte a praça estava lotada com ainda mais pretendentes, incluindo o príncipe, que estava com seus cavalos cansados, suas botas brilhando com pequenos cacos do espelho que ele quebrou em sua frustração.

— Há uma moeda antiga forjada por um grande feiticeiro e enterrada em algum lugar abaixo de Ravka — declarou o duque. — Cada vez que você gasta, ela retorna duas vezes para você, então seus bolsos estarão sempre cheios. Traga de volta esta moeda para que a Yeva nunca falte nada, e você a terá como sua noiva.

A multidão correu em todas as direções para pegar pás e picaretas.

Quando o duque se afastou da varanda, Yeva disse:

— Papai, me perdoe, mas que maneira é essa para encontrar um marido? Logo estarei muito rica, mas terei um bom homem?

Desta vez, o duque olhou para a filha com pena.

— Quando os cofres estão vazios e suas barrigas roncam, até os homens bons ficam maus. Seja quem for que ganhe este concurso, a moeda

mágica será nossa. Vamos dançar em salões de mármore e beber em xícaras de âmbar congelado e, se você não gostar de seu marido, nós o afogaremos em um mar de ouro e enviaremos um navio prateado para encontrar um novo para você. O que você acha disso?

Yeva suspirou, cansada de fazer perguntas que ficaram sem resposta. Ela beijou a bochecha de seu pai e foi fazer suas orações.

O príncipe reuniu todos os seus conselheiros. O engenheiro real trouxe-lhe uma máquina que exigia cinquenta homens para girar a manivela. Uma vez girando, ele poderia perfurar quilômetros abaixo da terra. Mas o engenheiro não sabia como pará-la, nunca mais se ouviu falar da máquina e dos cinquenta homens. O ministro do interior afirmou que poderia treinar um exército de toupeiras se tivesse mais tempo, e o mestre espião do rei jurou que tinha ouvido histórias de uma colher mágica que poderia cavar através da rocha sólida.

Enquanto isso, Semyon voltou ao rio.

— Pequeno Punhal — ele chamou. — Eu preciso de você. Se eu não encontrar a moeda, então outro homem terá Yeva e eu não terei nada.

O rio espirrou, sua superfície ondulando em consternação. Ele espirrou contra suas margens, voltando repetidamente para quebrar a represa que limitava o lago do moinho. Demorou muitos minutos, mas logo Semyon entendeu: o rio estava dividido, muito fraco para cavar abaixo do solo.

Ele agarrou o machado com cabo de marfim que pegara na floresta quando o príncipe o jogou fora e cortou a represa com toda a força. O clangor do aço Grisha contra a pedra ecoou pela floresta, até que finalmente, com um suspiro rangente, a barragem estourou. O rio ondulava e espumava em sua força recém-descoberta, inteiro mais uma vez.

— Agora escave o solo e traga-me a moeda, Pequeno Punhal, ou o que você faz de bom para mim?

O rio mergulhou na terra, movendo-se com força e propósito, deixando cavernas e túneis em seu rastro. Ele cruzou toda a extensão de Ravka, de uma borda a outra e de volta, enquanto a rocha rasgava sua corrente e o solo bebia de seus lados. Quanto mais fundo o rio mergulhava, mais fraco se tornava, mas continuou, e quando estava mais frágil, pouco mais do que um sopro de névoa em um pedaço de terra, sentiu a moeda, pequena e dura. Qualquer que fosse a face do orifício de metal, havia muito se desgastado pelo tempo.

O rio agarrou a moeda e saltou para a superfície, juntando forças, tornando-se denso com lama e água da chuva, aumentando à medida que recuperava cada córrego e riacho. Irrompeu pelo lago do moinho, uma gota de névoa que brilhava com arco-íris, fazendo a moeda quicar de um lado para o outro.

Semyon saltou na água para agarrá-lo, mas o rio girava ao redor dele, fazendo murmúrios preocupados. Semyon fez uma pausa e se perguntou: E se eu trouxer a moeda para o duque e ele definir mais uma tarefa? E se ele pegar e me matar onde estou sentado?

— Eu não sou tolo — disse Semyon para o rio. — Mantenha a moeda na parte rasa até eu voltar.

Mais uma vez, Semyon penteou o cabelo e lustrou as botas e fez a caminhada até a casa do duque. Lá ele bateu na porta e anunciou que havia encontrado o prêmio final.

— Chame o padre! — Ele demandou. — Que Yeva se vista com suas melhores roupas. Faremos nossos votos à beira do rio e, então, darei a você sua moeda mágica.

Então Yeva estava vestida com um vestido de ouro e um véu grosso para esconder seu rosto milagroso. A babá cega chorou baixinho enquanto abraçava Yeva uma última vez e ajudou a prender um kokoshnik com joias em seu cabelo. Então Yeva foi conduzida até o rio com seu pai e o sacerdote, seguidos de todos os habitantes da cidade e o príncipe resmungão atrás deles.

Eles encontraram Semyon perto da represa destruída, o rio derramando suas margens.

- O que aconteceu aqui? perguntou o duque. Semyon ainda usava seus trapos surrados, mas agora falava com orgulho.
- Estou com sua moeda disse ele. Dê-me minha noiva.

O duque estendeu a mão em expectativa.

— Mostre a eles, Pequeno Punhal — disse Semyon para as águas turbulentas. Yeva franziu a testa.

 O que há de pequeno no rio? — ela perguntou. Mas ninguém ouviu sua pergunta.

A moeda disparou das profundezas do rio para pular e dançar em sua superfície.

— É verdade! — exclamou o duque. — Por todos os Santos, ele encontrou!

O duque, Semyon e o príncipe, todos pegaram a moeda – e o rio rugiu. Parecia arquear as costas como uma besta se preparando para atacar, uma onda selvagem e pulsante que atingiu a multidão.

— Pare com isso! — disse Semyon.

Mas o rio não parou. Ele torceu e girou, formando uma coluna poderosa que se agitou com juncos e pedras quebradas, elevando-se bem acima do solo da floresta enquanto os espectadores se encolhiam de medo. O que eles viram em suas águas? Alguns diriam mais tarde um demônio, outros os corpos pálidos e inchados de uma centena de homens afogados, mas a maioria disse ter visto uma mulher com braços como ondas quebrando, com cabelos como um relâmpago de nuvem de tempestade e seios de espuma branca.

— Pequeno Punhal! — gritou Semyon. — O que você faz?

Uma voz falou, terrível em seu poder, estrondeando com o som de cachoeiras sufocadas pela chuva, de tempestades e inundações.

Não sou um punhal cego para cortar seu pão miserável — dizia. — Eu alimento os campos e afogo a colheita. Eu sou generosidade e destruição.

O povo caiu de joelhos e chorou. O duque apertou a mão do padre.

- Então quem és tu? implorou Semyon. O que você é?
- Sua língua não é adequada para o meu verdadeiro nome o rio ribombava. Eu já fui um espírito do Isenvee, o grande Mar do Norte, e vaguei por essas terras livremente, caindo por Fjerda, até a costa rochosa e de volta. Então, por infeliz acidente, meu espírito ficou preso aqui, preso por esta barragem, livre para correr, mas condenado a retornar, forçado a manter aquela maldita roda girando, em serviço infinito a este miserável povoado. Agora a barragem não existe

mais. Sua ganância e o machado do príncipe cuidaram disso.

Foi Yeva quem encontrou coragem para falar, pois a pergunta a fazer parecia simples.

- O que você quer, rio?
- Fui eu quem construí a torre das árvores disse o rio. E eu que ganhei o espelho de Baba Anezka. Fui eu quem encontrou a moeda mágica. E agora eu te digo, Yeva Luchova: você vai ficar aqui com o pai que tentou vendê-la, ou o príncipe que esperava comprá-la, ou o homem fraco demais para resolver seus enigmas sozinho? Ou você vai vir comigo e ser noiva de nada além da costa?

Yeva olhou para Semyon, para o príncipe, para seu pai de pé ao lado do sacerdote. Então ela rasgou o véu do rosto – seus olhos estavam brilhantes, suas bochechas estavam vermelhas e brilhantes. As pessoas gritaram e protegeram seus olhares, pois naquele momento ela era linda demais para se olhar. Ela era aterrorizante em sua beleza, brilhante como uma estrela devoradora.

Yeva saltou das margens e o rio a pegou em suas águas, mantendo-a à tona enquanto seu kokoshnik de joias afundava e seu vestido de seda ondulava ao seu redor. Ela pairou lá na superfície, uma flor apanhada na corrente. Então, enquanto o duque permanecia atordoado e tremendo em suas botas molhadas, o rio envolveu Yeva em seus braços e a carregou para longe. Através da floresta o rio trovejou, deixando árvores e campos encharcados por suas saias remoinhadas, quebrando o moinho em pedaços em seu rastro. A roda d'água se soltou de suas amarras e rolou descontroladamente pelas margens, derrubando o príncipe e todos os seus retentores no chão antes de desaparecer na vegetação rasteira.

Os habitantes da cidade tremeram uns contra os outros e quando o rio finalmente acabou, eles olharam para o leito do rio vazio, suas rochas úmidas brilhando ao sol. Onde o lago do moinho estivera minutos antes, havia apenas uma bacia lamacenta. Houve silêncio, nenhum som, exceto o coaxar de sapos perdidos e a bofetada de peixes ofegantes se debatendo na lama.

•••

O rio era o coração de Velisyana e, quando ficou silencioso, tudo o que restou foi a cidade morrer.

Sem o rio, não poderia haver moinho e, sem o moinho, o duque perdeu sua fortuna. Quando ele implorou por alívio ao rei, o príncipe sugeriu que seu pai estabelecesse três tarefas e que o preço pelo fracasso fosse a cabeça do duque. O duque deixou a capital em desgraça, mas com a cabeça ainda sobre os ombros.

As lojas e casas de Velisyana se esvaziaram. As grades estavam frias e o relógio da torre do sino não marcava a hora para ninguém. O duque permaneceu em seu palácio em ruínas, olhando pela janela de Yeva para as pedras vazias da Praça dos Pretendentes e amaldiçoando Semyon. Se você ficar bem quieto, poderá vê-lo ali, rodeado por lírios de pedra, esperando o retorno da água.

Mas você não terá um vislumbre da adorável Yeva. O rio a carregou até a praia, e lá ela ficou. Ela fazia suas orações em uma pequena capela onde as ondas corriam até a porta, e todos os dias ela se sentava à beira do oceano e observava as marés irem e virem. Ela viveu em uma solidão feliz e envelheceu, e nunca se preocupou quando sua beleza desapareceu, pois em seu reflexo sempre viu uma mulher livre.

Quanto ao pobre Semyon, ele foi expulso da cidade, culpado pela tragédia que se abateu sobre ela. Sua miséria foi curta, no entanto. Não muito depois de deixar Velisyana, ele murchou e morreu. Ele não deixou nenhuma gota d'água passar por seus lábios, certo de que o trairia.

Agora, se você foi tolo o suficiente para se desviar do caminho, depende de você fazer o seu caminho de volta para a estrada. Siga as vozes de seus companheiros preocupados e talvez desta vez seus pés o levem além do esqueleto enferrujado de uma roda d'água descansando em um prado onde não tem o direito de estar. Se você tiver sorte, encontrará seus amigos novamente. Eles vão dar tapinhas nas suas costas e acalmá-lo com suas risadas. Mas, ao deixar para trás aquela lacuna escura nas árvores, lembre-se de que usar uma coisa não é possuí-la. E se você alguma vez tomar uma noiva, ouça atentamente suas perguntas. Nelas você pode ouvir seu verdadeiro nome como o trovão de um rio perdido, como o suspiro do mar.



O PRÍNCIPE SOLDADO



O Príncipe Soldado

NO FINAL, O RELOJOEIRO era o culpado. Mas o Sr. e a Sra. Zelverhaus não deveriam tê-lo deixado entrar na casa. Este é o problema com demônios ainda menores. Eles chegam à sua porta em casacos de veludo e sapatos polidos. Eles tiram o chapéu, sorriem e demonstram boas maneiras à mesa. Eles nunca mostram suas caudas.

O relojoeiro chamava-se Droessen, embora houvesse rumores de que ele não era Kerch, mas Ravkano – filho de um nobre exilado, ou possivelmente um Fabricador desgraçado, banido de sua terra natal por razões desconhecidas. Sua loja ficava em Wijnstraat, onde o canal se curvava como um dedo chamando você para mais perto, e ele era conhecido no mundo todo por seus relógios fantásticos, pelos passarinhos de bronze que cantavam canções diferentes a cada hora e pelos minúsculos homens e mulheres de madeira que representava cenas divertidas à meia-noite, e novamente ao meio-dia.

Ele alcançou a fama quando construiu uma cartomante mecânica que, quando uma certa

alavanca era puxada, movia sua mão de madeira polida sobre sua palma e predizia seu futuro. Um comerciante trouxe sua filha à loja antes do casamento. A cartomante estalou e retiniu, abriu suas mandíbulas de madeira e disse:

— Você encontrará um grande amor e mais ouro do que poderia desejar. — Ele comprou o autômato inteligente para sua filha amada como presente de casamento, e todos os compareceram à festa concordaram que nunca tinham visto uma noiva e um noivo mais apaixonados. Mas o navio em que sua filha embarcou para começar sua lua de mel estava tão sobrecarregado de mercadorias e moedas que afundou no primeiro sopro de uma tempestade e todos se perderam no mar indiferente. Quando a notícia chegou ao comerciante, ele se lembrou das palavras inteligentes do autômato e, bêbado de miséria e conhaque, quebrou a coisa em pedaços com seus próprios punhos. Seus servos o encontraram caído em meio aos destroços no dia seguinte, ainda chorando, a camisa manchada, os nós dos dedos ensanguentados. Mas a triste

história atraiu novos clientes à porta do relojoeiro em busca do maravilhoso e misterioso.

Em sua loja, eles encontraram muitas maravilhas: leões dourados fulvos que caçavam gazelas mecânicas em um tecido aveludado; um jardim de flores esmaltadas polinizadas por colibris de joias que zumbiam e zumbiam em fios tão finos que pareciam realmente estar voando; um relógio de calendário giratório - mantido na prateleira mais alta, longe dos olhos jovens curiosos – povoado por autômatos humanos que cometiam diferentes assassinatos horríveis a cada mês. No dia primeiro de janeiro, um duelo foi travado em um campo gelado, nuvens de fumaça saindo das pistolas dos combatentes com estalos minúsculos. Em fevereiro, um homem subiu em cima de sua esposa para estrangulá-la enquanto seu amante se agachava sob a cama desarrumada. E assim por diante.

Apesar de suas realizações, Droessen ainda era um jovem e tornou-se um cobiçado convidado de festa entre as famílias de comerciantes que serviam como seus clientes. Ele se vestia bem, conversava agradavelmente e sempre trazia presentes charmosos para seus anfitriões. Era verdade que, quando ele entrasse em uma sala, as pessoas se pegariam se mexendo inquietas em seus pés, esfregando os braços com o frio repentino, imaginando se uma porta em algum lugar precisava ser fechada. No entanto, de alguma forma, isso apenas o tornou mais interessante. Sem esse senso do mal, Droessen poderia ter sido um personagem patético, um homem adulto brincando com o que eram pouco mais do que brinquedos elaborados. Em vez disso, falou-se muito sobre seu elegante casaco de veludo e seus dedos brancos e ágeis. Mães agarravam seus lenços e as filhas coravam quando ele estava perto.

Todo inverno, os Zelverhauses, uma família rica de comerciantes de chá, recebiam o relojoeiro em sua casa de campo para as festas e entretenimentos dados durante a semana de Nachtspel. A casa em si era um modelo de restrição mercantil, toda em madeira escura, tijolo sólido e linhas duras. Mas estava perfeitamente situada perto de um lago que congelava cedo para patinar, e era efusivo em seus

confortos, com lareiras acesas em cada cômodo para manter a casa sempre confortável e alegre, e todos os andares polidos com o brilho de xarope quente de um bolo glaceado.

Desde o primeiro ano que Droessen visitou a casa à beira do lago, seguiram-se rumores preocupantes. Durante sua primeira estada, os vizinhos dos Zelverhauses, os De Kloets, usaram luto durante Nachtspel³ e no ano novo depois que Elise De Kloet deu à luz um bebê composto inteiramente de penugem de dente-de-leão. Quando uma empregada descuidada abriu uma janela, ela explodiu com a primeira rajada. No ano seguinte, um dos primos de Zelverhaus teve uma flor de pequenos cogumelos cinzentos surgindo em sua testa, e um menino visitando de Lij afirmou que acordou e encontrou uma única asa projetando-se entre suas omoplatas, mas que havia queimado às cinzas quando ele passou por um raio de sol no corredor.

Essas ocorrências estranhas estavam relacionadas ao relojoeiro? Ninguém podia ter certeza, mas eles cochicharam sobre isso.

³ Algo como a versão kaelish do Natal.

- Aquele jovem Droessen é um sujeito encantador, mas muito incomum, e as peculiaridades parecem acompanhá-lo disse uma mulher certa vez a Althea Zelverhaus.
- Muito incomum concordou Althea, mas sabia que Droessen aceitava poucos convites e que essa mulher com sua gola de renda meticulosa só esperava que Droessen algum dia aparecesse em um de seus salões. Então Althea sorriu, repetiu: Muito incomum, de fato e deixou por isso mesmo.

Tudo parecia inofensivo na época.

• • •

Droessen não era apenas incomum em seus talentos ou hábitos, mas também em sua ganância. Ele passara a vida remexendo nos cantos, curvando-se e ralando com os mercadores que enfeitavam sua porta, e aprendera cedo que talento não bastava. Quando percebeu que os clientes preferiam comprar de rostos bonitos, ele cortou o cabelo no estilo da moda e fez para si uma dentição tão branca que às vezes o enganava. Quando viu o respeito que seus patronos davam

aos militares, ele usava uma cinta dolorosa para corrigir sua postura e tinha os ombros de suas jaquetas acolchoados para que pudesse afetar a postura ereta de um soldado. Como ele percebeu que a popularidade dependia da demanda, ele recusou dois em cada três convites.

Mas ele se cansou de comer jantares frios em sua loja escura, as portas trancadas e as luzes apagadas para criar a ilusão de que ele estava em algum lugar se divertindo. Ele queria uma grande casa em vez de um quarto úmido alugado. Ele queria dinheiro para suas invenções. Ele nunca queria ter que dizer sim senhor, não senhor, imediatamente senhor novamente. Então ele teria que se casar bem, mas quem ele poderia fazer de sua noiva? As jovens em idade de casar que iam à sua loja com os pais e flertavam com ele nas festas o viam como um perigo. Elas nunca levariam um mero comerciante a sério como um cliente potencial. Não, ele precisava de uma garota, ainda maleável, que ele pudesse fazer admirá-lo.

Clara Zelverhaus ainda não tinha doze anos, era adorável, rica o suficiente e tinha apenas a disposição sonhadora de que ele precisava. Ele iria

aprender seus desejos e vontades. Ele os entregaria a ela e, com o tempo, ela iria amá-lo por isso. Ou assim ele pensou. Droessen conhecia as propriedades de cada tipo de madeira, tinta e laca; ele podia manipular as engrenagens de um relógio até que girassem com uma precisão silenciosa. E, no entanto, embora pudesse sorrir prontamente, encantar com facilidade e representar o papel de um cavalheiro, ele nunca havia compreendido verdadeiramente as pessoas ou o funcionamento de seus corações em constante movimento, mas inconstantes.

• • •

A casa à beira do lago fervilhava de excitação sempre que o relojoeiro chegava, e as crianças eram sempre as primeiras a cumprimentá-lo quando ele saía da carruagem. Elas iriam atrás dos empregados domésticos que descarregavam sua bagagem, os baús e malas invariavelmente cheios de objetos esplêndidos – bonecas com fantasias da Komedie Brute, caixas de música, fileiras de canhões, até mesmo um grande castelo para defender.

Embora o jovem Frederik gostasse de encenar longas batalhas, ele acabaria ficando entediado não importa o quão finos fossem os minúsculos armamentos e tropas – e colocava seu casaco para fazer travessuras na neve. Clara era diferente. Para a consternação de Droessen, ela ignorou os elaborados relógios e mecânicos que ele trouxe, e deu apenas um pequeno sorriso para a réplica requintada de um palácio Ravkano com seus arcos de madeira esculpida e cúpulas banhadas em ouro verdadeiro. Mas ela podia brincar hora após hora com as bonecas que ele fazia, desaparecendo dentro de casa e emergindo apenas quando o sino do jantar tocava mais de uma vez, e sua mãe foi forçada a gritar escada acima e descer todos os corredores para Clara cessar seu faz-de-conta e ir se alimentar.

Assim, ao longo de muitas longas noites em sua oficina, Droessen fez para ela um quebra-nozes elegante e de olhos claros com um casaco azul brilhante e botas pretas brilhantes, uma pequena baioneta malvada enfiada em um punho fechado.

Você deve contar a ele todos os seus segredosdisse Droessen enquanto colocava o boneco nos

braços de Clara —, e ele os manterá seguros para você.

Ela prometeu que faria.

A mãe e o pai de Clara presumiram que, à medida que crescesse, Clara deixaria essas coisas infantis para trás e começaria a se importar mais com vestidos e a perspectiva de um marido e uma família, como suas amigas faziam. Mas, com o passar dos anos, Clara permaneceu a mesma garota estranha e sonhadora que poderia deixar uma frase se perder porque algum pensamento secreto e não dito a pegou, que suportaria aulas de línguas e cotilhões com graça distraída, então sorria e derivava para algum canto escuro onde qualquer mundo invisível que sua mente tinha conjurado poderia se desenrolar sem distração.

Quando Clara fez dezesseis anos, seus pais lhe deram uma grande festa. Ela comia doces, brincava com o irmão e dançava lindamente com os filhos de todos os comerciantes elegíveis presentes. Althea Zelverhaus deu um suspiro feliz de alívio e foi para a cama sem se preocupar pela primeira vez em meses. Mas naquela noite, quando ela acordou de seu sono, ela teve a

necessidade repentina de cuidar de seus filhos. Frederik, dezessete anos e feliz por voltar para casa da escola, roncava alto em seu quarto. A cama de Clara estava vazia.

Althea encontrou Clara encolhida de lado junto à lareira da sala de jantar, com um de seus bonecos favoritos nos braços. Ela viu que a filha havia calçado os chinelos e o casaco e que ambos estavam molhados de neve.

— Clara — sua mãe sussurrou, balançando seu ombro suavemente para acordá-la. — Por que você saiu?

Clara piscou sonolenta para a mãe e deu um sorriso doce e vago.

— Ele adora neve — disse ela, então agarrou o boneco com mais força e voltou a dormir.

Althea olhou para a filha de camisola e casaco úmido, o rostinho feio do boneco de madeira nos braços. Foi a criação de Droessen menos favorita de Althea, um quebra-nozes com um sorriso grotesco e um casaco azul berrante. Parada ali, ela teve o pensamento repentino de que convidar o relojoeiro para sua casa anos atrás tinha sido um

erro terrível. Seus dedos coçaram para arrancar o boneco de Clara e jogar a coisa miserável no fogo.

Ela pegou o quebra-nozes e puxou a mão de volta. Por um momento – não podia ser, mas ela tinha certeza disso – parecia que o soldadinho de brinquedo havia virado a cabeça quadrada para olhar para ela. E havia tristeza em seus olhos. Bobagem, ela disse a si mesma, embalando a mão no peito. Você está se tornando tão fantasiosa quanto Clara.

Mesmo assim, ela se afastou, certa de que se ousasse tocar no quebra-nozes, ousasse jogá-lo nas chamas, a coisa gritaria. Ou pior, poderia nem mesmo queimar.

Ela colocou um cobertor sobre a filha e voltou para sua própria cama, e quando ela acordou na manhã seguinte, ela tinha quase esquecido suas noções tolas da noite anterior. Nachtspel estava começando e seus convidados chegariam em breve. Ela se levantou e tocou para pedir chá, em busca de fortificação para o árduo dia que viria. Mas quando desceu para ver os cardápios, verificou se Clara estava separando castanhas com a cozinheira e parou uma vez no armário da

sala de jantar, onde exibiam os presentes de Droessen. Não por qualquer motivo, na verdade. Certamente não para ter certeza de que o quebranozes estava trancado com segurança atrás do vidro.

• • •

Clara sabia que sua mãe estava preocupada. Ela também se preocupava. Quando ela estava sentada no jantar ou em alguma festa com um amigo ou mesmo ocasionalmente em suas aulas, ela pensava: Isso é agradável. Isto é suficiente. Mas então ela voltava para casa e se via na sala de jantar em frente ao armário. Ela pegaria o quebra-nozes mais uma vez e o levaria para seu quarto ou até o sótão, onde se deitaria de lado em meio às partículas de poeira e sussurraria para ele até que ele sussurrasse de volta.

Sempre demorava um pouco e parecia um pouco estranho no início. Era mais fácil quando ela era criança, mas ela estava envergonhada agora de uma maneira que não tinha estado antes. Clara se sentiu uma tola movendo os braços do quebra-nozes, fazendo sua mandíbula abrir e

fechar para responder às suas perguntas. Ela não podia deixar de se ver como os outros fariam: uma jovem, quase adulta, deitada em um sótão empoeirado, conversando com um boneco. Mas ela persistiu, lembrando-o das aventuras que eles tiveram, embora tenham mudado um pouco ao longo dos anos.

Você é um soldado. Você lutou bravamente na frente e voltou para mim, sua querida.

Você matou um monstro para mim uma vez, um rato com sete cabeças, na última noite de Nachtspel.

Você é um príncipe que acordei de uma maldição com um beijo. Eu te amei quando nenhuma outra o faria, e você me escolheu como sua rainha.

Ela colocaria uma noz entre os dentes duros dele – então quebraria, o barulho era tão alto no sótão quieto.

Você é meu soldado?, ela perguntaria, de novo e de novo. Você é meu príncipe?

Você é meu querido?

Você é meu?

E por fim, às vezes depois de alguns momentos, às vezes depois do que parecia uma eternidade, suas mandíbulas se moviam e ele falava. Você é meu soldado?

— Eu sou.

Você é meu principe?

— Eu sou.

Enquanto ele falava, seus membros cresciam, seu peito se alargava, sua pele se tornava flexível.

Você é meu querido?

— Eu sou.

Você é meu?

Doce Clara — dizia o quebra-nozes, alto,
 bonito e perfeito agora, o ricto grotesco de seu
 rosto suavizado em tenras linhas humanas. —
 Claro que sou.

Ele ofereceria a ela sua mão e com um assobio, eles voariam pela janela do sótão, para fora no frio. Ela se encontraria em cima de um grande cavalo branco, segurando a cintura de seu amado, gritando de alegria enquanto navegavam pela noite, passando pelas nuvens e para as terras além.

Ela não sabia como chamar o lugar para onde ele a trouxe. País das Fadas? A Terra dos Sonhos? Quando ela era criança, era diferente. Eles andaram em um barco de açúcar refinado em um riacho de água doce. Ela caminhou sobre paralelepípedos de maçapão, passando por vilas de pão de gengibre e castelos feitos de geleia. As crianças dançaram para eles e saudaram o quebranozes como seu príncipe. Eles se sentaram em almofadas de goma de mascar e sua mãe chamou Clara de heroína.

Agora muito disso se foi, substituído por florestas verdes profundas e rios brilhantes. O ar estava quente e sedoso como os lugares sobre os quais ela havia lido – terras de verão onde o sol brilhava o ano todo e brisas amenas eram densas com o cheiro de flores de laranjeira. O cavalo branco os carregava para novos lugares todas as vezes: um vale onde pôneis selvagens com crinas de névoa se agrupavam; um lago de mercúrio do tamanho de um mar, onde se encontraram com piratas arrojados que tinham gemas como dentes; um palácio de paredes de madeira de lei e torres de espora que se erguiam de um bosque onde nuvens de borboletas pairavam, asas repicando como sinos. A rainha tinha a pele verde pálida perpetuamente salpicada de orvalho e sua coroa subia como chifres, diretamente de sua testa, em

torções de osso que brilhavam como madrepérola. Quando ela tocou os lábios na boca de Clara, Clara sentiu duas asas delicadas brotarem de suas costas. Ela passou o dia voando, mergulhando e caindo como um colibri, parando apenas para beber vinho de mel e deixar a rainha amarrar heléboro em seu cabelo.

E, no entanto, não era o suficiente. Seu príncipe a amava? Ele poderia? Por que ele a devolvia para sua casa no final de cada jornada mágica? Não era justo mostrar a ela que tal mundo poderia existir e depois tirá-lo dela com tanta crueldade. Se ele a amasse como ela o amava, certamente ela teria permissão para ficar. Em cada visita, ela esperava que sua mãe a cumprimentasse como uma filha e não como uma convidada, que ela abrisse uma nova porta em um caramanchão de casamento.

Em vez disso, o gongo do jantar soaria ou ela ouviria Frederik subindo as escadas ou a voz de sua mãe chamando, e ela se encontraria navegando de volta pelo céu estrelado para o sótão frio e vazio, com as juntas rígidas de tanto ficar deitada no chão, o corpo duro do quebra-nozes ao

lado dela, encolhido e feio, os restos de nozes entre suas mandíbulas de madeira.

Ela o colocaria de volta no armário e voltaria para seus pais. Ela tentaria sorrir para o mundo monótono ao seu redor, embora suas bochechas ainda estivessem quentes com o sol, embora sua língua ainda estivesse doce com o sabor do vinho com mel.

•••

Quanto ao quebra-nozes, ele não tinha certeza de nada, e às vezes isso o assustava. Suas memórias eram um borrão. Ele sabia que havia uma batalha, muitas batalhas, e que ele lutou bravamente. Ele não tinha sido feito para isso? Ele nascera com uma baioneta na mão.

Ele lutou por ela. Mas onde ela estava agora? Onde estava Clara? Ela dos olhos de estrela e mãos suaves. Eles enfrentaram o Rei Rato juntos. Ela o envolveu em seu lenço. Ele sangrou em suas dobras de renda branca.

Clara. Por que ele conseguia se lembrar do nome dela e não do seu?

Ele lutou bravamente. Pelo menos ele achava que sim.

Os detalhes eram difíceis de lembrar – os gritos, o sangue, o guincho dos ratos com suas caudas grossas e rosadas e dentes como facas amarelas, gengivas vermelhas com o sangue das mordidas que haviam dado. Como aqueles dentes brilharam à luz dourada! Tinha sido amanhecer ou pôr-dosol? Ele se lembrava do cheiro de pinheiros.

Ele apertou os olhos agora, de seu lugar no quartel, através da ampla janela de vidro laminado. Mas a vista o confundiu também. Ele podia ver uma longa mesa posta para um banquete, frutas cristalizadas, ramos de pinheiro colocados sobre a lareira. Mas tudo era grande demais, como se visto por uma lente distorcida.

Ele contou os botões de latão de seu belo casaco azul. De quem ele usava uniforme? Em que país era sua casa? Quem limpou a poeira do campo de batalha de suas botas?

Houve uma batalha? Ele tinha lutado ou apenas sonhava em lutar? Outras memórias pareciam mais claras. Ele era um príncipe, seu príncipe. Ela disse isso a ele. Ele não queria nada mais do que mostrar a ela todas as maravilhas de sua casa, para explorar seus horizontes infinitos. E, no entanto, por que ele não sentiu alegria quando voltou ao palácio onde supunha que havia sido criado? Por que tudo era tão novo para ele quanto parecia ser para ela?

Nada parecia certo. Ele tinha certeza de que as ruas por onde andaram eram estreitas antes, cercadas por casas com telhados congelados em vez de avenidas largas que passavam por mansões com ladrilhos de ouro. Presentes de torrão e creme doce haviam agradado Clara antes, mas agora ele lhe deu joias e vestidos porque sabia que ela os preferia. Como ele obteve esse conhecimento, ele não conseguia entender.

Ele observou as pessoas na mesa – gigantes ao que parecia, e ainda havia Clara, que ele segurava em seus braços. Às vezes, os olhos dela se voltavam para ele e ele tentava gritar por ela, mas não tinha voz, não tinha como mover seus membros. Ele deve ter se machucado.

Ele a observou comer o jantar e falar com... levou um momento para se lembrar – Frederik, o irmão dela, um comandante na guerra, ousado e

às vezes imprudente, mas o quebra-nozes havia executado todas as ordens dadas. Havia outro rosto familiar à mesa, um homem de cabelos longos e olhos azul-claros que estudava Clara como se ela fosse uma peça de máquina a ser desmontada e remontada. Eu o conheço, pensou o quebra-nozes. Droessen. Eu sei o nome dele. Mas ele não conseguia pensar em como. Este homem não parecia um soldado, embora tivesse o porte de um.

Uma memória agarrou os pensamentos do quebra-nozes. Ele estava deitado de costas, olhando para as prateleiras repletas de relógios e marionetes caídas. Ele sentiu o cheiro de tinta e óleo, as aparas frescas de madeira. Droessen pairou sobre ele, enorme e de olhos frios com terrível foco. Eu estava ferido, pensou o quebranozes. Droessen deve ser cirurgião então. Mas isso não estava certo.

A refeição terminou. Os convidados beberam copinhos com um líquido cor de granada. Clara deu um gole no dela, as bochechas coradas. Eles brincaram antes da despedida e alguém gritou:

— Está nevando!

Eles correram para se reunir em torno da grande janela, mas o quebra-nozes não conseguia ver bem o suficiente para dizer o que os interessava tanto. Houve conversas e risadas e então todos correram para fora da sala de jantar para... ele não sabia. Ele não sabia o que havia além desta sala. Pode ser um palácio, uma prisão ou uma floresta de pinheiros. Ele sabia apenas que eles haviam partido.

Os criados vieram, apagaram o fogo e apagaram as velas. Ele lutava bravamente e, ainda assim, sempre acabava aqui, sozinho no escuro.

• • •

Clara não apareceu naquela noite.

O quebra-nozes acordou com um guincho estridente e encontrou o Rei dos Ratos ao lado da cama. Ele se sentou apressadamente e alcançou seu sabre, percebendo enquanto agarrava o cinturão da espada que sua arma havia sumido e, ao mesmo tempo, que ele poderia se mover novamente.

Paz, capitão — disse o Rei Rato. — Não vim
 para lutar, só para conversar. — Sua voz era alta e

esganiçada, e seus bigodes se contraíram – mas o monstro ainda conseguiu parecer sério quando falou.

Essa criatura tinha o sangue do quebra-nozes em suas patas imundas e também teria matado Clara. Mas se ele veio falar em condições de trégua, o quebra-nozes supôs que deveria honrar isso. Ele baixou o queixo um pouco.

O Rei Rato ajeitou sua capa de feltro e olhou em volta.

— Você tem algo para beber? Se ao menos eles tivessem colocado você em um armário de bebidas, hein?

Armário. O quebra-nozes franziu a testa com a palavra. Ele estava descansando no quartel, não estava? E, no entanto, quando olhou em volta, viu que o que parecia simplesmente as formas vagas de camas e outros soldados eram itens realmente estranhos. Garotas com olhos de vidro e cabelo encaracolado estavam encostadas na parede. Fileiras de soldados com baionetas nos ombros marchavam em um passo congelado.

— Eu não sei — respondeu ele por fim.

O Rei Rato empoleirou-se na borda dourada de uma enorme caixa de música. Mas era enorme? Ou eles eram pequenos?

- Quando foi a última vez que você comeu? ele perguntou.
- O quebra-nozes hesitou. Foi com Clara? Na Terra da Neve? A Corte das Flores?
 - Não consigo me lembrar.
 - O Rei Rato suspirou.
 - Você deveria comer alguma coisa.
 - Eu como. Certamente ele comeu?
- Algo diferente de nozes. O Rei Rato coçou atrás da orelha com suas pequenas garras rosadas, então removeu a coroa de sua cabeça cinza e colocou-a gentilmente em seu colo. Você sabe que comecei a vida como um rato de açúcar?

A confusão do quebra-nozes deve ter aparecido, pois o Rei dos Ratos continuou:

— Sei que é difícil de acreditar, mas eu era apenas um doce. Nem mesmo para comer, apenas para olhar, uma pequena maravilha encantadora, um testemunho da habilidade do meu criador. Parecia uma pena que eu não tivesse sido provado.

Meu primeiro pensamento foi: gostaria que alguém me comesse. Mas isso foi o suficiente.

- O suficiente para quê?
- Para me livrar do armário. Querer é a razão pela qual as pessoas se levantam de manhã. Isso lhes dá algo com que sonhar à noite. Quanto mais eu queria, mais me tornava como eles, mais real eu me tornava.
- Eu sou perfeitamente real protestou o quebra-nozes.

O Rei Rato olhou para ele com tristeza. Sentado ali, sem a coroa na luz fraca, os bigodes ligeiramente caídos, ele parecia menos um monstro terrível do que um camundongo de rosto doce.

Uma lembrança veio ao quebra-nozes.

- Você tinha sete cabeças...
- O Rei Rato acenou com a cabeça.
- Clara me imaginava temível, e tão temível que me tornei. Mas um rato não pode viver com sete cabeças sempre falando e discutindo. Levamos horas para tomar as decisões mais simples, então, quando as outras estavam dormindo, eu as cortei uma por uma. Havia uma

quantidade terrível de sangue. — Ele se mexeu ligeiramente na cadeira. — Quem é você quando ela não está aqui, capitão?

- Eu sou... Ele hesitou. Sou um soldado.
- Você é? Qual é a sua classificação? Tenente?
- Tenente, é claro respondeu o quebranozes.
 - Ou é capitão? o Rei Rato perguntou.

Você é meu soldado? Você é meu principe?

- Eu...
- Certamente você deve saber sua posição.

Você é meu querido?

— Quem é você quando ninguém te pega para te abraçar? — perguntou o Rei dos Ratos. — Quando ninguém está olhando para você, ou sussurrando para você, quem é você então? Diga-me seu nome, soldado.

Você é meu? O quebra-nozes abriu a boca para responder, mas não conseguia se lembrar. Ele era o príncipe de Clara, seu protetor. Ele tinha um nome. Claro que ele tinha um nome. Apenas o choque da batalha o tirou de sua mente.

Ele lutou bravamente.

Ele levou Clara para conhecer sua mãe.

Ele havia montado um cavalo por um campo cintilante de estrelas.

Ele não era herdeiro de nada. Ele era o príncipe de um palácio de maçapão.

Ele dormia em açúcar refinado. Ele dormia em ouro.

- Você anda, fala e ri quando Clara sonha com você — disse o Rei dos Ratos. — Mas esses são os seus desejos. Eles não podem sustentá-lo. Minha vida começou querendo algo para mim. Desejei ser comido, depois desejei comer. Muito fácil. Um pouco de bacon. Um gole de vinho. Eu queria essas coisas da mesa deles. Foi quando movi minhas pernas e pisquei os olhos. Eu queria ver além da porta do armário. Foi quando eu encontrei meu caminho para as paredes. Lá eu conheci meus irmãos ratos. Eles não são charmosos nem bonitos, mas vivem mesmo quando ninguém está olhando. Fiz uma vida nas paredes com eles, despercebida e indesejada. Eu sei quem eu sou sem ninguém lá para me dizer.
- Mas por que você nos atacou? disse o quebra-nozes. O sangue. Os gritos. — Eu sei que isso era real.

— Tão real quanto qualquer coisa. Quando Clara era criança, ela sonhava com heróis, e os heróis precisam de um inimigo. Mas o desejo de conquistar foi a vontade que ela me deu, não a minha. É a simples fome que me mantém vivo agora: migalhas do armário, queijo na despensa, uma chance de se aventurar fora da pilha de lenha, ver o céu amplo, sentir a mordida fria da neve.

Neve. Outra memória emergiu – não o lugar de sonho que Clara tanto desejava, mas um novo lugar além do armário. Ela o levou para fora uma noite. Ele sentiu frio. Ele tinha visto nuvens se movendo sobre o céu estrelado. Ele levou o ar para os pulmões, sentiu-os se expandir, exalou, viu o sopro de sua respiração na noite fria. Ele se lembrou de árvores agrupadas contra o horizonte, uma estrada, o desejo desesperado de ver o que havia além dela.

— É isso, capitão — disse o Rei Rato enquanto se levantava lentamente e colocava a coroa de volta em sua cabeça. — Ajuda viver no abrigo das paredes onde não há olhos humanos para me olhar. Ajuda ser um rato que ninguém quer olhar. Seu desejo deve ser mais forte se você deseja se livrar do armário, se deseja ser real. Ela te ama, porém, e isso tornará tudo mais difícil.

Clara o amava. E ele a amava. Não era?

O Rei Rato abriu a porta do armário.

- Uma última coisa ele disse enquanto escorregava para a borda. Cuidado com Droessen. Você foi feito para ser um presente para Clara, um meio de encantá-la e nada mais.
 - Ele a ama também, então?
- Quem sabe o que o relojoeiro ama? Melhor não perguntar. Acho que a resposta não agradaria a ninguém.

O Rei Rato desapareceu, sua cauda rosa deslizando atrás dele.

• • •

Clara tentou ficar longe. Ela conseguiu por uma noite, o vinho e os convidados uma distração feliz. Mas no dia seguinte, ela escapou da patinação no lago e correu para o armário, segurando o quebranozes sob o casaco e subindo correndo as escadas para o silêncio do sótão.

Você é meu soldado? ela sussurrou enquanto a luz fria do inverno formava quadrados brilhantes no chão empoeirado.

Você é meu príncipe? Ela enfiou uma noz entre suas mandíbulas.

Você é meu querido?

Você é meu?

Não demorou muito dessa vez. O corpo do quebra-nozes se esticou e sua cabeça se dividiu para revelar o rosto de seu belo príncipe.

— Eu sou — ele disse. Ele sorriu como sempre fazia, tocou gentilmente o rosto dela com a mão, mas então o problema apareceu em seus olhos.

Ele pressionou as pontas dos dedos contra a boca, lambeu os lábios e franziu a testa como se o gosto de nozes não combinasse com ele.

Para onde iremos hoje, meu príncipe?
 Clara perguntou.

Mas ele não segurou a mão dela. Ele se sentou, passou os dedos pelo raio de sol da janela e se levantou para espiar pelo vidro.

 Lá fora — disse ele. — Eu gostaria de ver aonde essa estrada vai. O pedido era tão comum e, ao mesmo tempo, tão inesperado que Clara não conseguiu entender por um momento.

- Isso não é possível.
- É o que eu quero. Ele disse as palavras como se tivesse feito alguma grande descoberta, uma nova invenção, um feitiço. Seu sorriso era radiante. — Querida Clara, é o que eu quero.
- Mas não pode ser respondeu ela, sem saber como explicar.

Sua alegria desapareceu e ela viu o medo em seus olhos.

Não posso voltar para o armário.
Agora ela entendeu. Finalmente. Finalmente.

Ela pegou suas mãos.

— Você nunca precisa voltar para o armário. Apenas me leve com você para sua casa e eu abandonarei este lugar. Podemos ficar para sempre na terra dos sonhos.

Ele hesitou.

- Isso é o que você quer.
- Sim disse Clara, inclinando a cabeça para
 cima. É o que sempre quis. O fervor disso a
 encheu. O suor brotou em seu pescoço. Beije-me,

ela desejou. Em todas as histórias, um beijo era obrigatório. Tire-me deste lugar.

Ela mal podia esperar. Clara ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios nos dele. Ela sentiu gosto de nozes e algo mais, talvez laca. Mas ele não pegou a mão dela, não a puxou para mais perto. Ela não sentiu vento em seu rosto, nem cavalo galopando embaixo dela. Quando ela abriu os olhos, ela ainda estava no mesmo sótão sombrio e empoeirado.

O quebra-nozes roçou os nós dos dedos em sua bochecha.

— Eu quero sair — disse ele.

Agora Clara franzia o cenho e batia o pé como se fosse a criança de quando Droessen colocou o quebra-nozes em seus braços, em vez de uma menina de dezessete anos. Eu quero. Ela não tinha certeza de por que essas palavras a enfureceram tanto. Talvez porque o quebra-nozes nunca as tivesse falado com ela antes.

- Eu disse a você ela disse mais severamente do que pretendia. — Não pode ser. Você não pertence a este lugar.
 - Vou levá-lo para fora disse Frederik.

Clara se encolheu ao som da voz de seu irmão. Ele ficou no topo da escada do sótão, olhando para o quebra-nozes com olhos fascinados.

— Saia! — ela chorou. Ele não deveria estar aqui. Ele não deveria compartilhar isso. Ela correu para ele, frenética de medo e vergonha, e tentou golpeá-lo, empurrá-lo de volta para a escada.

Mas Frederik simplesmente segurou seus pulsos, mantendo-a afastada. Ele era um ano mais velho e muito mais forte. Ele balançou a cabeça, seus olhos nunca deixando o quebra-nozes.

- Pare com isso, Clara.
- Eu me lembro de você disse o quebranozes, observando-o. Ele chamou a atenção e fez uma saudação. — Meu comandante.

Frederik lançou um olhar de advertência a Clara e deixou cair as mãos. Com um sorriso perplexo, ele devolveu a saudação do quebranozes.

 — Sim — disse Frederik, caminhando em sua direção. — Seu comandante. Mandei você morrer cem vezes.

O quebra-nozes franziu a testa.

- Eu lembro.
- Como você mudou Frederik murmurou.

A confusão passou pelo rosto do quebra-nozes.

— Eu mudei?

Frederik acenou com a cabeça.

- Vou te levar lá embaixo disse ele suavemente, como se estivesse persuadindo um gatinho com um pouco de comida. — Eu vou te levar para fora.
- Para onde vai a estrada? perguntou o quebra-nozes.
- Para Ketterdam. Um lugar mágico. Eu vou te contar tudo sobre isso.
- Frederik disse Clara com raiva. Você não pode fazer isso.
- Diremos que ele é meu amigo da escola. Diremos que ele acabou de se alistar.

Ela balançou a cabeça.

- Não podemos.
- Mamãe vai ficar muito feliz em ter um jovem elegante de uniforme se juntar a nós para o jantar.
- O sorriso de Frederik foi malicioso.
 Você pode dançar uma valsa com ele na festa hoje à noite.

Clara não queria dançar uma valsa com ele em uma festa idiota. Ela queria dançar com ele em uma catedral de campânula. Ela queria ser saudada como uma princesa por um coro de cisnes. Ela queria asas. Mas ela não podia dizer nada disso a Frederik, que estava tão perto do quebra-nozes agora, a mão em seu ombro como se de fato fossem bons amigos da escola, como se seu príncipe fosse um jovem capitão, pronto para se juntar às forças de Kerch em seu casaco azul com seus botões brilhantes.

— Frederik — ela implorou.

Mas o irmão dela já estava conduzindo o quebra-nozes pelo sótão, já o empurrando em direção à escada.

— Venha, Clara — Frederik disse, aquele sorriso astuto se espalhando ainda mais. — É o que ele quer.

• • •

O beijo o havia confundido. Quando Clara implorou para ser levada para a terra dos sonhos, o quebra-nozes quase se esqueceu de si mesmo na força de seu desejo. Então, à luz do sol aquoso do

sótão, ela virou o rosto para ele em um convite, pressionou os lábios nos dele, e ele sentiu desejo dele? Tinha sido impossível dela 011 desembaraçar, mas ele deve tê-la querido, porque de repente ele podia sentir o frio da janela novamente, puxando-o para o caminho de cascalho, a floresta, a neve. Em seguida, Frederik estava lá com seus olhos brilhantes e exigentes, o poder de seu desejo brilhante como uma chama, O quebra-nozes perigoso. sentiu sua determinação amolecer, tornar-se facilmente moldável. Ele pensou que se olhasse para o lugar onde Frederik havia tocado seu ombro, ele poderia ver as profundas depressões dos dedos de Frederik ainda lá, o ponto enfático de seu polegar. Os pensamentos do quebra-nozes sobre a estrada e o que poderia estar além se desvaneceram.

Eles desceram as escadas. A casa já estava cheia de convidados para a última noite de Nachtspel. Como todos eles eram luminosos, quão nítidos em suas linhas, quão necessitados seus olhos quando o olhavam em seu falso uniforme e viam um filho perdido, um amante, um amigo, uma ameaça. Ele

conseguiu cumprimentar os pais de Clara e Frederik, executar a reverência apropriada.

Frederik o chamava de Josef, e então ele era Josef. Clara disse que o conheceu uma tarde em uma festa de trenó e foi assim. De onde ele é? Zierfoort. Quem era seu comandante?

— Pai — reclamou Frederik com uma piscadela para o quebra-nozes —, não incomode Josef com tantas perguntas. Eu prometi a ele boa comida e entretenimento, não um interrogatório.

Eles o alimentaram com ganso assado e massa frita recheada com groselha. Lambeu açúcar de ameixas carameladas, bebeu café temperado com sementes de cominho, seguido de copinhos de vinho. Os sabores o faziam sentir-se selvagem, quase louco, mas ele sabia que não devia se perder. Lá, no canto de sua visão, a mancha escura do armário, encostada na parede como um caixão aberto cheio de olhos vítreos e membros abertos. E ali, Droessen, o relojoeiro, o homem de veludo que estudara Clara como se quisesse desmontá-la, que agora observava o quebra-nozes com olhos azuis frios.

Outra lembrança veio: Droessen enfiando a mão no armário. Diga-me, o relojoeiro sussurrou. Conte-me seus segredos.

O quebra-nozes sentiu uma vergonha horrível. Com que facilidade ele traiu Clara, expressou cada um de seus desejos e anseios, descreveu os lugares que visitaram juntos, cada criatura, cada paisagem mágica. Nenhuma tortura foi necessária. Ele simplesmente falou. Ele não tinha sido feito para ser um soldado, mas um espião.

Ele não podia reparar isso agora. Ele sabia que deveria manter a forma de si mesmo, o desejo pelo lado de fora a apenas alguns passos, apenas a uma porta ou janela aberta de distância. Ketterdam – ele deveria se lembrar. Mas o mundo começou a se confundir – o cheiro de perfume, suor, o braço de Frederik em volta de seu ombro, os olhos febris de Clara enquanto dançavam. Como ele sabia os passos, ele não sabia dizer, mas eles giravam e giravam e ela sussurrava para ele:

— Tire-me deste lugar.

Ele a beijou embaixo da escada. Ele beijou Frederik no corredor escuro.

— Você ama ela? — Frederik perguntou. — Você poderia me amar também?

Ele amava os dois. Ele não amava ninguém. Nas sombras escuras além do círculo de luz lançado pelas chamas do fogo, o quebra-nozes captou o brilho dos olhos negros, o brilho de uma minúscula coroa, e soube que devia ser o Rei dos Ratos. Minha vida começou querendo algo para mim.

O quebra-nozes pensou na curva da estrada e no que poderia estar além dela.

Um a um, os convidados partiram em suas carruagens ou subiram as escadas para cair em suas camas.

- Ele pode dormir no meu quarto disse
 Frederik.
 - Sim disse o quebra-nozes.
- Eu virei para encontrá-lo murmurou
 Clara.
 - Sim disse o quebra-nozes.

Mas ele não foi ao quarto de Frederik. Ele permaneceu na escada enquanto as velas se apagavam e os andares inferiores ficavam em silêncio. Então ele desceu novamente para a sala de jantar. Já era tempo; as portas que levariam ao resto do mundo eram uma forma escura contra a parede, mas ele precisava ver o armário mais uma vez.

O luar entrava pelas janelas, fazendo com que a sala de jantar parecesse a galera de um navio naufragado, escondido nas profundezas da água. O armário estava silencioso no canto. Parecia maior agora que a sala estava vazia de pessoas.

Ele foi até lá lentamente, ouvindo o eco de suas botas na sala vazia, sentindo o cheiro dos restos do fogo, o cheiro da madeira verde dos ramos de pinheiro agrupados na lareira e acima das janelas. Ao se aproximar do armário, ele podia ver sua forma repetida nos painéis de vidro de suas portas, uma pequena sombra crescendo, crescendo. Ele olhou para dentro e viu o quadro de inverno de camundongos açucarados e pequenas árvores, os soldados em suas fileiras, as marionetes com suas cabeças horrivelmente inclinadas e cordões moles, as bonecas sentadas apáticas, bochechas rosadas, olhos semicerrados.

— Eu conheço vocês — ele sussurrou, e tocou o vidro com os dedos. As pequenas fadas perfeitas

penduradas em fios com suas asas de filigrana e saias finas, a Mãe Gengibre de quadris largos e a Rainha do Bosque com sua pele verde e chifres prateados.

— Eu fiz todos eles. — O quebra-nozes girou para encontrar Droessen o observando do centro da sala. Sua voz era suave como creme de manteiga. — Cada dobradiça, cada mancha de tinta. Eu moldei o mundo dos seus sonhos a partir dos detalhes que você me contou. E, no entanto, são os brinquedos que ela adora, não eu. — Ele caminhou tão silenciosamente, como se ele pudesse ser feito de penas ou fumaça. — Você admira minha obra?

O quebra-nozes sabia que deveria acenar com a cabeça e dizer que sim, sim, ele sabia, pois este era o relojoeiro sobre o qual o Rei dos Ratos o advertira, aquele que desejava Clara, ou sua riqueza, ou sua família, ou algo inteiramente diferente para ele mesmo. Mas o quebra-nozes tinha dificuldade para falar.

— Confesso — disse o relojoeiro —, estou orgulhoso. Adoro ver minhas criações admiradas, ver as crianças sorrirem. Eu como a maravilha em

seus olhos. Mas parece que nem eu sabia as maravilhas que poderia realizar.

Ele estava perto agora e cheirava a tabaco e óleo de linhaça. Ele cheirava familiar.

— Eu deveria ir — disse o quebra-nozes, aliviado ao descobrir que ainda conseguia falar.

Droessen riu suavemente.

- Para onde você poderia ir?
- Para Zierfoort. Para o meu regimento.
- Você não é um soldado.

Eu sou, pensou o quebra-nozes. Não, ele repreendeu a si mesmo. Você está fingindo ser um soldado. Não é a mesma coisa.

O relojoeiro riu novamente.

— Você não tem ideia do que você é.

Josef. Esse era o nome dele, não era? Ou tinha sido outro convidado na festa?

- Quem é você? perguntou o quebra-nozes, desejando poder recuar, mas não havia nada atrás dele, exceto o armário de vidro. O que você é?
 - Um humilde comerciante.
 - Por que você me fez trair Clara?

Agora um sorriso dividiu o rosto de Droessen, e nenhuma das gentis damas e cavalheiros bonitos que receberam o relojoeiro em suas salas teria reconhecido este lobo, seus muitos dentes.

Você não deve lealdade a Clara. Eu fiz você na minha oficina
disse ele.
Entre suas mandíbulas, coloquei um osso de dedo de criança e, em seguida, quebrei.

O quebra-nozes balançou a cabeça.

- Você é louco.
- E você é feito de madeira.

O quebra-nozes espalmou a mão sobre o próprio peito.

— Meu coração bate. Eu respiro.

O sorriso do relojoeiro aumentou.

Um fole respira para fazer crescer um fogo.Um relógio toca. Essas coisas estão vivas?

Talvez, pensou o quebra-nozes. Talvez eles estejam todos vivos.

 Você não sonha — disse o relojoeiro. — Você não quer. Você não tem alma. Você é um brinquedo.

Eu sou um brinquedo. O quebra-nozes sentiu seu batimento cardíaco desacelerar. Não. Ele não tinha acreditado em Clara quando ela disse que ele era um príncipe que a amava? Ele não tinha acreditado quando Frederik afirmou que o quebra-nozes era seu soldado para comandar? Ambas as coisas eram verdadeiras. Nenhum deles era verdade. Então talvez ele fosse um brinquedo, mas também vivo.

O Rei dos Ratos o avisou: seu desejo deve ser mais forte.

Eu quero... — começou o quebra-nozes. Mas
o que ele queria? Ele não conseguia se lembrar.
Como tudo isso começou? — Eu era...

O relojoeiro se aproximou.

- Você era um bebê que tirei de um lar para enjeitados. Eu te alimentei com serragem até que você ficasse mais madeira do que menino.
- Não disse o quebra-nozes, mas sentiu a barriga encher-se de lascas de madeira e a garganta sufocar com a poeira.
- Você era uma criança que roubei de uma enfermaria. Onde você tinha tendões, eu enrolei uma corda. Onde você tinha ossos, coloquei madeira e metal. Você gritou e gritou até que eu peguei suas cordas vocais e fiz uma cavidade em sua garganta que eu poderia preencher com silêncio ou qualquer palavra que eu gostasse.

O quebra-nozes caiu no chão. Ele não podia gritar por ajuda. Sua cabeça estava vazia. Seu peito estava vazio. Sua boca estava amarga com o gosto de nozes.

Agora Droessen se inclinou sobre o pobre brinquedo quebrado. Ele parecia muito grande, muito alto, muito distante, e o quebra-nozes sabia que seu próprio corpo estava encolhendo.

— Você era uma ideia na minha cabeça — disse o relojoeiro. — Você não era nada, e para nada você vai voltar quando eu não pensar mais em você.

O quebra-nozes olhou nos olhos azul-claros de Droessen e reconheceu a cor. Ele pintou meus olhos para parecerem com os dele. O quebra-nozes sentiu que a ideia de si mesmo desvanecia ao compreender que era apenas Droessen. Que ele sempre tinha sido Droessen.

Por cima do ombro do relojoeiro, ele vislumbrou a estrada iluminada pela lua e os campos cobertos de neve além. A estrada sinuosa... onde? Para uma cidade? Para Ketterdam? Ele ansiava por ver – os canais tortuosos, todas as casas tortas juntas. Ele

imaginou os telhados da cidade amontoados uns contra os outros, os barcos na água, os peixeiros chamando seus clientes. Não importa. Não foi suficiente. Eu sou um brinquedo. Não preciso de nada além de uma prateleira para servir.

Ele se sentiu erguido, mas o relojoeiro não o colocou de volta no armário. Em vez disso, ele caminhou em direção ao fogo. O quebra-nozes se perguntou se Clara e Frederik chorariam por ele.

Então o relojoeiro grunhiu, praguejou. O mundo girou quando o quebra-nozes caiu. Ele bateu no chão com um estalo terrível.

Clique, clique, clique. O quebra-nozes ouviu o barulho de garras sobre a madeira, seguido por um coro de guinchos. Ratos saíram das paredes, rastejando em uma inundação se contorcendo pelas calças do relojoeiro. Ele chutou e bateu neles, cambaleando para trás.

— Lembre-se de você — disse uma voz aguda e aguda no ouvido do quebra-nozes. O Rei Rato inclinou sua coroa.

Eu sou um brinquedo, pensou o quebra-nozes. Lembro-me de meu criador inclinado sobre mim, um pincel na mão, a concentração em seu rosto enquanto ele completava este presente para a garota que ele esperava seduzir. O quebra-nozes havia sido amaldiçoado desde o início. Se ele tivesse sido feito por uma mão generosa. Se ao menos ele tivesse um pai verdadeiro.

- É assim mesmo, capitão gritou o Rei dos Ratos.
- Afastem-se, suas coisas vis!
 Droessen disparou, chutando as criaturas que se contorciam.

Um pai. O quebra-nozes sentiu seus dedos se dobrarem. Alguém gentil, que não queria nada de seu filho, mas que ele pudesse encontrar sua própria felicidade. O quebra-nozes esticou as pernas. Alguém que queria o mundo para ele, em vez de um lugar em uma prateleira. Um pai.

O quebra-nozes ergueu a cabeça. Droessen estava voltando para ele, mas ele não era mais um gigante.

O quebra-nozes pensou na estrada novamente, mas agora ele via que a estrada era um futuro – um que seu pai gostaria que ele escolhesse para si mesmo. Ele imaginou a neve em seu cabelo, o solo sob suas botas, o horizonte ilimitado, um mundo

cheio de acaso, contratempos e mudanças climáticas – nuvens cinzentas, granizo, trovão, o inesperado. Um novo som ecoou em seu peito subindo, tum, tum, tum.

Haveria bosques ao longo daquela estrada, animais neles, um rio flutuando no gelo, barcos de recreio amarrados com suas velas amarradas para o inverno. Ele ficaria com fome naquela estrada. Ele precisaria de comida. Ele comeria rolinhos de repolho e pão de gengibre e beberia cidra gelada. Seu estômago roncou.

- Eu deveria ter queimado você como lenha no dia em que fiz você na minha loja disse o relojoeiro. Mas era tarde demais. O quebra-nozes se levantou e encontrou seu olhar, olho no olho.
- Você não poderia disse o quebra-nozes. —
 Você me amava muito. Isso não era verdade.
 Mas Clara o tornara príncipe pelo poder de seu desejo; ele também poderia desejar.

Droessen riu.

- Parece que você tem um dom para a fantasia.
- Você é meu pai disse o quebra-nozes.
- Eu sou o seu criador rosnou o relojoeiro.

— Você soprou vida em mim com todo o amor em seu coração.

O relojoeiro balançou a cabeça e deu um passo para trás enquanto o quebra-nozes avançava.

- Eu criei você com habilidade. Determinação.
- Você me deu seus olhos para que eu pudesse ver.
 - Não.
- Você me deu a Clara para que ela pudesse me acordar como um príncipe de um conto de fadas, a Frederik para que eu pudesse aprender os caminhos da guerra.
- Você era meu mensageiro! engasgou o relojoeiro. Meu espião e nada mais! Mas sua voz soou estranha e pequena. Ele tropeçou como se não pudesse fazer suas pernas funcionarem.
- Você sonhou com um filho disse o quebranozes, sua necessidade o impulsionando. — Não um mecanismo de relógio desajeitado, mas um menino que pode aprender, um menino com vontade e desejos próprios.

Droessen deu um grito estrangulado e caiu no chão com um estrondo de madeira, seus membros rígidos, sua boca torcendo, seus dentes à mostra.

— Você só queria que eu vivesse — disse o jovem ao se ajoelhar para olhar o boneco amassado caído no chão. — Você teria sacrificado sua própria vida para fazer isso.

Ele pegou Droessen e aninhou-o suavemente na dobra do braço.

— Isso é o quanto você me amou, pai. — Ele abriu a porta do armário e colocou o charmoso bonequinho com seus olhos azuis claros dentro. — O suficiente para dar sua vida pela minha.

• • •

O jovem saiu silenciosamente pela porta da frente da casa e seguiu para o leste ao longo da estrada, em direção ao sol nascendo no céu cinza.

No início de tudo, ele descobriu a solidão na quietude de seus próprios pensamentos. Ele sentiu os ecos da saudade em seu coração acelerado – uma dor por Clara, por Frederik. Então tudo isso se foi. Sem vigilância e sozinho, ele deu os primeiros passos no caminho nevado. Ele estava sem nome novamente, sem ninguém para mover seus membros ou oferecer-lhe

direção, sem ninguém para ditar seu próximo passo, a não ser ele mesmo.

De volta à casa à beira do lago, os Zelverhauses, seus convidados e os criados continuaram dormindo. Eles não acordaram até quase meiodia, quando cambalearam de suas camas, as mentes ainda nubladas com sonhos peculiares. Eles descobriram que a porta da frente da casa havia sido deixada aberta e a neve tinha soprado na entrada. Havia dois conjuntos de trilhas que conduziam à estrada.

O pai e os amigos de Clara pegaram os cavalos e encontraram Clara uma hora depois, a quilômetros de casa, seminua, pés descalços, lábios azuis de frio.

- Ele não deveria ir embora sem mim ela chorou enquanto seu pai a colocava em sua montaria. — Onde está meu cavalo alado?
 - Calma, calma disse ele. Pronto, pronto.

Infelizmente, quando a festa voltou, toda a casa estava acordada para testemunhar Clara tropeçando nos degraus da frente com nada além de sua camisola e o casaco de seu pai, seu rosto inchado de tanto chorar, seu cabelo um

emaranhado escuro. Foi descoberto que Droessen partiu em algum momento da noite, e logo houve sussurros de um namoro à meia-noite, uma paixão louca, tudo tornado mais escandaloso por aquele cheiro fraco e inebriante do desagradável que seguiu o relojoeiro desde o início. Os rumores pioraram quando dias, semanas se passaram e a loja de Droessen permaneceu fechada. Ninguém parecia se lembrar do jovem soldado em seu uniforme azul brilhante.

Clara deitou-se na cama e lá ficou um mês, sem falar com ninguém e recusando-se a comer qualquer coisa que não fosse maçapão. Ela queria apenas dormir e sonhar em dançar com seu príncipe e voar com a Rainha do Bosque. Mas eventualmente ela não conseguiu dormir mais e estava farta de pasta de amêndoa.

Ela se levantou, tomou banho e desceu para o café da manhã para descobrir que sua reputação estava em ruínas. Clara não se importou. Ela não conseguia se imaginar casando com o filho de um comerciante comum ou escolhendo viver em um mundo cinza para o resto de sua vida. Ela considerou suas opções e decidiu que não havia

nada a fazer a não ser se tornar uma escritora. Ela vendeu seus brincos de pérola e mudou-se para Ketterdam, onde alugou um pequeno apartamento com uma janela voltada para o porto para que pudesse ver os navios irem e virem. Lá, ela escreveu contos fantásticos que encantaram as crianças e, com outro nome, escreveu obras um tanto mais sinistras que a mantinham em torrão e creme doce, que sempre teve o cuidado de dividir com os ratos.

Certa manhã, ela acordou com a notícia de que alguém havia invadido a loja do relojoeiro e roubado todos os seus produtos. Ela vestiu o casaco e desceu para o leste de Wijnstraat, onde uma multidão de curiosos se reuniu enquanto os oficiais da stadwatch estavam em volta, coçando a cabeça. Uma mulher que morava do outro lado do canal afirmou ter visto um homem entrar na loja na noite anterior.

— Ele era um soldado — disse ela. — Vestido todo de uniforme. E quando ele saiu, ele não estava sozinho. Ele liderou um desfile inteiro pela rua. Senhores e damas em trajes elegantes de veludo, um menino com asas. Eu até ouvi o rugido de um leão.

Seu marido a afastou rapidamente, alegando que sua esposa vinha dormindo mal ultimamente e não devia ter percebido que ela estava sonhando. Clara voltou para casa com uma nova ideia para uma história puxando seus pensamentos, e parou apenas para comprar alguns caramelos e um saco de azedo de laranja.

Quando Frederik se formou na escola, ele assumiu os negócios da família e embarcou em uma das embarcações de seu pai para buscar um carregamento de chá em Novyi Zem. Mas quando chegou a hora de voltar para casa, ele pulou em outro navio, e depois em outro, parando nos portos apenas o tempo suficiente para enviar um cartão postal ou, ocasionalmente, um pacote. Ele mandou para casa um pacote de chá que fez uma flor desabrochar sob a língua do bebedor; outro que, quando bebido antes de deitar, garantia que você sonharia com a cidade onde nasceu: e uma mistura tão amarga que um gole faria você chorar por três horas. Os pais de Frederik escreveram cartas implorando para que ele voltasse e

assumisse suas responsabilidades. Todas as vezes, ele jurou fazer exatamente isso. Mas então o vento mudaria de direção e o mar aumentaria, e ele se veria a bordo mais uma vez, certo de que outro mundo deveria esperar além do próximo horizonte.

Assim, a família Zelverhaus caiu em desgraça e seu império ficou sem um herdeiro. A casa no lago ficou em silêncio. Depois daquela noite estranha e das fofocas que se seguiram, Althea e seu marido não deram mais festas e visitas eram raras. Nos poucos jantares tranquilos que ofereceram, os convidados saíram cedo, ansiosos para sair da sala de jantar onde antes se divertiam tão livremente, mas onde agora tinham a sensação de estar sendo vigiados por alguém ou algo que queria lhes fazer mal.

Em tal noite, depois de outro jantar sem brilho, Althea Zelverhaus vagou sem rumo por sua grande casa. Já era tarde. Ela não se preocupou em vestir um roupão, mas usava apenas a camisola de algodão e, com o cabelo solto, poderia ter sido confundida com a filha. Ela pensou em responder a última carta de Clara ou abrir o pacote

estranhamente marcado que Frederik tinha enviado de algum clima estrangeiro. Mas quando bateu a meia-noite, ela se viu de pé na sala de jantar, diante do armário de vidro.

Após o desaparecimento do relojoeiro, seu marido quis descer um machado nele e em todo o seu conteúdo, mas Althea alegou que isso apenas daria crédito aos rumores, e o armário permanecera em seu canto, juntando poeira.

Algo estava faltando nas prateleiras, ela tinha certeza disso, mas não sabia dizer o quê.

Althea abriu a porta do armário. Ela passou pelos ratos açucarados e fadas até o boneco pequeno e feio que ela nunca havia notado antes. Havia algo familiar em seu queixo, o corte elegante de seu casaco de veludo. Ela passou o dedo por uma lapela minúscula. Agora que ela olhou mais de perto, seu rostinho zangado tinha certo encanto.

Você é meu soldado? ela sussurrou no silêncio do luar. Você é meu príncipe? Ela abriu a boca para rir de si mesma, mas o som nunca veio. Ela agarrou o boneco mais perto.

Você é meu querido? ela sussurrou enquanto começava a subir as escadas.

O relógio bateu suavemente. Em algum lugar da casa ela podia ouvir o marido roncando.

Você é meu?



QUANDO A ÁGUA CANTOU FOGO



Quando a Água Cantou Fogo

VOCÊ DESEJA FAZER UM NEGÓCIO, e assim você vem para o norte, até que a terra termine, e você não possa ir mais longe. Você fica na costa rochosa de frente para a água, vê as ondas quebrando em duas grandes ilhas, suas costas pretas irregulares. Talvez você pague um habitante local para ajudá-lo a encontrar um barco e um lugar seguro para lançá-lo. Você se envolve em peles de foca para manter o frio e a umidade longe, mastiga gordura de baleia para manter a boca úmida sob o forte frio de inverno. De alguma forma, você cruza aquele longo trecho de mar cor de pedra e encontra a força para escalar a face do penhasco furioso, a respiração apertada no peito, os dedos quase dormentes nas luvas.

Então, cansado e trêmulo, você atravessa a ilha e encontra a meia-lua única de praia de areia cinza. Você faz o seu caminho para um círculo de pedras, para uma pequena piscina de maré, seu desejo queimando como um sol em seu coração mortal. Você vem como tantos antes – solitário, preocupado, doente de avareza. Milhares de

desejos desesperados foram proferidos nestas praias, e no final são todos iguais: Faça-me alguém novo.

Mas antes de falar, antes de trocar uma pequena parte de sua alma pela fome escrita tão claramente em seu rosto, há uma história que você deve saber.

Ajoelhado lá, você ouve o gemido do gelo. O vento sopra em você, uma navalha na corda. Mesmo assim. Fique quieto e ouça. Pense nisso como parte da barganha.

•••

Houve uma época em que os mares do norte não eram nem tão escuros nem tão frios, quando os pinheiros cobriam essas ilhas e os veados pastavam nos prados, quando a terra podia ser cultivada até Elling e além.

Naquela época, os sildroher não se encolhiam sob as ondas, com medo dos marinheiros que pudessem espiar seus membros lisos e caudas prateadas. Eles construíram vastos palácios que se espalhavam ao longo do fundo do mar, cantavam canções para atrair tempestades e manter suas águas seguras, e a cada ano, alguns afortunados

tiravam pernas de suas caudas e saíam para caminhar ousadamente entre os homens da costa, para aprender seus caminhos e roubar seus segredos. Era quase um jogo para eles. Por três meses, eles adoeceram com comida humana, deixaram sua pele ficar com sardas e queimar sob o sol. Eles caminharam na grama, em ladrilhos frios, as ripas das tábuas polidas para a sensação lisa da seda sob os novos dedos dos pés. Eles beijaram lábios humanos quentes.

Mas olhe para eles agora. Nada melhor do que selkies com seus olhos úmidos e suplicantes, disparando de uma onda em outra como se estivessem esperando para ser espancados. Agora suas leis são diferentes. Eles sabem que a terra é um lugar de perigo. Ainda assim, eles anseiam por um gostinho da vida mortal. Este é o problema de tornar uma coisa proibida. Não faz nada além de criar uma dor no coração.

A velha cidade dos sildroher era um afloramento rochoso acidentado, coberto pela ondulação verde-escura das ervas marinhas, de modo que nenhum mergulhador ou marinheiro atirado sob as ondas jamais saberia as maravilhas

que havia sob ele. Corria milha após milha, subindo e descendo com o fundo do oceano, e o povo do mar disparava através de suas cavernas de coral e buracos carregados de conchas aos milhares. A morada de seus reis e rainhas era distinguível apenas por suas seis torres que se erguiam como dedos ágeis em torno de uma planície escarpada. Essas torres ósseas eram cobertas por escamas de criaturas que viviam em trincheiras de modo que, durante o dia, brilhavam com uma luz azul como uma lua capturada, e à noite suas câmaras e catacumbas brilhavam fosforescentes na escuridão pesada.

Abaixo da rocha e das conchas, escondido abaixo do centro da cidade, ficava o salão do Nautilus, com a forma de um grande chifre enrolado em si mesmo e tão grande que caberia uma armada de navios dentro de suas paredes curvas. Tinha sido encantado há muito tempo, um presente de um príncipe para seu pai antes que ele assumisse o trono, e era o coração do poder dos sildroher. Sua base fluía com a água do mar e o nível podia ser aumentado ou diminuído enquanto o resto do salão permanecia seco, para

que o povo do mar pudesse praticar suas harmonias em ambos os elementos – água ou ar, conforme o feitiço exigisse.

Na época, a música não era apenas uma frivolidade, algo com o objetivo de entreter ou atrair os marinheiros para sua perdição. Os sildroher a usavam para convocar tempestades e proteger suas casas, para manter navios de guerra e barcos de pesca longe de seus mares. Eles a usavam para fazer seus abrigos e contar suas histórias. Eles não tinham uma palavra para bruxa. A magia fluía por todos eles, uma canção que nenhum mortal podia ouvir, que apenas o povo da água poderia reproduzir. Em alguns, parecia ir e vir como a maré, deixando pouco em seu rastro. Mas em outros, em meninas como Ulla, a corrente pegou alguma coisa escura em seus corações e redemoinhava lá, formando profundas piscinas de poder.

Talvez o problema tenha começado com o nascimento de Ulla e os rumores que o cercaram. Ou em sua infância solitária, quando era evitada por sua pele pálida e olhos estranhos. Ou talvez tenha começado não com uma garota, mas com

duas, no primeiro dia que Ulla cantou com Signy, na caverna ecoante da sala de concertos.

Ainda eram apenas meninas, ainda não tinham treze anos e, embora tivessem sido educadas nos mesmos lugares, frequentassem as mesmas celebrações das marés e caças ao esturjão, não eram amigas. Ulla conhecia Signy por causa de seu cabelo – um vermelho vibrante que brilhava como um aviso e a denunciava aonde quer que fosse. E, claro, Signy conhecia Ulla com seu cabelo preto e sua pele tingida de cinza. Ulla, que cantava uma canção para arrancar cracas de seu berçário quando era apenas uma criança; que, sem uma única lição, cantarolava uma melodia para fazer dançar as saias esvoaçantes de suas bonecas de algas. Ulla, que tinha mais poder em uma única melodia simples do que cantores com o dobro de sua idade.

Mas os colegas de classe de Ulla não se importaram com a certeza de seu discurso ou com a novidade das canções que ela compôs. Essas coisas só os deixavam com ciúmes e os fazia sussurrar mais sobre sua obscura ascendência, a possibilidade de que seu pai não fosse seu pai, de

que sua mãe tivesse voltado de um verão em terra com um filho de um menino humano em sua barriga. Não era para ser possível. Os humanos eram seres inferiores e não podiam procriar com os sildroher. Mesmo assim, as crianças ouviram seus pais sussurrar e fofocar e então fizeram o mesmo. Eles alegaram que Ulla nasceu com pernas, que sua mãe usou magia de sangue para fazer um rabo para ela e enfiou uma faca na pele da garganta de Ulla para dar guelras à filha.

Ulla disse a si mesma que não era verdade, que não podia ser, que a linhagem de seu pai estava clara no padrão de suas escamas de prata. Mas ela não podia negar que não se parecia com nenhum de seus pais, ou que ocasionalmente, quando sua mãe trançava o cabelo de Ulla e colocava pentes de pérola acima de suas orelhas, havia uma expressão em seu rosto que poderia ser medo, ou pior, nojo.

Ulla às vezes sonhava com uma vida em águas distantes, com encontrar outro povo do mar em algum lugar que a quisesse, que não se importasse com sua aparência ou quem a gerou. Mas, principalmente, ela sonhava em se tornar uma

cantora da corte – venerada, valorizada. Ela se imaginou vestida com pedras preciosas e ossos de cusk, uma general com um coro como seu exército, comandando tempestades e construindo novas cidades para o rei e a rainha. Os cantores da corte eram nomeados pelo rei e quase sempre carregavam sangue nobre. Mas isso não impediu Ulla de ter esperanças ou de se agarrar a esse sonho quando foi deixada sozinha no salão do Nautilus enquanto os outros alunos faziam pares para duetos ou formavam grupos para conjuntos, quando mais uma vez ela foi forçada a cantar com o mestre do coro, seu rosto suave com pena.

Tudo isso mudou na primeira vez que ela cantou com Signy.

Naquele dia, a sala de concertos estava quase vazia, as pedras em sua base expostas ao ar seco enquanto o mar lá fora continuava. Os alunos deitaram sobre as pedras lisas, os rostos entediados, uma pilha sinuosa de caudas enroladas e bochechas bonitas repousando sobre os antebraços úmidos. Signy estava na periferia do grupo, apoiando-se em seu corpo escorregadio. Durante toda a manhã ela lançou olhares azedos

para Ulla, sua boca de concha rosa virada para baixo nos cantos, e foi só quando o mestre do coro começou a combiná-los para duetos que Ulla entendeu por quê: Lis, a parceira habitual de Signy, não tinha vindo para a aula. Seus números eram iguais e Signy seria forçada a cantar com Ulla.

Naquele dia, a classe estava praticando magia de tempestade simples com pouco sucesso. Cada par fez sua tentativa, e alguns conseguiram convocar algumas nuvens ou uma névoa que generosamente poderia ser chamada de borrifo. Em um ponto, um estrondo de trovão começou, mas era apenas o ronco do estômago do jovem Kettil.

Quando finalmente chegou a hora de Ulla e Signy se apresentarem, elas deslizaram para a saliência de rocha que servia de palco, Signy mantendo distância enquanto seus colegas riam de seu infortúnio.

Ulla pensou por um momento em uma melodia fácil, algo que acabaria com essa humilhação rapidamente. Então ela empurrou o pensamento para longe. Ela odiava Signy por ter tanto medo de

fazer par com ela, mesmo que brevemente, odiava seus colegas de classe por suas risadas abafadas e olhos astutos, mas principalmente Ulla desejava poder matar a coisa dentro de si que ainda ansiava por sua aprovação. Ela lançou um olhar frio para Signy e disse:

— Siga-me. Se você puder.

Ulla começou um feitiço que vinha praticando sozinha, uma melodia staccato, cheia de súbita síncope. Ela saltava agilmente de nota em nota, arrancando a melodia da música secreta que ela podia ouvir tão claramente, feliz por deixar Signy para trás para lutar com sua voz doce e vacilante.

E, no entanto, onde quer que Ulla liderasse a música, a outra garota a seguia com uma determinação implacável.

Nuvens de barriga acinzentada formaram-se bem acima delas, no teto.

Ulla olhou para Signy e a primeira chuva começou a cair.

Existem diferentes tipos de magia. Algumas pedem ervas raras ou encantamentos complicados. Algumas exigem sangue. Outra magia é ainda mais misteriosa, do tipo que ajusta

uma voz à outra, um ser ao outro, quando momentos antes eram tão bons quanto estranhos.

A música ficou mais alta. O trovão rolou e sacudiu o salão do Nautilus. O vento uivava e arrancava os cabelos dos alunos nas rochas.

— Sem raios! — gritou o mestre do coro sobre o barulho, agitando os braços e batendo com sua enorme cauda laranja.

A música ficou mais lenta. Os outros alunos choramingavam e se debatiam. Mas Ulla e Signy não se importaram. Quando a última nota desapareceu, em vez de se voltarem para os colegas, esperando elogios, elas se voltaram uma para a outra. A música havia construído um escudo ao redor delas, o abrigo de algo compartilhado que não pertencia a mais ninguém.

No dia seguinte, Lis voltou para a aula e Ulla se preparou para ficar com o mestre do coro mais uma vez. Mas quando ele disse a eles para formarem pares para duetos, Signy apertou a mão de Ulla.

Por um breve momento, Ulla desprezou Signy, pois só podemos odiar aqueles que nos resgatam da solidão. Era insuportável que essa garota tivesse tanto poder e que Ulla não tivesse vontade de recusar sua bondade. Mas quando Signy olhou para Ulla e sorriu – timidamente, uma estrela emergindo no crepúsculo – toda aquela amargura se dissolveu, desapareceu como palavras desenhadas no fundo do oceano, e Ulla não sentiu nada além de amor. Aquele momento a amarrou a Signy para sempre.

A partir de então, foi assim que as coisas aconteceram – Signy e Ulla juntas, e a pobre Lis, forçada a cantar com o mestre do coro, a boca franzida em uma carranca enrugada que parecia achatar um pouco todas as suas notas.

•••

O problema surgiu naquele dia quando duas garotas se enredaram como uma erva daninha, mas depois fecharam os olhos, fingindo dormir, deixando Ulla e Signy com seus jogos e confidências sussurradas, deixando-as murmurar seus segredos e atrapalhar seus sonhos com o passar dos anos, esperando o inverno e a festa de aniversário do príncipe.

Roffe era o caçula de seis príncipes, a braças de distância do trono, e talvez porque não era uma ameaça para ninguém, seus pais e irmãos o mimavam. Os filhos reais tinham seus próprios tutores, mas a aversão de Roffe por estudos ou responsabilidade de qualquer tipo era bem conhecida e observada com uma espécie de indulgência afetuosa entre a nobreza. Em seu décimo sétimo aniversário, os sildroher das águas circundantes vieram oferecer presentes, e todos os que tinham algum tipo de talento para cantar foram chamados à planície rochosa entre as torres do palácio para se apresentar. A família real sentou-se enrolada contra uma cavidade leitosa de cristal marinho, presa na espinha da torre mais alta - o rei e a rainha com suas coroas de dentes de tubarão, e todos os irmãos bonitos com seus cabelos de ouro claro, vestidos com armaduras de osso de baleia.

Cada cantor ou conjunto se apresentou para a apresentação, alguns velhos, outros jovens, todos famosos pela magia que podiam cantar. Hjalmar, o grande mestre que serviu como cantor da corte sob dois reis, trouxe uma cascata de luz do sol da

superfície para aquecer a multidão. Sigrid da Corrente Oriental cantou uma enorme pilha de esmeraldas que subiu até a varanda real. As gêmeas, Agda e Linnea, convocaram um grupo de baleias-borboleta para bloquear o sol e, em seguida, encheram os mares em torno dos foliões com os corpos brilhantes e sonhadores de águas-vivas lunares.

Quando finalmente chegou a hora de Ulla e Signy se apresentarem, elas foram para o centro da planície, os dedos entrelaçados.

Nenhuma das famílias era rica, mas as meninas haviam se arrumado o melhor que podiam para a ocasião. No cabelo, elas usavam coroas de lírios salgados e pequenos pentes de pérola que haviam pegado emprestado de suas mães. Elas haviam adornado seus corpos com lascas de concha de abalone, de modo que seus torsos e suas caudas brilhavam como um tesouro. Ulla parecia bem o suficiente, ainda grisalha, ainda taciturna, mas Signy parecia um sol nascendo, seu cabelo ruivo espalhado em uma coroa em chamas. Ulla ainda não sabia como nomear essa cor. Ela nunca tinha visto chamas.

Ulla olhou para a multidão acima dela, ao seu redor. Ela podia sentir a curiosidade deles como um tentáculo em busca, ouvir seu nome como uma melodia trepidante e odiosa.

Essa é a garota? Ela é positivamente cinza.

Não se parece em nada com a mãe ou com o pai.

Bem, ela pertence a alguém, alma azarada.

Signy também tremeu. Ela tinha escolhido Ulla naquele dia no salão do Nautilus, embriagada com o poder que criaram juntas, e elas construíram um mundo secreto para si mesmas onde não importava que Signy fosse pobre, ou que ela fosse bonita, mas não bonita o suficiente para subir acima de sua posição. Aqui, ante aos sildroher e da família real, o abrigo daquele mundo parecia muito distante.

Mas Ulla e Signy não eram as mesmas garotas assustadas que uma vez se lançaram olhares amargos na aula. Com as mãos cruzadas com força, elas ergueram o queixo.

A música começou docemente. A cauda de Ulla se contraiu, mantendo o ritmo, e ela viu o rei e a rainha acenando com a cabeça a tempo no alto. Ela sabia que eles já estavam pensando no banquete que viria. Eles eram apenas educados o suficiente para não mostrar seu tédio – ao contrário de seus filhos bonitos.

Embora Ulla tivesse composto o feitiço, tinha sido ideia de Signy, um sonho que ela descreveu para Ulla com as mãos tontas e trêmulas, que elas haviam embelezado em horas preguiçosas, aquecendo-se na parte rasa.

Ulla deixou a música subir, e uma série de arcos delgados e perolados começou a se formar na escarpada. A multidão flutuante planície murmurou sua aprovação, pensando que isso era tudo que as meninas tinham a oferecer, duas alunas promissoras que, por algum motivo, tiveram permissão para se apresentar com os melodia movia-se em escalas mestres. Α escalonadas e depois descendentes simples, criando simetria para os caminhos cintilantes que se espalhavam abaixo delas, e logo os novos caminhos e colunatas formaram a forma de uma grande flor com seis pétalas perfeitas que irradiavam do centro da planície.

Um punhado de aplausos aumentou.

A música mudou. Não era muito agradável agora, e os príncipes estremeceram com a dissonância. A multidão desviou o olhar, envergonhada, alguns deles sorrindo maliciosamente. Signy agarrou os dedos de Ulla com tanta força que os nós dos dedos se esfregaram, mas Ulla a avisou que seu público não entenderia e, em vez de parar, elas cantaram mais alto. O rei se encolheu. A rainha voltou seus estreitos olhos azuis para o mestre do coro. Seu rosto estava sereno. Ele sabia o que Ulla pretendia.

Ela escreveu a música em uma nova escala, com um número diferente de intervalos e, embora o som fosse uma discórdia para os ouvidos ignorantes dos outros, Ulla sabia mais. Ela podia ouvir a forma de uma harmonia diferente. Ela e Signy se mantiveram perto das notas – não permitindo que elas resolvessem algo mais comum – e, ao fazer isso, suas vozes vibraram através da água e sobre a planície. Uma profusão de cores explodiu entre os caminhos colocados abaixo delas. Anêmonas rosa pálido e leques do mar vermelho brilhante, grossos caules roxos de algas e espinhos floridos de coral.

A multidão gritou maravilhada enquanto os jardins cresciam. Ulla sentiu seu pulso acelerar, seu sangue estalar como se um relâmpago corresse por suas veias, como se a música que ela construiu sempre tivesse existido e estivesse simplesmente esperando que ela a encontrasse. A magia da tempestade foi fácil. Até mesmo erguer edifícios ou criar joias era simples o suficiente com as notas certas. Mas criar coisas vivas? A música não poderia apenas chamá-las à existência. Precisava ensiná-las a entender suas próprias necessidades, a obter sustento e sobreviver.

Foi assim que surgiram os jardins reais. Ulla e Signy foram suas arquitetas. Duas meninas ninguém que até aquele momento poderiam muito bem ser invisíveis.

Quando a apresentação terminou, foi o jovem príncipe Roffe quem bateu palmas com mais força e dispensou os padrões formais da dança que o teriam mantido nadando em círculos por horas antes de chegar a Ulla e Signy, por mais humildes que fossem. Ele cortou direto pela multidão e Ulla observou o rosto de Signy se voltar para o do

príncipe como se tivesse sido pego por uma ressaca.

Os olhos de Roffe foram primeiro para a brilhante Signy.

— Diga-me como isso é feito — ele implorou a
ela. — Essas criaturas e plantas continuarão a
viver? Ou é tudo apenas show?

Mas agora que a música havia acabado, era como se Signy tivesse esquecido sua voz.

O príncipe tentou novamente.

- As plantas...
- Elas viverão respondeu Ulla.
- O som estava tão feio.
- Estava? Ulla perguntou, uma carapaça dura brilhando por baixo de todas as suas joias. — Ou foi apenas algo que você não tinha ouvido antes?

Signy ficou horrorizada. Então, como agora, não se contradizia um príncipe, mesmo que ele exigisse.

Mas o Príncipe Roffe parecia apenas pensativo.

- Não foi totalmente desagradável.
- Não foi nada desagradável disse Ulla, sem saber por que sua língua ficou tão afiada. Este

menino era da realeza, sua atenção pode significar um caminho para se tornar um cantor da corte. Ela deveria elogiá-lo, ser indulgente com ele. Em vez disso, ela continuou: — Seus ouvidos simplesmente não sabiam o que fazer com isso.

Ele olhou para Ulla então, realmente olhou para ela. Sua família sempre possuiu olhos extraordinários, azuis mais profundos do que qualquer mar. Roffe voltou aqueles olhos para Ulla e observou seu olhar preto e plano, a coroa de lírios branca em um ângulo estranho em seu cabelo preto. Foi a franqueza de seu olhar que tornou Ulla ousada? Ela estava acostumada com todos, exceto Signy desvindo os olhos dela, até mesmo sua mãe às vezes.

- Magia não requer beleza disse ela. Magia fácil é bonita. A grande magia pede que você perturbe as águas. Requer uma interrupção, algo novo.
- Algo raro acrescentou Roffe com um sorriso brilhante.
 - Sim ela concordou a contragosto.
- E que problemas você pode causar acima da superfície? Perguntou Roffe.

Ulla e Signy ficaram imóveis, como se enfeitiçadas por aquelas palavras simples, uma oferta brilhando como uma isca, e talvez tão perigosa quanto. Todos os verões, os filhos reais viajavam para a costa, para a grande cidade de Söndermane. Apenas os filhos e filhas mais favorecidos da nobreza tinham permissão para acompanhá-los.

Agora era Ulla que não conseguia falar direito, e foi Signy quem respondeu, uma nova cadência em sua voz, como se ela finalmente tivesse se encontrado novamente, e algo mais.

Podemos causar muitos problemas na costa
disse ela, toda a sua luz tremeluzindo como pérola e âmbar. — Mas, além disso, quem sabe?

O sorriso do príncipe brilhou.

— Bem, então — disse ele. — Precisamos descobrir.

•••

Elas se tornaram uma nova constelação: Ulla como uma chama negra, Signy queimando em vermelho, e Roffe dourado, sempre rindo, um sol amarelo. Em alguns aspectos, Roffe não era tão

diferente delas. Sendo o sexto filho, ele mal era um príncipe, e seu principal dever era não atrapalhar. Não se esperava que ele estudasse muito ou se preocupasse muito com a política ou os métodos de guerra. Isso o deixou preguiçoso. Quando ele estava com fome, as pessoas lhe traziam comida. Quando se cansava, dormia e era vigiado por guardas silenciosos com pescoços tão grossos que seus ombros caídos pareciam arraias. E, no entanto, era difícil não se deixar levar por seu charme. Vamos para as cavernas de rocha quente, ele diria. Vamos caçar o urchin. Vamos nadar rio acima e encontrar uma lavadeira para assustar. Ulla e Signy foram com ele porque ele era um príncipe e você não recusava um príncipe. Elas foram com ele porque quando ele sorria, você se perguntava por que pensou em negar-lhe qualquer coisa.

Ele alegou que tinha interesse em música, mas Ulla logo descobriu o que os tutores de Roffe tinham descoberto: embora ele tivesse uma voz forte e um ouvido bom o suficiente, ele tinha todo o foco de uma gaivota, mudando o curso ao ver qualquer objeto brilhante. Sua mente vagava, ele ficava entediado e até mesmo uma pequena falha era tratada como um desastre.

Mas quando Ulla puniu Roffe, ele simplesmente disse:

- Ninguém espera que eu faça nada. Eles deixam isso para meus irmãos.
 - E isso é o suficiente para você?
- Pobre Ulla ele zombou. Por que você trabalha tanto? Posso cheirar sua ambição como sangue na água.

Ulla não sabia por que essas palavras a envergonhavam. A música era tudo o que ela tinha, então ela se agarrou a ela, aprimorou e aperfeiçoou-a, como se ela pudesse afiar sua habilidade ao ponto mais fino, ela poderia esculpir um verdadeiro lugar para si mesma no mundo.

 O que você sabe sobre ambição? — ela zombou.

Mas o príncipe apenas piscou.

— Eu sei que você deve manter isso como um segredo, não gritar como uma maldição.

Talvez a lição devesse ter doído, mas Ulla gostou mais de Roffe quando ele a deixou vislumbrar a astúcia sob sua máscara encantadora.

Os sildroher que uma vez zombaram de Ulla e Signy continuaram a zombar, a se perguntarem o que Roffe estava jogando, a insinuar que as meninas eram meras diversões. Mas agora eles foram forçados a esconder seu desdém. O favor de Roffe transformou Ulla e Signy, garantindo-lhes proteção que nenhuma música jamais poderia. A inveja de seus colegas pairava ao redor delas em nuvens envenenadas, e Ulla observou Signy beber aquele veneno como se fosse vinho. Isso fez seus movimentos lentos, sua pele lisa, seu cabelo sedoso. Ela floresceu na fome de seu respeito. E então, finalmente, Roffe pediu a Ulla e Signy que fossem suas convidadas em terra.

— Você pode imaginar! — Signy gritou, agarrando as mãos de Ulla, girando-a, a água agitando-se ao redor delas enquanto elas circulavam cada vez mais rápido.

Sim, pensou Ulla, as maravilhas da costa se desenrolando em sua mente, a chance de ser outra pessoa por um tempo, a esperança boba de que se ela se comportasse apenas como uma nobre, o rei poderia de alguma forma esquecer como ela era comum e conceder o desejo de seu coração. Eu posso imaginar tudo.

•••

Os pais de Signy ficaram emocionados. O melhor da jovem nobreza iria pousar e, embora pudessem passar seus dias brincando com humanos, também poderiam notar a bela Signy. Sua mãe vendeu suas poucas joias para pagar a confecção de vestidos mortais e chinelos de veludo para os pés que Signy teria em breve.

Os pais de Ulla se recusaram a deixá-la ir. Eles conheciam as tentações da costa. Sua mãe gemeu uma canção tão triste que as algas murcharam em torno de sua casa, e seu pai rugiu em grandes foles, sua cauda chicoteando a água como um chicote.

Havia correntes estranhas aqui, Ulla sabia, um mistério que fazia sua mãe chorar quando ela trançava o cabelo de Ulla e empurrava a filha de seu colo antes que a tarefa fosse concluída, uma pergunta que deixou seu pai brusco e tornou sua voz dura. Ela sabia que não era possível para ela ter um pai humano, mas quem a gerou e a tornou

tão estranha? Ulla queria perguntar, expulsar o passado da escuridão tenebrosa e saber por fim quais sussurros eram verdadeiros.

Em vez disso, ela se sentou em silêncio e, quando eles pararam de lamentar e advertir, ela disse:

— Vocês não podem me impedir.

Eles não poderiam. Mas eles poderiam recusar seus vestidos e moedas humanas.

- Ande nua entre os homens da praia e veja a alegria que isso traz para você decretou seu pai.
- Talvez eu faça Ulla respondeu com mais coragem do que realmente sentia. Talvez ela encontrasse respostas em terra, ou um amante humano, ou nada, mas ela iria.

Naquela noite, ela nadou até o naufrágio do Djenaller, um navio que havia baixado poucos meses antes, um aviso aos homens da terra para se protegerem dessas águas. Ela puxou pedaços de pano e pérolas dos esqueletos em suas cabines, e sobre essas sobras esfarrapadas ela cantou uma canção de fabricação. Ela mal sabia como deveriam ser os vestidos mortais, mas desenhou pérolas e juntou a seda e fez três vestidos que a

agradaram, depois os selou secos em um baú encantado.

— Você não pode usar esses vestidos — disse Signy. — Eles vão chamar muita atenção. — Ulla encolheu os ombros e fingiu que não se importava. Ela não podia contar a Signy que sua mãe e seu pai se recusaram a deixá-la acompanhála à festa, nem suportaria lhe dizer por quê. — Além disso, três vestidos dificilmente vão durar três meses em terra!

O que Ulla poderia dizer? Ela tinha sua voz. Ela tinha magia. Teria que ser o suficiente.

— Signy — ela começou cuidadosamente, formulando uma pergunta que também era um aviso —, você sabe por que ele nos quer lá?

Não havia problema em falar de vestidos e festas, mas os olhos de Signy seguiam Roffe como um navio em busca de um farol de vigia na costa. Ulla não suportava ver a amiga ferida. A verdade é que Roffe foi atraído por elas pelo poder que elas exerceram no dia em que criaram o jardim. Ele era amigo delas, ela sabia disso, mas ainda era o filho mais novo. Só a magia pode torná-lo mais forte.

Ao final de cada verão em terra, os sildroher voltavam todos os principes ao mar e presenteavam seu pai, o rei. Os presentes eram chamados de um gesto, um nada, mas o rei havia anunciado que este seria o último ano de seu reinado, então todos sabiam melhor. Esses presentes deveriam ser uma expressão da engenhosidade de cada principe. demonstração de sentimento por seu pai e pelo reino. A primeira música de construção foi um presente e ergueu o palácio real do leito do oceano. Isso acontecera quase quinhentos anos atrás, mas tornara um terceiro filho um rei. Um sexto filho precisaria de magia maior do que isso.

Signy encostou a testa na de Ulla brevemente.

— Eu sei — ela disse. — Mas Roffe pode procurar uma coisa e encontrar outra. Afinal, eu só queria sobreviver a um dueto e, em vez disso, encontrei você.

Ulla abraçou a amiga com força e cantaram juntas enquanto terminavam de fazer as malas. Ela sabia que deveria advertir Signy mais, dizerlhe que Roffe não poderia escolhê-la, que embora ele fosse o mais jovem e mal fosse um príncipe, ele ainda era um príncipe.

Você vale mais do que isso, ela queria dizer. Você não deveria ter que merecê-lo. Em vez disso, ela segurou a língua e tentou afastar a preocupação em seu coração. Que mal pode um pouco de esperança fazer? Ulla disse a si mesma.

Mas a esperança aumenta como a água presa por uma represa, cada vez mais alta, em incrementos que não significam nada até que você enfrente a enchente.

•••

Eles alcançaram a superfície antes do amanhecer, quando o céu ainda estava escuro. Ulla já tinha estado acima, quando aprendeu a magia da tempestade, balançando nas ondas, as estrelas brilhando no céu negro acima dela como outro grande mar, a forma volumosa da costa estendendo-se como a cauda de um monstro no horizonte. Ela ficou para ver o sol tornar a água rosa e dourada, dourando o castelo nos altos penhascos, e então procurou abrigo abaixo. Mas agora Ulla e os outros deixaram a maré levá-los

para o interior, até uma pequena enseada, uma faixa sombria de areia cinza e rocha preta.

Eles foram recebidos na praia pelos Hedjüt, os pescadores do norte, com quem os sildroher mantiveram uma aliança fácil. O povo do mar controlava as tempestades para os barcos Hedjüt, mantinham suas redes cheias de mexilhões e caranguejos e lançavam baleias em suas águas. Em troca, os pescadores mantinham segredos dos sildroher, forneciam-lhes cavalos e buscavam troncos de roupas humanas encomendados por famílias nobres sildroher. Foi com os Hedjüt que o povo do mar aprendera a linguagem e os costumes humanos, e era antes desses silenciosos pescadores que eles agora se debatiam nas ondas.

Não há dor como a dor da transformação. Uma sereia não muda simplesmente de pele e encontra um corpo mortal embaixo dela. Andar na terra é ter seu corpo dividido em dois, dividido em outra coisa. Naquela praia, Ulla, Signy, Roffe e o resto do grupo sacaram as lâminas de sykurn sagradas, talhadas em presas de narval e carregadas de encantamentos. Eles levantaram a canção da

transformação e mergulharam as facas em seus próprios corpos.

Muitos dos filhos reais e nobres foram auxiliados por cantores da corte na confecção de suas facas, mas não Ulla, que cantou as notas que uniriam poder a sua lâmina com infinito cuidado. Ainda assim, não importa o quão bem feita a faca, a música era o maior desafio. Era a magia mais profunda, música de dilaceração e cura, a única canção em que toda a realeza foi treinada desde o nascimento. Não era complicado, mas exigia muita vontade, e Ulla temia que Signy não tivesse forças para isso. Mas com os olhos fixos em Roffe, Signy ergueu a voz e fez o corte. Só então Ulla acrescentou sua própria voz à música e enfiou a lâmina em sua cauda.

O terror era pior do que a dor, a certeza de que algo havia dado errado e que ela seria dilacerada da cabeça às nadadeiras. O sangue derramou em torno dela em torrentes, manchando a espuma do mar de rosa antes que a maré trouxesse outra onda de sal para limpar suas feridas. E ainda assim ela cantou, segurando as notas com firmeza, sabendo que se não o fizesse, ela nunca se curaria

completamente, mas simplesmente ficaria ali sangrando, uma confusão de escamas e membros meio formados.

A dor diminuiu. As últimas notas foram cantadas. Ulla ficou maravilhada com a estranha curva de seus quadris, o cabelo escuro entre as pernas, as protuberâncias estranhas e desajeitadas de seus joelhos. E pés! Pequenas barbatanas tristes com os dedos dos pés ameados. Ela mal podia acreditar que tais coisas a apoiariam, muito menos a impulsionariam para frente.

Os pescadores Hedjüt desviaram os olhos e puxaram os sildroher da areia, por cima das rochas, suas novas pernas se contorcendo frouxamente. Os homens foram gentis, mas mesmo assim Ulla sentiu o pânico apertar seu coração. Era muito estranho – a luz fresca do amanhecer ao seu redor, a solidez imóvel da terra, o ar correndo cru por seus pulmões. Ela lutou para encontrar a calma, com medo de se envergonhar.

Nos barracos dos pescadores, Ulla e os outros sildroher se vestiram e calçaram os pés vulneráveis e inexperientes com sapatos especiais para a viagem, acolchoados com lã de cordeiro e feitiços. Eles passaram a maior parte do dia aprendendo a andar, cambaleando e rindo enquanto tropeçavam, agarravam e sentiam a terra abaixo deles. Alguns tinham a experiência de verões anteriores, mas mesmo para aqueles que nunca tinham vindo para a terra, não era tão difícil quanto poderia ser para uma criança humana. Eles eram um povo elegante, forte por anos por se manterem firmes contra as marés.

Durante tudo isso, os sildroher tiveram muito cuidado com suas facas. Novos cortes seriam necessários em três meses, mais magia de sangue para amarrar suas pernas e formar suas caudas para que pudessem voltar para casa. As lâminas não podiam tocar em nada do mundo mortal antes disso ou elas perderiam o poder de devolver o povo do mar às suas verdadeiras formas, então os sildroher envolveram as facas de sykurn na pele e escamas que eles haviam derramado e as armazenaram com segurança em seus troncos.

Ulla viu que Signy e Roffe a olhavam de maneira estranha, mas havia pouco tempo para pensar nisso, pois as carruagens haviam chegado, forjadas em prata e ouro, com as portas brilhantes de laca e adornadas com o símbolo da família real sildroher — embora aquele emblema não significasse nada para os homens da costa. Os cavalos, enormes feras de cinza manchado com olhos negros como focas, bateram com os cascos enormes enquanto Signy e Ulla engasgavam e Roffe se dobrava de tanto rir. Nenhuma dessas maravilhas era nova para ele.

Logo eles estavam trovejando pela grande estrada que corria ao longo da orla da costa até a cidade de Söndermane. Todos eles tinham visto a cidade de longe, empoleirada na ponta dos penhascos brancos que eles chamavam de Lua Cortada, as torres da igreja onde os grandes sinos de ferro, encantados pela magia dos sildroher, obrigavam até os piores pecadores a rezar. Mas Ulla mal conseguia pensar com todas as sensações que a percorriam – o assento sob as coxas recémformadas, o roçar da saia nas pernas, o balanço da carruagem. A cada sacudida, os sildroher gritavam ou agarravam seus lados, selvagens com a estranheza de tudo isso.

Por meio do caos e do comércio da cidade baixa, eles sacudiram sobre paralelepípedos OS castigadores e, em seguida, passaram pelos portões do grande palácio. Como brilhava, branco e prateado e rodeado por pinheiros altíssimos, como se talhado em pérola e possuísse sua própria magia. Suas torres eram tão estreitas que parecia que um sopro poderia derrubá-las, e cada sacada, corrimão e caixilho eram trabalhados em pedras diáfanas tão leves que pareciam menos com alvenaria e mais como línguas arejadas de gelo. Acima de tudo isso assomava a lendária Torre do Profético, onde estudiosos de todos os países vinham estudar e debater suas descobertas com os principais conselheiros e videntes do rei. Ulla que mãos mortais achou difícil acreditar pudessem ter feito um lugar assim.

— Muitos nobres humanos passam os dias quentes aqui — disse Roffe, apontando para outro grupo de carruagens. — Eles acham que somos de uma propriedade bem ao sul.

Quando o lacaio abriu a porta, Kalle, o irmão mais velho de Roffe, estava esperando, a boca cheia de avisos.

— Aproveitem os prazeres como quiserem — ele os lembrou enquanto subiam lentamente a ampla extensão dos degraus do palácio – ainda não totalmente certos de como seus corpos deveriam se alinhar no ato, testando o mármore frio através de seus sapatos. — Mas lembre-se de como essas criaturas são frágeis. Não derrame o sangue deles. Não atraia sua atenção. —

Seu olhar permaneceu em Ulla também.

Por duas portas altas e estreitas, eles passaram, em uma grande entrada flanqueada por escadas curvas que se encontravam em um amplo patamar acima. Novamente eles escalaram, os músculos tremendo com o trabalho desconhecido, segurando o corrimão, surpresos com o peso de seus corpos, o arrastar de suas roupas. Finalmente, eles alcançaram o topo da escada e entraram em uma longa câmara de audiência, repleta de pessoas.

Havia homens e mulheres de todos os países aqui, envoltos em rendas e sedas ricas, joias nos punhos, pequenos saltos dourados nos sapatos. Ulla ficou maravilhada com o quão diferentes eles eram dos Hedjüt com seus ombros largos e costas

curvadas, suas mãos grossas e rostos devastados pelo tempo. Esses eram os corpos macios e perfumados de pessoas que não trabalhavam.

O silêncio caiu quando os sildroher passaram, e Ulla achou difícil não rir ao pensar no aviso de Kalle. Não havia como seu grupo evitar chamar atenção. Apesar de seus passos hesitantes, o povo do mar se movia como nenhum humano poderia, seus corpos ágeis flutuando em um balanço líquido, seus membros graciosos como ervas marinhas.

Conforme foram instruídos, eles fizeram suas reverências e mesuras ao rei humano, que saudou os irmãos reais calorosamente. E bem, ele deveria. Embora suas roupas pudessem ser peculiares e seus sotaques estranhos, a cada ano os sildroher traziam tesouros que o rei humano nunca tinha visto. Kalle gesticulou para seus servos, que carregavam três baús de pérolas. O primeiro era branco e luminoso como a neve, o seguinte o cinza prateado das nuvens de tempestade e o terceiro baú de pérolas cintilava mais negro do que uma noite sem lua. Também havia baús de moedas, espadas com joias, valas pesadas feitas de ouro.

Ulla observou o rei mortal sorrir, se enfeitar e derramar vinho em uma taça de prata, sem perceber que esse tesouro tinha vindo de navios naufragados, presentes de homens mortos, seus ossos apodrecendo no fundo do mar. O que os mortais se importam? Tesouro era tesouro.

Mas quando os olhos da corte humana se voltaram para cada nova joia e bugiganga, Ulla viu que um jovem não ficou boquiaberto ou maravilhado. Ele estava atrás do trono do rei, ao lado de um homem barbudo que usava a faixa e a safira azul esfumaçada de um vidente. As roupas do menino eram pretas, seu cabelo ainda mais preto, e ele estava olhando diretamente para Ulla, o peso de seu olhar era pesado como lastro. Ulla devolveu o olhar, esperando que ele desviasse os olhos. Ele não o fez, e embora ela soubesse que era impossível, ela teve a estranha sensação de que já o tinha conhecido antes.

O rei bateu palmas. As portas do salão de festas foram abertas e os nobres avançaram em ordem de classificação. Mas enquanto Ulla deslizava pelas portas da sala de audiência para os estranhos

cheiros de comida humana além, ela olhou para trás e viu o menino de preto ainda olhando.

Eles festejaram. Eles dançaram. Eles levaram taças de vinho aos lábios pela primeira vez. Eles riam e batiam os pés como os mortais faziam, em sincronia com violino e tambor. Os humanos se agruparam ao redor dos sildroher, sangue inundando suas bochechas quentes, peitos subindo como se não conseguissem recuperar o fôlego, olhos úmidos e brilhando de desejo, e no final da noite, Roffe tinha uma garota mortal em seus joelhos, outra bem perto contra ele.

Ulla não conseguia ver a dor no rosto de Signy, mas viu o esforço de sua amiga para escondê-la.

— Você sabia por que ele nos queria aqui — Ulla a lembrou, o mais gentilmente que pôde.

Não por amor, mas por magia, pelo que elas poderiam ajudar Roffe a realizar em terra.

Signy encolheu os ombros brilhantes. Ela puxou o cabelo para trás do rosto com dois pentes de safira e mudou para um vestido azul com espartilho que se enrolava como uma onda sobre os seios e deixava seus ombros brancos nus. Quantas vezes Ulla viu os ombros de Signy? Por

que, agora que estavam emoldurados por seda, pareciam algo inteiramente novo?

- Ele foi feito para se divertir disse Signy com uma facilidade que não soava verdadeira.
- Você deveria se divertir um pouco também disse Ulla, e pegou a mão de Signy, puxou-a de volta para a dança, deixou o calor dos corpos humanos, a breve vibração da vida mortal cercálas.

Mais tarde, quando as velas queimaram e Ulla tirou os chinelos de seus pés, quando prendeu o cabelo úmido em uma trança, maravilhada com a umidade que gotejava em sua nuca, quando o vinho borbulhava feliz dentro de seu sangue, e os cantos sombreados estavam cheios de suspiros ardentes e risadas baixas, ela se encostou na parede, empurrou outro corpo para longe e se perguntou por que não sentia a atração que os outros sentiam.

Os sildroher foram à praia para provar a linguagem humana, para provar a decadência de seu mundo, mas também para experimentá-los. Era um meio de acalmar seus anseios, controlar suas tentações. Sempre, o povo do mar foi atraído

pelos mortais, por seus corpos sólidos e vidas breves, a maneira como se esforçam, labutam e vibram com empenho. Então, por que Ulla não sentia desejo? Por que ela não poderia ser como Signy balançando lentamente, agarrada em braços mortais, ou Roffe arrancando beijos de cada boca humana ávida? Ela estava condenada a se sentar na extremidade do mundo aqui como ela tinha feito abaixo das ondas?

Foi só então que ela viu o garoto vestido de preto cruzando a sala em sua direção. As sombras pareciam mudar conforme ele passava, puxadas por ele como uma maré. Ulla observou os ângulos familiares de seu rosto, o corte de suas sobrancelhas escuras, e sentiu o medo se enroscar em seu estômago. Ela tocou os dentes com a língua, já imaginando a música que levantaria para se defender. Essa música a condenaria – a magia sildroher não era para olhos mortais. Mas o pensamento a tranquilizou, no entanto.

— Eu me lembro de você — ele disse quando finalmente a alcançou. Seus olhos eram de ágata cinza.

Isso não é possível, ela pensou em dizer, mas em vez disso perguntou:

- Quem é você?
- O aprendiz do vidente.
- E ele pode realmente prever o futuro? ela perguntou, sua curiosidade tirando o melhor dela.
- Ele pode dizer ao rei o que ele quer ouvir, e isso é mais importante do que saber o futuro.

Ulla sabia que deveria dizer boa noite, colocar distância entre ela e esta estranha criatura, mas ela tinha bebido muito vinho para tomar cuidado.

— Por que você diz que se lembra de mim? E por que você me observa como uma gaivota de dorso negro procurando uma presa?

Ele se inclinou ligeiramente para a frente e Ulla não pôde deixar de recuar.

- Venha para a Torre do Profético amanhã disse ele, a voz fria como vidro. Venha, e eu direi tudo o que você deseja saber.
- Para a biblioteca? Ela não sabia ler. Somente a família real sildroher poderia, treinada nas formas de diplomacia e tratados.
- Eu não espero que você leia ele disse enquanto deslizava por ela sem fazer nenhum

som. — Não mais do que você espera que eu respire debaixo d'água.

• • •

Ulla dormiu mal naquela noite. Quando o sol se pôs, o frio invadiu seus ossos e ela estremeceu sob as cobertas. Ela não conseguia se aquecer ou limpar o cheiro de suor, sebo e carne assada de seu nariz. Ela não conseguia se acostumar com a sensação da cama embaixo dela, a sensação de que seu corpo pesado poderia afundar através dos lençóis. Em seguida, houve a pressão dolorosa que empurrou seu abdômen até que por fim ela se lembrou do penico e do que deveria fazer com ele. Quando finalmente cochilou, ela sonhou com seus pais, com os olhos frios de seu pai e as mãos tristes de sua mãe puxando seus cabelos como se, se ela apenas pudesse puxar com força, ela pudesse mudar sua cor.

Ulla acordou cedo, encheu a bacia quase até a borda e mergulhou o rosto na água fria, deixando o silêncio encher seus ouvidos, tentando se lembrar. Seus poucos pertences já haviam sido colocados em seu camarim, e ela rapidamente verificou o conteúdo de seu baú trancado, certificando-se de que a lâmina sykurn estava seguramente empacotada nas dobras de suas escamas.

Ela não conseguia se acomodar. Sua pele cheirava azeda, enrolada apertada e rígida em torno de seu corpo. Seu estômago roncava. Ela passou a mão sobre a colcha bordada da cama, tirou os chinelos e sentiu o piso frio de pedra nas solas dos pés. Ela mergulhou os dedos dos pés nas peles macias que foram colocadas diante de uma vasta lareira. Embora o ar de verão estivesse quente, o palácio era todo de rocha fria e tetos altos, e os restos de uma fogueira ardiam na lareira. Ela estava cansada demais para perceber que estava lá na noite anterior. Mas agora Ulla se ajoelhou diante dela, sentiu o calor que irradiava contra as palmas das mãos e teve que se impedir de alcançar as brasas brilhantes. Ela havia estudado as canções e artefatos. Ela conhecia a ideia do fogo. Ela foi ensinada sobre isso, cantou a palavra. Mas vê-lo tão perto e tão vivo... Era como ter um pequeno sol para guardar tudo para si.

A câmara tinha janelas altas e pontiagudas que davam para os jardins reais e a floresta além, e na mesa posta diante delas estava uma jarra de vidro cinza cheia do que Ulla pensou que fossem rosas, coisas pesadas, seu cheiro doce e estranho, suas pétalas pálidas e rosa-da-madrugada ligeiramente mais escuras no centro. Ela tocou com os dedos o lugar em seu pescoço onde suas guelras estavam antes da canção da transformação, então inalou profundamente, o cheiro das flores enchendo seu nariz e pulmões e deixando-a tonta. Ela arrancou uma pétala e a colocou pensativamente em sua língua. Quando ela mastigou, o gosto era desapontadoramente amargo.

Ela ficou grata quando uma criada chegou trazendo uma bandeja com chá e peixe salgado, seguida por criados carregando baldes de água fervente. Embora Ulla tivesse ouvido falar sobre o banho, ela nunca tinha ficado devidamente suja antes e ficou chocada com a poeira que saiu de seu corpo em uma nuvem arenosa, o deslizamento de óleos doces que a cobriu. Mas nada era mais surpreendente do que a visão de seus pequenos dedos engraçados enrolados na borda da

banheira, os ossos sensíveis de seus tornozelos, as incrustações suaves de suas garras – unhas. A água parecia muito escorregadia em sua pele, lisa e sem sal como os rios que ela explorara com Signy e Roffe nas tardes nubladas.

Depois que Ulla ficou limpa, seca e com pó de arroz, a criada ajudou-a a vestir um vestido e amarrou-a com força, depois desapareceu porta afora com um olhar nervoso por cima do ombro. Só então, no silêncio de seu quarto, Ulla finalmente se viu no espelho pendurado acima da penteadeira. Só então ela percebeu por que tinha atraído tantos olhares dos sildroher - e dos humanos também. Longe das profundezas azuis do mar, o tom pálido cinza-esverdeado de sua pele tinha sumido e ela brilhava como bronze polido como se tivesse enfiado a luz do sol sob a língua. Seu cabelo era preto como sempre foi, mas aqui na luz brilhante do mundo humano, ele brilhava como vidro polido. Seus olhos ainda eram escuros e estranhos, mas escuros como um caminho noturno que poderia levar a algum lugar maravilhoso, estranho como o som de uma nova língua.

Ela deixou seu quarto, o palácio silencioso ao seu redor, enquanto os servos cuidavam de seus negócios em silêncio, tomando cuidado para não acordar os foliões que haviam tropeçado para suas camas apenas algumas horas antes. Ulla percebeu que havia espelhos por toda parte – como se os humanos tivessem medo de esquecer como eram – e neles ela viu seu novo ser refletido, alto e ágil, flutuando em renda cinza como espuma do mar, as pérolas de seu corpete brilhando suavemente, estrelas através do nevoeiro.

O aprendiz estava esperando na base da escada da torre.

Sem dizer uma palavra, eles começaram a subir, Ulla agarrada ao corrimão enquanto subiam, o ar denso com poeira que brilhava com os raios do sol da manhã.

Livros tinham um cheiro, ela percebeu, enquanto passavam nível após nível de bibliotecas e laboratórios, prateleiras revestindo suas paredes redondas, embaladas com volumes brilhantemente encadernados em fileiras estreitas. Os livros não significavam nada para ela. Os sildroher não tinham caneta e papel;

nenhum pergaminho sobrevivia sob as ondas, e eles não precisaram deles. Suas histórias e conhecimentos eram mantidos em música.

Em cada nível, o aprendiz nomeou outro história. augúrio, geografia, assunto: matemática, alquimia. Ulla esperava que eles percorressem todo o caminho até o topo da torre, onde ela sabia que eles encontrariam o famoso observatório. Mas em vez disso, quando ainda havia muitos andares acima para descobrir, o aprendiz a conduziu da escada em espiral a uma sala mal iluminada com mesas longas e altos armários de vidro. Eles estavam cheios de obietos estranhos – um aro dourado girando continuamente em seu eixo, pássaros empalhados com penas vermelhas e bicos brilhantes, um arpão feito do que parecia ser vidro vulcânico. Uma prateleira inteira era ocupada por ampulhetas de tamanhos diferentes e preenchidas com cores variadas de areia, outra continha planícies de insetos pregados em tábuas e ainda outra estava repleta de espécimes de muitas pernas flutuando em frascos selados de fluido âmbar.

Ulla respirou fundo quando avistou uma faca sykurn, perguntando-se a quem pertencera e que possível motivo seu dono poderia ter para abandoná-la. Mas ela se forçou a seguir em frente, consciente do olhar observador do aprendiz.

Eles passaram por um grande espelho e Ulla viu suas formas refletidas na escuridão. A garota no copo acenou.

Ulla saltou para trás e o aprendiz riu. Seu reflexo se juntou a ele, embora o campo não fosse exatamente o mesmo.

- Eu posso ouvi-lo disse Ulla, segurando a borda da mesa. Era como se o menino no vidro fosse simplesmente outro menino em outra parte da sala, como se a moldura fosse uma porta aberta.
- É uma ilusão, nada mais disse o aprendiz, e seu reflexo acenou com desdém com a mão.
 - Uma poderosa.
- Uma inútil. É um objeto frívolo. O predecessor de meu mestre fez isso enquanto tentava encontrar uma maneira de colocar uma alma no espelho para que o velho rei pudesse viver para sempre depois que seu corpo se fosse. Tudo o que ele conseguiu foi isso.

Ulla olhou para seu reflexo e a garota no espelho sorriu. Não é de admirar que os outros se esquivassem dela. Havia algo astuto na expressão da garota do espelho, como se seus lábios pudessem se abrir e mostrar uma fileira extra de dentes.

- É impressionante, no entanto ela administrou.
- É um desperdício. O reflexo não tem alma, nenhum espírito animador. Tudo o que pode fazer é eco. O novo rei traz festas para encantar os convidados. Você verá no baile. Eles o colocam no corredor principal como uma diversão. Você pode até ter uma conversinha consigo mesma.

Ulla não resistiu a tal tentação.

- Olá disse ela timidamente.
- Olá a garota do espelho respondeu.
- Quem é você?
- Quem é você? Lá estava aquele sorriso novamente. Ulla imaginou ou a inflexão da garota mudou?

Ulla cantou uma nota suave, não um feitiço, apenas um som, e a garota abriu a boca, juntandose a Ulla em harmonia. Ulla não pôde evitar a

risada encantada que saiu dela, mas a garota do espelho enrubesceu ao ver a surpresa do aprendiz.

— Parece que me divirto tão facilmente quanto os convidados da festa do rei — disse Ulla.

Seus lábios se curvaram.

— Todos nós amamos novidades.

O olhar do aprendiz deslizou para o reflexo deles, e ele endireitou os ombros para que ele e Ulla ficassem lado a lado, quase da mesma altura, seus cabelos negros e brilhantes como pérolas de águas profundas.

— Olhe para isso — disse ele, e seu reflexo levantou uma sobrancelha. — Podemos quase ser parentes de sangue.

Ele estava certo, Ulla percebeu. Não era apenas o cabelo ou a estrutura esguia de junco que eles compartilhavam. Havia algo no formato de seus rostos, o corte afiado de seus ossos. Ela tocou o couro cabeludo com os dedos como se ainda pudesse sentir as mãos de sua mãe puxando, puxando suas tranças, ouvindo sua canção triste destruindo o jardim e enchendo Ulla de arrependimento. O aprendiz estava oferecendo a

ela uma resposta, uma ostra aberta, uma joia em um prato. Ela só precisa alcançá-lo.

Ela não disse nada.

— Por que você está aqui em Söndermane? — ele perguntou, e seu reflexo permaneceu quieto como se esperasse para ouvir a resposta também.

Ulla passou o polegar pela mesa. Seu reflexo piscou rapidamente, parecendo muito mais confuso do que ela gostaria.

- Eu vim pelo clima frio ela disse levemente.
- Você veio aqui para estudar?
- Não disse o aprendiz. Os olhos cinzentos de seu reflexo se estreitaram. Sua voz era como a atração fria de uma geleira. — Eu vim aqui para caçar.

Sob as ondas, pequenas criaturas sobreviviam se escondendo quando um predador estava próximo, e tudo em Ulla ansiava por se encolher, se enfiar em algum fragmento de sombra e escapar de seu olhar. Mas não havia nenhum lugar para se esconder aqui na terra, e os sildroher não se esquivavam dos humanos. Ela tinha música e ele era apenas um mortal.

Ulla se virou para o aprendiz, obrigou-se a olhálo nos olhos sem vacilar.

— Então, desejo-lhe boa sorte — disse ela. — E uma presa fácil.

Ele sorriu, o mesmo sorriso malicioso e perigoso que ela vira em seu próprio rosto no vidro. Ulla tinha vindo em busca de respostas, mas por que ela deveria acreditar que esse garoto sabia alguma coisa sobre ela? Por tudo que ela sabia, suas palavras misteriosas não eram nada além de uma isca vazia. Melhor fugir rapidamente. Além disso, mesmo naquela época, Ulla sabia um péssimo negócio. Talvez esse garoto guardasse segredos, mas qualquer conhecimento que ele pudesse possuir não valeria o preço. Ela lhe deu as costas e se obrigou a não correr ao iniciar a longa e sinuosa jornada escada abaixo.

•••

Apesar do aprendiz e de sua ameaça, por um tempo Ulla ficou feliz. Todos eles estavam em seus próprios caminhos. Roffe aproveitava seus prazeres; Signy sofria, mas afogava seu desejo em uma maré de amantes humanos; e Ulla também se

deixou levar, para longe da confusão dos corações ardentes, para os confins da floresta, onde os pinheiros formavam uma catedral verde e o ar estava denso com o cheiro da seiva aquecida pelo sol. Ela procurou por cervos e castores, manchando seus lábios com frutas silvestres, marcou o sol em seu caminho ao se pôr abaixo do horizonte, então subiu novamente para colorir o mundo inteiro.

À noite, ela festejava com os outros, observava as esperanças de Signy e o encanto de Roffe, e todos os seus irmãos de ouro realizavam sua corte. A beleza que se revelara em Ulla quando ela veio para terra ganhou seus dons de joias e poesia, ramalhetes deixados do lado de fora de sua porta, até um pedido de casamento. Nada poderia tentála, e isso só fortaleceu seu fascínio. A batida constante de fascinação mortal a deixou cansada.

Ela ficava sentada por horas enquanto o grande salão se esvaziava, ouvindo os músicos humanos, estudando seus dedos nos trastes de um oud, entregando-se ao baque do tambor, ao puxão do arco, até que a última nota fosse tocada. Havia lendas de instrumentos encantados por sildroher e

dotados de favoritos humanos. Pratos de dedo que deixavam o dançarino mais gracioso, harpas que tocavam sozinhas quando suas cordas ficavam molhadas de sangue. Mas para Ulla havia apenas música.

Algumas noites, quando Signy não tinha namorado, ela ia ao quarto de Ulla e elas se contorciam sob as cobertas, os pés emaranhados, esfregando as mãos uma da outra e rindo de si mesmas. Essas eram as noites em que Ulla não sonhava com a mãe ou o pai, com os dentes do aprendiz ou com o silêncio azul e frio das profundezas.

Mas com o passar dos dias, o temperamento de Roffe mudou e Ulla viu seus irmãos se tornarem vigilantes e reservados também. Eles flertavam menos com garotas mortais e passavam longas horas na Torre do Profético. Ulla sabia que todos eles estavam procurando nas páginas dos livros humanos por magia mortal, por um presente que eles poderiam trazer de volta para seu pai – a coisa que poderia mudar sua sorte para sempre.

À medida que o humor de Roffe ficava mais sombrio, Signy também ficava inquieta e nervosa, enrolando interminavelmente o cabelo brilhante em volta dos dedos nervosos, os dentes roçando o lábio inferior até sangrar em minúsculas contas de granada.

- Você precisa parar disse Ulla sob os cobertores, enxugando o sangue com a manga da camisola. — Sua miséria não resolverá isso para ele. Ele encontrará seu caminho. Ainda há tempo.
 - Quando ele fizer isso, ele vai te procurar.
 - Nós duas disse Ulla.
- Mas você é a compositora disse Signy,
 pressionando a testa febril contra a de Ulla. É de você que ele precisa.
- Ele precisa de nós duas para qualquer música de valor.

As lágrimas vieram então e a voz de Signy falhou.

— Quando ele realmente entender o seu poder, ele vai querer você como sua noiva. Você vai me deixar para trás.

Ulla a abraçou, desejando poder afastar Signy desses pensamentos. Nenhuma delas era adequada para ser uma princesa, não importava o quão poderosa fosse sua canção.

— Eu nunca te deixarei. Não tenho nenhum desejo de ser sua noiva.

A risada de Signy foi amarga no escuro.

— Ele é um príncipe, Ulla. Ele terá o que deseja.

•••

Como se os próprios ponteiros de Signy tivessem definido um relógio secreto, Roffe abordou Ulla no dia seguinte. Era fim de tarde e uma refeição longa e lânguida de aves frias e castanhas com cidra fora servida no terraço com vista para os jardins. Garrafas geladas de vinho amarelo cereja foram esvaziadas e agora, enquanto os criados limpavam a mesa, humanos e sildroher cochilavam em alcovas folhosas ou perseguiam uns aos outros pelas curvas do labirinto de sebes.

Ulla ficou na beira do terraço, olhando para os jardins, ouvindo o zumbido das abelhas. Sua mente já havia começado a construir uma canção que poderia transformar um canto do jardim submarino que ela e Signy haviam criado para a família real em um labirinto como aquele com uma piscina rodopiante no centro. Seria um truque de vista, é claro, um gesto em direção a

fontes humanas, mas ela achava que peixes poderiam nadar em um círculo se ela pudesse simplesmente construir um padrão forte o suficiente na melodia.

— Preciso de um presente como o tigre de Rundstrom — disse Roffe, aproximando-se dela e apoiando-se nos cotovelos. — Um cavalo. Um grande lagarto, se eu pudesse encontrar um.

O tigre era um presente lendário, mas não era um feitiço simples. A criatura precisava ser encantada para respirar debaixo d'água, para suportar o frio e depois obedecer ao seu dono. O tigre de Rundstrom havia sobrevivido quase um ano no fundo do mar. Tempo suficiente para fazer de um segundo filho um rei.

- Você vai ter que fazer melhor do que isso —
 ela murmurou, o sol quente em seus ombros. —
 Ou você não ficará melhor do que uma imitação barata.
- Kalle e Edvin já encontraram seus presentes.
 Ou então eles dizem. Mas ainda vacilo. Um elixir de força do alquimista? Um pássaro que canta sob as ondas?

Ulla bufou, um gesto humano que ela aprendera a gostar.

- Por que isso importa? Por que você ainda quer ser rei?
- Achei que você, entre todas as pessoas, fosse entender.

Pobre Ulla. Talvez ela entenda. Uma música fez duas meninas amigas solitárias. O favor de um príncipe as tornara dignas de nota. O que uma coroa pode fazer por aquele príncipe?

- Você quer passar seus dias negociando com o outro povo do mar? ela perguntou. Suas noites em um ritual sem fim? Ela bateu com o ombro no dele. Roffe, você mal pode esperar para se levantar antes do meio-dia.
 - É para isso que servem os consultores.
- Um rei não pode simplesmente confiar em conselheiros.
- Um rei não se curva a ninguém disse Roffe,
 seus olhos azuis fixos em algo que Ulla não podia
 ver. Um rei escolhe seu próprio caminho. Sua
 própria esposa.

Ulla se mexeu inquieta, desejando não ter peso por um momento, presa nos braços de água salgada do mar. Roffe estava fazendo a mesma oferta que Signy temia?

— Roffe... — ela começou.

Mas, como se sentisse seu desconforto, Roffe continuou:

— Um rei escolhe sua própria corte. Seus próprios cantores.

Com que facilidade os príncipes jogavam. Com que facilidade falavam de sonhos que não tinham como oferecer. Mas Ulla não pôde evitar o desejo que sentiu quando Roffe inclinou a cabeça como se para sussurrar palavras carinhosas.

— Eu a criaria tão alto, Ulla. Ninguém iria fofocar sobre seu nascimento ou sobre sua mãe rebelde nunca mais.

Ulla se encolheu. Uma coisa era saber o que os outros pensavam, outra era ouvir falar.

— Eles sempre vão fofocar.

Roffe sorriu ligeiramente.

— Então eles farão isso de forma muito mais silenciosa.

O que uma coroa pode fazer por um príncipe? O que um rei poderia fazer por uma garota como ela?

A risada de Signy flutuou até eles do labirinto abaixo. Ela era fácil de detectar, seu cabelo queimando como brasas, uma bandeira vermelha de guerra fluindo atrás dela enquanto um garoto mortal a perseguia pela fileira. Ulla a observou deixar o menino pegá-la e girá-la.

- Você quer ganhar o trono e impressionar seu pai? — ela perguntou Roffe.
 - Você sabe que eu sei.

Signy jogou a cabeça para trás e abriu os braços, o rosto emoldurado por cachos como chamas vivas.

Ulla acenou com a cabeça.

— Então traga fogo para ele.

• • •

Assim que disse isso, Ulla percebeu sua tolice, mas a partir de então, o príncipe não conseguiu pensar em mais nada. Ele parou de perseguir garotas humanas inteiramente, se enclausurou na Torre do Profético, mal comia ou bebia.

- Ele vai ficar louco disse Signy enquanto estremeciam sob as cobertas uma noite.
 - Duvido que ele tenha o foco para isso.

- Não seja cruel.
- Eu não queria ser disse Ulla, e ela pensou que era verdade.
- O espelho poderia ser um presente para o rei em vez disso?
 Signy perguntou. Ulla havia contado a ela sobre o espelho estranho e a sala cheia de objetos estranhos na torre.
 - Ele pode se divertir com isso. Por um tempo.
- Roffe pensa apenas no fogo, dia e noite. Por que você colocou tal pensamento na cabeça dele?

Porque ele me fez sonhar com coisas que não posso ter, ela pensou, mas disse:

— Ele perguntou e eu respondi. Ele deve saber melhor do que pensar que é possível. — Uma coisa era trazer uma criatura da terra para o fundo do mar e fazê-la viver e respirar por um tempo. Era uma magia poderosa, sim, mas não tão radicalmente diferente dos encantamentos que permitiam aos sildroher andarem na terra. Mas brincar com os elementos, fazer uma chama arder quando não havia combustível para isso... Seria necessário uma magia maior do que a música que criara o salão do Nautilus. Isso não poderia ser

feito. — Ele deve voltar sua mente para outra coisa.

— Foi o que eu disse a ele — lamentou Signy. — Mas ele não vai ouvir. — Ela puxou suavemente o punho de Ulla. — Talvez o vidente do rei possa ajudar. Ou o aprendiz do vidente. Ele tem sido amigável com você. Eu já vi.

Ulla estremeceu. O aprendiz a havia deixado em paz desde aquele dia na torre. Ele parecia ter seu próprio trabalho para fazer, mas ela estava sempre ciente dele, sentado em silêncio à mesa ao lado de seu mestre, caminhando pelo terreno, a tinta derramada de suas roupas pretas movendose de sombra em sombra.

— Fale com ele — insistiu Signy. — Por favor, Ulla. — Ela pegou as mãos de Ulla nas dela. — Por mim. Você não vai pelo menos falar com ele? Que mal isso poderia causar?

Bastante, Ulla suspeitou.

- Talvez.
- Ulla...
- Talvez ela disse, e rolou. Ela não queria mais olhar para Signy.

Mas quando a amiga começou a cantar uma canção sonhadora, baixa e doce, Ulla não pôde deixar de se juntar a ela. Ele teceu um brilho quente ao redor delas enquanto subia e descia.

Ulla não sabia qual delas adormeceu primeiro, apenas que sonhou que estava no centro do labirinto de sebes com um manto de fogo, paralisada, incapaz de fazer nada além de queimar. Quando ela abriu a boca para gritar, nenhum som saiu, e à distância ela viu Signy, parada na beira do terraço como se fosse levantar vôo, a chama de seus cabelos escondida por um véu de noiva branco.

•••

Os dias foram passando. Roffe ficou mais frenético. O olhar de Signy ficou mais acusatório. Ulla sabia que apenas o medo a estava mantendo longe do aprendiz. Ela não havia confundido a mensagem de Roffe. Se a chama pudesse ser dominada e Roffe feito rei, ele escolheria Ulla como cantora da corte. Ela tinha que pelo menos tentar falar com o aprendiz. Ele pode ser perigoso, mas abandonar até mesmo uma pequena chance

de tornar seu sonho real parecia mais perigoso ainda.

Ulla o encontrou em uma sala de leitura na parte inferior da Torre do Profético, empacotando livros em uma bolsa simples. Um era encadernado em couro, com as páginas soltas e cobertas de rabiscos frenéticos que diferiam dos padrões ordenados que ela vira em outros livros, embora fossem igualmente sem sentido para ela. Em um canto, ela avistou o que parecia ser os chifres de um cervo. O aprendiz fechou a sacola.

- Você está indo? Ela não conseguiu esconder a surpresa ou alívio de sua voz enquanto pairava na porta. Havia tanta coragem que ela exigiria de si mesma.
- Eu nunca posso ficar em um lugar por muito tempo.

Ela se perguntou por quê. Ele havia cometido algum crime?

— Você vai perder o baile — ela observou.

Um sorriso cru tocou seus lábios.

— Eu não ligo para danças.

Mas Ulla não arriscou essa visita por causa de uma conversa ociosa. Ela flexionou os dedos dos pés em seus chinelos. Não havia nada a fazer a não ser perguntar.

— Eu procuro... eu procuro uma chama que possa queimar no fundo do mar.

Os olhos cinzentos do aprendiz a cravaram como um alfinete no corpo de uma mariposa.

- E que uso poderia ter uma coisa dessas?
- Uma frivolidade disse Ulla. Como o espelho. Uma bagatela para um rei.
 - Ah meditou o aprendiz —, mas qual rei? Ulla não disse nada.

O aprendiz apertou os fechos de sua bolsa.

- Venha disse ele. Vou te dar duas respostas.
- Duas? ela disse enquanto o seguia escada acima.
- Uma para a pergunta que você fez e outra para a pergunta que você deveria ter feito.
- Que pergunta é essa? Ela percebeu que ele a estava levando de volta para a sala de objetos estranhos.
 - Por que você não é como os outros.

Ulla sentiu o frio se instalar em seus ossos, a noite avançando, mais vasta que o mar. Ainda assim, ela o seguiu.

Quando o aprendiz abriu a porta do armário de vidro ao lado do espelho de truque, ela pensou que ele iria pegar a faca sykurn. Em vez disso, ele ergueu um sino que ela nem havia notado, do tamanho de uma maçã e manchado de negligência.

Quando ele o ergueu, o badalo bateu – um som alto e prateado – e Ulla soltou um grito, apertando o peito. Seus músculos se contraíram. Era como se um punho tivesse se apertado com força em torno de seu coração.

- Eu me lembro de você disse ele, olhando para ela, as mesmas palavras que havia falado quando se aproximou dela no banquete da primeira noite.
- Não pode ser ela engasgou, sem fôlego com a dor, a dor diminuindo apenas quando o som do sino diminuiu.
- Você sabe por que sua voz é tão forte?
 perguntou o aprendiz.
 Porque você nasceu na terra. Porque você respirou pela primeira vez

acima da superfície e gritou seu primeiro choro infantil aqui. Então minha mãe, nossa mãe, pegou o sino que seu pai havia lhe dado, o sino que ele colocou em sua mão quando percebeu que ela carregava um filho. Ela desceu para a costa e se ajoelhou nas águas e segurou o sino sob as ondas. Ela tocou uma, duas vezes e, alguns momentos depois, seu pai apareceu na parte rasa, sua cauda prateada como uma foice da lua atrás dele, e levou você embora.

Ela balançou a cabeça. Não pode ser.

— Olhe no espelho — ordenou ele —, e tente negar.

Ulla pensou nos longos dedos de sua mãe penteando seu cabelo hesitantemente, depois com relutância, como se ela não pudesse suportar tocála. Ela pensou em seu pai, que se enfureceu e alertou sobre as tentações da costa. Não deve ser assim.

— Eu me lembro de você — ele repetiu. — Você nasceu com uma cauda. Todo verão eu venho aqui para estudar e observar o povo do mar, me perguntando se você pode voltar.

— Não — disse Ulla. — Não. Os sildroher não podem cruzar com humanos. Eu não posso ter uma mãe mortal.

Ele deu de ombros levemente.

— Não inteiramente mortal. O povo deste país a chamaria de drüsje, bruxa. Eles me chamariam de um também. Eles brincam de mágica, lêem as estrelas, jogam ossos. Mas é melhor não mostrar a eles o poder real. Seu povo sabe disso muito bem.

Impossível, insistiu uma voz estridente e assustada dentro dela. Impossível. Mas outra voz, uma voz maliciosa com conhecimento, sussurrou: Você nunca foi como os outros e nunca será. Seu cabelo preto. Seus olhos escuros. A força de sua música.

Isto não pode ser verdade. Mas se fosse... Se fosse verdade, então ela e este menino compartilhavam uma mãe. O pai de Ulla sabia que a garota com quem se deitou era uma bruxa? Que poderia haver um preço por seu flerte, um que ele seria forçado a pagar todos os dias? E o que dizer da mãe sildroher de Ulla? Ela não foi capaz de ter filhos? Foi por isso que ela fez um berço para alguma coisa não natural, alimentou-a, tentou amá-la? Ela me ama.

Aquela voz de novo, bajuladora agora, fraca. Ela ama.

Ulla sentiu a dor dentro de seu peito até um ponto difícil.

— E sua mãe bruxa se importava com a criança que ela abandonou no mar?

Mas o aprendiz não parecia incomodado com suas palavras duras.

- Ela não gosta de sentimentos.
- Onde ela está? Perguntou Ulla. Uma mãe deveria estar aqui para cumprimentar sua filha, para se explicar, para fazer as pazes.
- Longe ao sul, viajando com os Suli. Vou me encontrar com ela antes que o tempo mude. Venha comigo. Faça suas perguntas a ela, se você acha que as respostas vão lhe trazer conforto.

Ulla balançou a cabeça novamente, como se tal gesto pudesse apagar esse conhecimento. Seus membros estavam fracos. Ela agarrou a borda da mesa, tentou ficar de pé, mas era como se com o toque daquele sino suas pernas tivessem esquecido o que deveriam fazer. Ulla deslizou para o chão e observou a garota no vidro fazer o mesmo.

- Você alegou que estava caçando ela disse,
 um tipo frágil de protesto.
- Dizem que o açoite do mar percorre essas águas. Eu quero ver o dragão de gelo com meus próprios olhos. Conhecimento. Magia. Uma chance de reconstruir o mundo. Vim buscar todas essas coisas. Eu vim atrás de você. O aprendiz se ajoelhou ao lado dela. Venha comigo disse ele. Você não precisa voltar com eles. Você não precisa pertencer a eles.

Ulla sentiu o gosto salgado de suas lágrimas nos lábios. Isso a lembrava do mar. Ela estava chorando então? Que coisa humana de se fazer. Ela podia se sentir se dividindo, se dissolvendo, como se as palavras do aprendiz tivessem sido um feitiço. Era como o corte da faca sykurn, sendo dilacerada novamente, sabendo que ela nunca seria uma coisa ou outra, que o mar sempre seria estranho para ela, que ela sempre carregaria a contaminação da terra. Nada poderia transformála. Nada poderia torná-la certa. Se os sildroher soubessem o que ela era, que os rumores não eram apenas rumores, mas verdadeiros, ela seria banida, talvez morta.

A menos que ela fosse muito poderosa para abandonar. Se Roffe se tornasse rei, se Ulla encontrasse uma maneira de dar a ele o que ele queria, ele poderia protegê-la. Ela poderia se tornar inatacável, indispensável. Ainda havia tempo.

— A chama — ela disse. — Diga-me como isso é feita.

Ele suspirou e balançou a cabeça, então se levantou.

— Você sabe muito bem o que é necessário. Você está criando uma contradição. Uma chama deve ser feita e refeita de momento a momento se for para queimar sob a água.

Transformação. Criação. Isso não seria mera ilusão.

— Magia de sangue — ela sussurrou.

Ele assentiu.

— Mas o sangue do povo do mar não será suficiente.

Com isso, o coração de Ulla deu um salto de medo. Havia poucas regras às quais os sildroher estavam sujeitos em terra. Eles podem brincar com os humanos, quebrar seus corações, roubar seus segredos ou seus tesouros, mas eles não podem tirar uma vida mortal. Lembre-se de como essas criaturas são frágeis. Não derrame o sangue deles. O povo do mar já tinha muito poder sobre o povo da costa.

- Sangue humano? Até mesmo falar as palavras parecia uma transgressão.
- Não apenas sangue. Seu irmão se curvou e sussurrou os requisitos do feitiço na orelha de Ulla. Ulla o empurrou e ficou de pé, com o estômago embrulhado, desejando não ouvir as palavras que ele acabara de proferir.
- Então isso não pode ser feito disse ela. Ela estava perdida. Roffe estava perdido. Simples assim. Esse final. Ela enxugou as lágrimas dos olhos e alisou as saias, desejando que fossem escamas. O príncipe não ficará feliz.

Seu irmão riu. Ele tocou com o dedo o sino de prata que ainda estava sobre a mesa.

— Não fomos feitos para agradar os príncipes.

Você nasceu na terra.... Você respirou pela primeira vez acima da superfície e gritou seu primeiro choro infantil aqui.

E ela estava chorando desde então. Ela não queria o conhecimento do aprendiz, não de seu nascimento, não dos caminhos da magia de sangue. Ela não queria esta torre com seus livros podres e tesouros saqueados. Ela se virou e fugiu em direção à escada.

Então o sino dobrou, doce e prateado, o som um gancho que se alojou em seu coração. Seus músculos se contraíram e ela se sentiu girando quando o sino a puxou de volta, da mesma maneira que uma vez compeliu seu pai.

Ulla agarrou o batente da porta e forçou os músculos a se imobilizarem, recusando-se a permitir que suas pernas traidoras a carregassem de volta. Ela olhou por cima do ombro. O aprendiz exibiu um leve sorriso ao colocar a campainha de volta no armário, silenciando seu terrível toque. Ulla sentiu seus músculos relaxarem, sua dor diminuir. O aprendiz fechou a porta de vidro.

Tenho de ir — disse ele. — Eu tenho minha própria guerra pela frente, uma longa. Também não sou mortal e tenho muitas vidas para viver.
Considere minha oferta — ele disse calmamente.

— Não há mágica que possa fazer com que eles amem você.

Havia, mas ela não conseguia.

Ulla se lançou para fora da sala e desceu as escadas. Ela perdeu o equilíbrio, tropeçou para a frente, agarrou-se ao corrimão, endireitou-se e mergulhou mais uma vez. Ela precisava do mar. Ela precisava de Signy. Mas Signy não estava em seu quarto nem nos jardins.

Por fim, ela a encontrou na galeria de música, a cabeça apoiada no ombro de uma garota mortal enquanto ouviam um menino tocar uma harpa de prata. Ao ver Ulla, ela se levantou de um salto.

— O que está errado? — ela perguntou, pegando as mãos de Ulla e puxando-a para a varanda de pedra. — O que aconteceu?

Bem abaixo, as ondas quebraram. A brisa salgada levantou o cabelo de Ulla e ela respirou fundo.

— Ulla, por favor — disse Signy, perturbada. Ela puxou Ulla para baixo ao lado dela em um banco de mármore. Sua base foi esculpida para parecer com golfinhos saltando. — Por que essas lágrimas?

Mas agora que ela estava aqui, agora que o braço de Signy a envolvia, o que Ulla poderia dizer? Se Signy se encolhesse diante dela, mostrasse o menor sinal de repulsa, Ulla sabia que não conseguiria suportar. Ela estaria desfeita.

— Signy — ela tentou, olhos na planície azul distante do oceano. — Se as histórias... e se as histórias sobre mim fossem verdadeiras? E se eu não fosse mais sildroher, mas mortal também? — Drüsje. Bruxa.

Signy soltou uma risada incrédula.

- Não seja boba, Ulla. Ninguém realmente acredita nisso. Eles eram apenas crianças sendo cruéis.
 - Você não vai responder?
- Oh, Ulla Signy repreendeu, colocando a cabeça de Ulla em seu colo. — De onde vem esse absurdo? Por que essa miséria?
 - Um sonho ela murmurou. Um pesadelo.
- Isso é tudo? Signy começou a cantarolar uma música calmante, que teceu entre as notas perdidas que chegavam até eles da harpa.
- Você não vai responder? Ulla sussurrou novamente.

Signy passou a mão gentilmente pela seda do cabelo de Ulla.

— Eu não me importaria se você fosse parte humano ou parte sapo. Você ainda seria minha feroz Ulla. Você sempre será.

Ficaram sentadas assim por um longo tempo, enquanto a harpista tocava, Ulla chorava e o vento soprava frio sobre o mar imutável.

•••

Ulla não se juntou a Signy na refeição da tarde. Em vez disso, ela desceu para os penhascos, depois para a floresta, onde os pinheiros pegavam a brisa da água e pareciam sussurrar, silêncio, silêncio. Seu vestido estava amarrotado, seus chinelos manchados de grama e ela não tinha mais certeza de nada. Ela poderia viajar com o aprendiz – seu irmão. Ela poderia conhecer sua verdadeira mãe. Mas isso significaria nunca mais voltar ao mar. Foram permitidos a eles três meses em terra e nada mais. Quanto mais tempo os sildroher permanecessem em terra, maior a chance de revelar seu poder ou formar ligações que não podiam ser quebradas facilmente, de modo que os

encantamentos que prendiam suas caudas e guelras durariam apenas esse tempo. Talvez as regras não se aplicassem a Ulla, já que ela não era muito mais sildroher, mas não havia como ter certeza.

E ela estaria realmente segura em terra? Abaixo das ondas, ela pode ser estranha ou até indesejada, mas seus dons pelo menos foram compreendidos. O próprio aprendiz havia dito que os mortais não gostavam de ver o poder real, e ele tinha pouca ideia do que a música dela poderia fazer. Ela sentiu que, talvez, fosse melhor que ele não soubesse.

Ulla pensou nos requisitos do feitiço e estremeceu. Ela não podia dar a Roffe e Signy o que eles queriam. Ninguém poderia.

Mesmo assim, quando ela encontrou Roffe nos jardins e explicou o que o aprendiz lhe contara, ele não pôs as mãos no rosto e admitiu a derrota. Em vez disso, ele se levantou e andou de um lado para o outro, esmagando as folhas verdes sob as solas das botas.

— Isso poderia ser feito.

Ulla abaixou-se até a grama à sombra do amieiro.

- Não, não poderia.
- Há prisioneiros nas masmorras do palácio, assassinos que enfrentarão a forca de qualquer maneira. Não faríamos mal a ninguém.

Isso era uma mentira que ela não iria se permitir.

- Não.
- Você não precisa sujar as mãos implorou
 Roffe, ajoelhando-se como um suplicante. —
 Tudo que você precisa realizar é o feitiço.

Como se isso fosse alguma coisa pequena.

— Não pode ser, Roffe.

Ele colocou as mãos nos ombros dela.

- Eu tenho sido um amigo para você, não é,
 Ulla? Você não se importa comigo?
- O suficiente para mantê-lo longe dessa maldade.
- Pense em como nossas vidas poderiam ser. Pense no que você pode realizar. Poderíamos construir um novo palácio, uma nova sala de concertos. Eu faria de você cantora da corte. Você poderia ter seu próprio coro.

O sonho que ela guardou perto de seu coração por tanto tempo. Não havia lugar para ela em terra ou no mar, mas Roffe estava oferecendo a ela a chance de fazer um. Uma chance de reconstruir o mundo. Com um coro sob seu comando, ela teria seu próprio exército, e quem ousaria desafiá-la então?

O desejo nela era um animal, arranhando sua resolução, afligindo suas garras e dizendo: Por que não? Por que não? Segurança, respeito, companheirismo, chance de grandeza. Que façanhas ela poderia realizar, que música nova ela poderia fazer, que futuro ela poderia reivindicar – se ela apenas assumisse o risco, pagasse o preço sangrento?

Não — disse ela, encontrando a corrente da âncora dentro dela. Ela tinha que se manter firme.
Eu não vou fazer esse negócio.

A sobrancelha de Roffe baixou. Semanas ao sol haviam tornado sua pele dourada, seu cabelo branco. Ele parecia um dente-de-leão petulante, recuperando o fôlego para ter um acesso de raiva.

— Diga-me o que você quer, Ulla. Diga-me e eu darei a você.

Ela fechou os olhos. Ela nunca se sentiu tão cansada.

— Eu quero ir para casa, Roffe. Eu quero o silêncio e o peso da água. Quero que você desista e pare de preocupar Signy.

Houve um longo silêncio. Quando finalmente Ulla olhou para Roffe, ele se balançou nos calcanhares e a estava observando, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

— Eu poderia fazer de Signy minha rainha — disse ele.

Naquele momento, Ulla desejou que ela e Signy tivessem escolhido uma canção mais humilde quando se apresentaram pela primeira vez para Roffe, que nunca tivessem erguido os jardins reais, ou atraído sua atenção, ou vindo a este lugar. Astuto Roffe. Ela deveria saber que ele não seria tão fácil de recusar. Ele sempre soube a verdade sobre o coração de Signy? Ele tinha gostado da luz constante de seu desejo? Cultivado isso?

— Você a ama mesmo? — Perguntou Ulla.

Roffe encolheu os ombros e levantou-se, tirando a erva das calças. O sol atrás dele deixou seu cabelo brilhante brilhar. — Eu amo vocês duas — ele disse facilmente. — Mas eu quebraria o coração dela e o seu para tomar a coroa de meus irmãos.

Não vou fazer isso, prometeu Ulla, observando Roffe caminhar pelos jardins. Ele não pode me obrigar.

Mas ele era um príncipe e Ulla estava errada.

•••

O início do feitiço penetrou nos sonhos de Ulla naquela noite. Ela não pôde evitar. Mesmo quando ela negou Roffe, ela começou a ouvir a forma da música em sua cabeça, e embora ela tentasse suprimir a melodia, ela encontrou seu caminho até ela. Ela acordou cantarolando, um calor opaco em seu peito. A chama teria que ser construída em seu corpo e nascer em sua respiração. Mas e daí? Pode ser transferida para um objeto?

Não.

Quando ela ficou totalmente acordada, ela se sentou na cama e tentou sacudir o eco da música e a deliciosa atração daquelas perguntas de sua cabeça. Ela não pôde fazer o que Roffe pediu. O risco era muito grande e o preço muito alto.

Mas no café da manhã, Roffe encheu o copo de água de Signy em vez de deixá-lo para um criado. Na hora do almoço, ele descascou a laranja do prato e deu uma das fatias para ela. E quando desceram para jantar, ele se afastou da garota humana à sua esquerda e passou a noite fazendo Signy uivar de tanto rir.

Foi uma campanha cuidadosa que ele empreendeu. Ele encontrou maneiras de se certificar de que estava sentado ao lado de Signy durante as refeições. Ele cavalgava ao lado dela em todas as caçadas. Ele esbanjava seus sorrisos dourados sobre ela – hesitantemente no início, como se não tivesse certeza de sua recepção, embora Ulla soubesse que a timidez era um estratagema. Roffe observava Signy agora como ela o observara antes. Ele a deixou pegá-lo olhando. Cada vez, suas bochechas ficavam rosadas. A cada vez, Ulla via uma nova esperança brilhar dentro dela. Aos poucos, momento a momento, em mil pequenos gestos, ele fez Signy

acreditar que estava se apaixonando por ela, e Ulla não pôde fazer nada além de observar.

Na noite anterior ao grande baile, a última festa antes de eles retornarem ao mar, Signy se enfiou sob as cobertas da cama de Ulla, brilhando com a esperança que Roffe acendeu dentro dela.

- Quando dissemos boa noite, ele pressionou os lábios no meu pulso — disse Signy, colocando seus próprios lábios nas veias azuis onde seu pulso batia. — Ele pegou minha mão e a colocou contra seu coração.
- Tem certeza de que ele é confiável? Ulla perguntou, tão gentilmente, tão cuidadosamente, como se ela estivesse tentando segurar um vidro quebrado.

Mas Signy recuou e apertou a mão beijada contra o peito como um talismã.

- Como você pode perguntar isso?
- Você não é nobre...
- Mas essa é a mágica disso. Ele não se importa. Ele está cansado de garotas nobres. Oh, Ulla, é mais do que eu poderia ter esperado. E pensar que ele poderia me querer acima de todas as outras.
 - Claro que sim murmurou Ulla. Claro.

Signy suspirou e recostou-se nos travesseiros, as mãos finas pressionando a testa, como se estivesse com dor de cabeça.

— Não pode ser tudo real. Ele não pode ter a intenção de me tornar sua esposa. — Ela saltou seus pulos delicados contra os lençóis, chutando do jeito que os humanos faziam quando tentavam não se afogar. Ela nunca esteve mais bonita. Ulla sentiu o gosto de veneno na boca. — Você acha que eu poderia ser uma princesa aceitável? — Signy perguntou.

Roffe encantador. Mais inteligente do que Ulla jamais havia imaginado. Se Ulla fizesse o que o príncipe pedisse, ele daria a Signy tudo o que ela queria, ou pelo menos a ilusão disso. Se Ulla não o fizesse, ele quebraria o coração de Signy, e Ulla sabia que isso destruiria sua amiga. Signy ter amado Roffe de longe era uma coisa, mas quão profundamente ela se deixou cair agora que ele lhe dera permissão para amá-lo? A barragem havia rompido. Não havia como chamar a água de volta.

Então foi decidido.

Você daria uma princesa aceitável — disse
Ulla. — Mas uma rainha muito melhor.

Signy agarrou os pulsos de Ulla.

- Você falou com o aprendiz? Você encontrou um feitiço para a chama?
- Uma música disse Ulla. Mas será perigoso.

Signy deu um beijo na bochecha de sua amiga.

— Não há nada que você não possa fazer.

E nada que eu não farei para protegê-la, prometeu Ulla. A barganha está feita.

•••

Signy estava toda feliz no dia seguinte, pedindo a Ulla que cantasse um vestido para o baile, rindo que ela não se importava mais com roupas mortais.

Ulla rezou para que Roffe deixasse Signy feliz. Embora ele pudesse não ser um grande rei, ele seria pelo menos um astuto. Além disso, ela estaria lá à sua direita para garantir que ele cumprisse o trato. Agora ela sabia que não era apenas mais sildroher, mas também outra coisa. Ela tinha sangue de bruxa em suas veias. Roffe faria de Signy uma rainha e a trataria como tal, ou

Ulla derrubaria o telhado de seu palácio sobre sua cabeça real.

Signy trouxe um de seus vestidos mortais para o quarto de Ulla. Elas abriram os baús e escolheram as melhores pérolas e contas de seus guarda-roupas e os cantaram juntos em um vestido de fogo de cobre que fez Signy parecer um incêndio vivo. Um bom lembrete para Roffe. Quando terminaram, sobrou pouco para Ulla, então ela arrancou um punhado de íris do jardim e delas, junto com um fino pedaço de seda, cantou um vestido roxo com bainha dourada.

Elas subiram a grande escada e passaram pelo patamar onde o espelho inteligente havia sido colocado para entreter os convidados, que já estavam fazendo palhaçadas diante dele. Seus reflexos acenaram para elas, então se envaideceram em suas roupas finas.

Ulla e Signy subiram no grande salão de baile e lá se juntaram à celebração.

Ulla dançou com qualquer um que pedisse naquela noite. Ela não se preocupou com chinelos, e seus pés ágeis espiaram por baixo de suas saias enquanto ela girava e saltava no chão de mármore. Mas ela não sentia prazer com a transpiração em sua pele, o lamento rápido dos violinos. Apesar de todas as suas maravilhas, ela se cansou do mundo humano e da pressão constante do desejo mortal. Ela ansiava pelo mar, pela mãe que conhecia, pelo silêncio mal quebrado.

Ela teria ficado feliz em voltar agora, antes da meia-noite chegar, mas ainda havia trabalho a ser feito em terra – trabalho que garantiria todas as suas fortunas.

Ulla viu Roffe desaparecer da multidão. Ela viu seus irmãos bebendo e dançando na noite passada. E então o relógio marcava a décima primeira hora.

Ela encontrou Signy no meio da multidão e pressionou a palma da mão na parte úmida de suas costas.

— Está na hora — disse ela.

De mãos dadas, elas deixaram o baile e foram ao encontro de Roffe do lado de fora da câmara de Ulla.

Quando Ulla empurrou a porta, ela já podia sentir o que havia de errado ali. A câmara se tornou familiar para ela, querida a sua própria maneira, apesar de sua saudade. Ela estava acostumada com seus cheiros, pedra e cera e os pinheiros lá embaixo. Mas agora havia algo – alguém em sua cama.

À luz da lua, ela viu o corpo estendido sobre as cobertas.

- Eu não desejo fazer isso aqui.
- Estamos sem tempo disse Roffe.

Ulla se aproximou da cama.

- Ele é jovem disse ela, um mal-estar crescendo em seu intestino. Suas mãos e pés estavam amarrados. Seu peito subia e descia uniformemente, sua boca ligeiramente aberta.
- Ele é um assassino. Condenado a enforcamento. De certa forma, isso é uma gentileza.

Essa morte seria indolor, privada. Sem esperar em uma cela de prisão, sem subir os degraus da forca ou multidão para zombar dele. Isso poderia ser chamado de gentileza?

- Você o drogou? Signy perguntou.
- Sim, mas ele vai acordar eventualmente, e chega a hora do retorno. Pressa.

Ulla disse a ele que precisariam de um recipiente de prata pura para capturar a chama. De uma caixa perto da janela, Roffe tirou uma lanterna quadrada de prata. Em seu lado, o símbolo de sua família foi cortado – um tritão de três pontas. Havia pouca preparação a ser feita.

Ulla havia trabalhado o feitiço repetidamente em sua mente, praticando fragmentos dele separadamente antes de tentar juntar as peças do todo. E para ser honesta, ela tinha ouvido falar nisso desde que fizera a sugestão a Roffe no jardim. Ele a empurrou para este momento, mas agora que eles estavam aqui, alguma parte vergonhosa dela vibrou com o desafio.

Ela se ajoelhou de frente para a lareira e pousou a lanterna de prata. Signy se acomodou ao lado dela, e Ulla acendeu os galhos de bétula branca que havia deitado na lareira. A noite estava quente demais para um incêndio, mas a chama era necessária.

— Quando eu... — disse Roffe.

Sem se virar, Ulla o silenciou com a mão levantada.

— Observe-me — disse ela. — Aguarde meu sinal. — Ele pode ser um príncipe, mas esta noite ele seguiria suas ordens.

Ela manteve a mão no ar, os olhos nas chamas, e lentamente, ela começou a melodia.

A música foi construída em frases fáceis, como se Ulla estivesse empilhando um tipo diferente de gravetos. A melodia era algo novo, não exatamente uma canção de cura, não exatamente uma canção de criação. Ela gesticulou para Signy entrar. O som de suas vozes entrelaçadas era baixo e inquieto, o golpe da pederneira, o pulo e o crepitar das faíscas.

Então a música saltou como um incêndio. Ulla podia sentir isso agora, um brilho quente dentro dela, uma chama que ela respiraria na lanterna e, em um momento brilhante, criaria um futuro para todos eles. O preço era o menino na cama. Um estranho. Pouco mais que uma criança. Mas eles não eram todos realmente crianças? Ulla manteve a melodia, afastou os pensamentos da cabeça. O menino é um assassino, ela se lembrou.

Assassino. Ela manteve essa palavra em sua cabeça enquanto a música aumentava, enquanto o

fogo na lareira saltava selvagem e laranja, enquanto a discórdia se intensificava e o calor em seu estômago aumentava. Assassino, disse a si mesma de novo, mas não sabia se se referia ao menino ou a si mesma. O suor brotou de sua testa. A música encheu a sala, tão alta que ela temeu que pudesse chamar a atenção de alguém, mas todos estavam lá embaixo, dançando e festejando.

O momento chegou, um crescendo alto. Ulla baixou a mão como uma bandeira de rendição. Mesmo acima do som de suas vozes, ela ouviu um baque horrível e úmido, e o menino gritou, acordado de seu sono pela lâmina perfurando seu peito. Ela ouviu gemidos abafados e sabia que Roffe devia estar com a mão na boca do menino enquanto ele cortava.

O olhar assustado de Signy se voltou para a cama. Ulla disse a si mesma para não olhar, mas não conseguiu evitar. Ela se virou e viu as costas de Roffe, curvado sobre sua vítima enquanto fazia seu trabalho – seus ombros muito largos, sua capa cinza como a pele de uma besta.

Ulla voltou os olhos para o fogo e cantou, sentindo as lágrimas escorrendo pelo rosto,

sabendo que haviam cruzado uma fronteira para terras das quais talvez nunca mais retornassem. Mas não havia outro lugar para olhar quando Roffe se ajoelhou ao lado dela e enfiou dois pulmões humanos novos e rosados na pira.

Era isso que o feitiço exigia. Respiração. O fogo exigia ar assim como os humanos. Precisaria respirar por si mesmo no fundo do mar.

As chamas se fecharam sobre o tecido úmido, borbulhando e cuspindo. Ulla sentiu o calor mágico dentro de sua margem e por um momento pensou que os dois fogos simplesmente se apagariam. Então, com um estalo alto, as chamas rugiram na lareira como se elas próprias tivessem uma voz.

Ulla caiu para trás, lutando contra a vontade de gritar enquanto o fogo em suas entranhas a rasgava, subia pelos próprios pulmões e garganta. Algo estava terrivelmente errado. Ou era essa a dor que a criação exigia? Seus olhos reviraram em sua cabeça e Signy estendeu a mão para ela, então se encolheu para trás, enquanto as chamas pareciam piscar sob a pele de Ulla, viajando por seus braços, iluminando-a como uma lanterna de

papel. Ulla cheirava a queimado e sabia que seu cabelo tinha pegado fogo.

Ela soltou um gemido e isso se tornou uma parte da música enquanto as chamas saíam de sua garganta para o recipiente de prata. Signy estava chorando. Roffe tinha as mãos ensanguentadas fechadas diante de si.

Ulla não conseguia parar de gritar. Ela não conseguia parar a música. Ela agarrou o braço de Signy, implorando, e Signy estendeu a mão para fechar a lanterna de prata.

Silêncio. Ulla desabou no chão.

Ela ouviu Signy gritar seu nome e tentou responder, mas a dor era muito grande. Seus lábios estavam cheios de bolhas; sua garganta ainda parecia estar queimando. Seu corpo inteiro tremia e convulsionava.

Roffe segurou a lanterna de prata em suas mãos, a forma do tritão de sua família brilhando com luz dourada.

 Roffe — disse Signy. — Vá para o salão de baile. Pegue os outros. Precisamos cantar cura. Minha voz não será suficiente. Mas o príncipe não estava ouvindo. Ele caminhou até a penteadeira e virou a bacia, apagando o lampião. A chama nem mesmo crepitou.

Ulla gemeu.

 Roffe! — Signy explodiu, e uma parte do coração de Ulla voltou com a raiva na voz de sua amiga. — Nós precisamos de ajuda.

O relógio começou a soar meia hora. Roffe pareceu voltar a si.

- É hora de ir para casa disse ele.
- Ela está muito fraca disse Signy. Ela não será capaz de cantar a transformação.
- Isso é verdade disse Roffe lentamente, e o arrependimento em suas palavras deixou Ulla viva de medo.
- Roffe. Ulla ofegou seu nome. Sua voz era uma coisa estilhaçada, apenas um som áspero. O que eu fiz? ela pensou descontroladamente. O que eu fiz?
- Sinto muito disse ele. Existem palavras tão amaldiçoadas? A lanterna deve ser meu presente apenas.

Apesar da dor, Ulla teve vontade de rir.

- Ninguém... vai acreditar... que você trabalhou... aquela música.
 - Signy será minha testemunha.
 - Não vou cuspiu Signy.
- Vamos dizer a eles que você e eu forjamos a música juntos. Que a lanterna é um sinal do nosso amor. Que eu sou um rei digno e você uma rainha digna.
- Você tirou uma vida humana...
 Ulla engasgou.
 Você derramou sangue humano.
- Eu derramei? Roffe disse, e de sua capa ele tirou a faca de Sykurn de Ulla. Ele a limpou quase toda, mas os restos úmidos de sangue ainda brilhavam em sua lâmina. — Você tirou a vida de um menino, um pajem inocente que a pegou fazendo magia de sangue.

Inocente. Ulla balançou a cabeça e uma nova dor surgiu em sua garganta

- Não ela gemeu. Não.
- Você disse que ele era um criminoso —exclamou Signy. Um assassino!
- Você sabia disse Roffe. Vocês duas sabiam. Você estava tão ansiosa quanto eu, tão

faminta. Você simplesmente não olharia sua ambição nos olhos.

Signy balançou a cabeça. Mas Ulla se perguntou. Alguma delas se incomodou em olhar atentamente para as mãos macias do menino? Para seu rosto limpo? Ou elas simplesmente queriam isso o suficiente para estarem dispostas a deixar o trabalho horrível para Roffe?

Roffe largou a lâmina aos pés de Ulla.

— Ela não pode voltar agora. A lâmina é sagrada. Não pode tocar em nada humano ou ser corrompido. É inútil.

Signy estava soluçando.

— Você não pode fazer isso. Você não pode fazer isso, Roffe.

Ele se ajoelhou, e a chama da lanterna atingiu o ouro de seus cabelos, o oceano profundo de seus olhos.

— Signy, está feito.

Foi então que Ulla entendeu. Foi Signy quem pediu que ela destrancasse o baú para fazer um vestido para ela.

— Por que? — ela murmurou. — Por que?

Ele disse que precisava da faca para garantir sua lealdade.
Signy chorou.
No caso de você mudar de ideia sobre o feitiço.

Oh, Signy, Ulla pensou enquanto seus olhos se enchiam de novas lágrimas. Minha lealdade nunca vacilou e nunca foi a dele.

- Está feito Roffe repetiu. Fique com Ulla e viva no exílio, pague o preço com ela quando os humanos descobrirem seu crime. Ou... ele encolheu os ombros —, volte ao mar como minha noiva. É cruel. Eu sei que é. Mas os reis às vezes devem ser cruéis. E para ser minha rainha, você também deve ser cruel agora.
- Signy disse Ulla. Seu nome doía mais para falar do que qualquer outra palavra. Por favor.

As lágrimas de Signy caíram com mais força, respingando na faca. Ela tocou com os dedos a lâmina destruída.

- Ulla ela soluçou. Não posso perder tudo.
- Não tudo. Não tudo.

Signy balançou a cabeça.

— Não sou forte o suficiente para essa luta.

 Você é — Ulla murmurou passando pela carne torturada de sua garganta. — Nós somos.
 Juntas. Como sempre fomos.

Signy passou os nós dos dedos frios na bochecha de Ulla.

— Ulla. Minha feroz Ulla. Você sabe que eu nunca fui forte.

Minha feroz Ulla. Ela viu então o que fora para Signy o tempo todo – um abrigo, uma defesa. Ulla fora a única rocha a que se agarrar, então Signy se segurou, mas agora o mar havia se acalmado e ela estava fugindo para buscar outro abrigo. Ela estava se soltando.

Ulla descobriu que estava cansada. A dor devorou sua força. Descanse, disse uma voz dentro dela. A mãe dela? Ou a bruxa mãe que ela nunca conheceu? A mãe que a deixou à mercê das ondas. Se Signy também pudesse deixá-la para trás com tanta facilidade, talvez fosse melhor não tentar se segurar.

Ulla fez uma promessa de proteger Signy, e ela o fez. Isso tinha que significar alguma coisa. Ela soltou a mão de sua amiga, uma gentileza final. Afinal, ela era a mais forte.

— Deixe a faca — Ulla resmungou em sua fala quebrada, e rezou para que a morte se fechasse sobre ela como água.

Mas Signy não pegou a faca. Em vez disso, ela voltou os olhos para Roffe – e no final, foi isso que condenou toda a Söndermane. Ulla poderia perdoar a traição, outro abandono, até mesmo sua própria morte. Mas não neste momento, quando depois de todo o seu sacrifício, ela implorou por misericórdia e Signy buscou a permissão de um príncipe para concedê-la.

Roffe acenou com a cabeça.

— Que seja nosso presente para ela.

Só então Signy colocou a lâmina na mão de Ulla.

Roffe pegou a lanterna e, sem dizer mais nada, eles se foram.

Ulla estava deitada no escuro, a faca sykurn segura entre os dedos. Ela sentiu a quietude do quarto, a grade fria, a presença fria do cadáver oco na cama. Ela poderia acabar com sua vida agora. Simplesmente, de forma limpa. Ninguém jamais saberia o que aconteceu. Ela seria enterrada no chão ou queimada. O que quer que eles tenham feito com os criminosos aqui. Mas, brilhando por

trás das pálpebras, ela viu o rosto de Signy ao se virar para Roffe, buscando a aprovação de seu príncipe. Ela não conseguia parar de ver isso. Ulla sentiu o ódio florescer em seu coração.

O que deu força a ela então? Não podemos saber com certeza. Essa coisa contrária dentro dela? A dura pedra de raiva que todas as garotas solitárias possuem?

Ela se arrastou pela sala, ouviu o sino do relógio. Ela tinha apenas um quarto de hora. Sua voz se foi. Sua faca era inútil, corrompida por sangue mortal. E ainda assim o sangue da bruxa corria nas veias de Ulla, então por que a lâmina funcionou nela em primeiro lugar? Porque ela a havia moldado? Porque ela havia cantado seus encantos? Talvez, como ela, tivesse sido corrompida desde o início. Isso significava que a faca poderia funcionar novamente. Não importa. Ela não tinha voz. Ela poderia fazer os cortes, mas sem música eles apenas a sangrariam.

Ulla se ergueu pela ponta da penteadeira e viu o horror em que se tornara. Seus lábios estavam com bolhas, seu cabelo queimado em alguns lugares, mostrando o couro cabeludo rosa. Ainda assim, ela viu a sombra da garota que olhou no espelho e viu a beleza olhando para ela. Não fui feita para agradar príncipes.

Mas para quê então? Ulla achava que sabia. Ela poderia muito bem ter enfiado a faca no coração daquele menino. Roffe a tornara uma assassina. Talvez ela provasse ter talento para o ato.

Ulla sorriu e seus lábios queimados se separaram; o sangue escorreu por seu queixo. Ela bateu a mão no espelho, sentiu o vidro cortar seus dedos ao se estilhaçar. Ela pegou a peça maior e, em seguida, com passos trêmulos, agarrando-se às paredes, desceu as escadas, desceu, até o saguão de entrada.

Estava vazio agora. Os convidados estavam todos no salão. Ela podia ouvir o bater de seus pés, a onda distante da música. Bem abaixo, na parte inferior da escada, dois guardas estavam encostados no amplo batente da porta, de costas para Ulla, olhando para o caminho forrado de tochas.

Ela caiu de joelhos, meio engatinhando, e foi até o espelho inteligente. Aqui, à luz brilhante da entrada, ela podia ver o dano que havia causado a si mesma com mais clareza. Ulla ergueu a mão para tocar o vidro, e a garota no espelho fez o mesmo, as lágrimas enchendo seus olhos injetados de sangue.

- Oh disse Ulla em um soluço suave. Ah não.
- Não, não ecoou a garota do espelho tristemente, sua voz fraca e quebrada.

Ulla reuniu suas forças. Embora doesse fazer isso, forçar a vibração além da carne crua de sua garganta, ouvir o som fraco que emergiu, ela se obrigou a abrir os lábios e formar uma nota. Ele balançou, mas segurou, e a garota no espelho cantou também. Suas vozes ainda estavam fracas, mas mais fortes juntas. Ulla enfiou a mão no bolso da saia e tirou o caco de vidro da penteadeira.

Ela o ergueu contra o espelho, encontrando o ângulo certo, encontrando-se no reflexo. Ali. Os dois espelhos se refletiam, infinitas garotas arruinadas em infinitos corredores vazios – e infinitas vozes que cresciam, uma em cima da outra, a nota crescendo e crescendo. Primeiro um refrão, depois uma inundação.

À medida que a música aumentava, Ulla viu os guardas se virarem, viu o horror em seus olhos. Ela não se importou. Ela manteve o espelho no alto e puxou a faca sykurn com a outra mão, ergueu as saias finas de íris e cortou as coxas. A ferida era diferente desta vez. Ela sabia. A faca era diferente e ela também.

Os guardas correram em direção a Ulla, mas agora tudo que ela conhecia era a dor, e sem hesitar, ela mudou a música, trazendo seu coro de garotas arruinadas com ela, mudando da transformação para a música da tempestade, seu talento ágil como sempre, mesmo que sua garganta sangrava em torno das notas que ela exigia. O trovão estalou, sacudindo as paredes do palácio com força suficiente para fazer os guardas descerem as escadas.

Magia de tempestade. A primeira que ela aprendeu. A primeira que todos aprenderam, a mais fácil, embora impossível de realizar sozinha. Mas Ulla não estava sozinha; todas essas garotas quebradas e traídas estavam com ela, e que som terrível elas faziam.

Em frente, Ulla conduziu a música, tecendo as duas melodias juntas, mar e céu, água e sangue. Com o estalo de um raio, a transformação tomou conta. Seu cabelo ondulou em seu couro cabeludo, e no espelho ela o viu ondulado e enrolado como fumaça escura. Sua pele era de pedra dura e floresceu com líquen, e quando ela olhou para baixo, viu que suas coxas se fechavam. Mas as escamas que surgiram não eram de prata, não, não eram escamas de forma alguma. Sua nova cauda era preta, lisa e musculosa como uma enguia.

As vozes aumentavam continuamente, e agora Ulla achava que podia ouvir o gemido do mar, chamando por ela. Casa.

Uma grande onda bateu contra a lateral do penhasco com um estrondo tremendo. Outra e outra. O mar subiu com a música de Ulla. Água rugiu sobre o penhasco e correu para o palácio, quebrando as janelas, derramando sobre as escadas. Ulla ouviu pessoas gritando, milhares de gritos mortais. A água a alcançou, a envolveu, arrancou o vidro de sua mão. Mas isso não importava. Isso era magia de sangue, e a música tinha vida própria.

A tempestade que assolou aquela noite quebrou a terra do extremo norte de Fjerda e formou as ilhas que os homens da terra agora chamam de Kenst Hjerte, o coração partido. As areias ficaram pretas e as águas congelaram e nunca mais esquentaram, então agora tudo o que existe são aldeias baleeiras e as poucas almas corajosas que podem suportar tais lugares vazios. Söndermane, seus tesouros e seu povo, a Torre do Profético e todo o conhecimento que ele continha, desapareceram no mar.

A tempestade arrancou o palácio dos reis sildroher do fundo do mar e destruiu os jardins que Ulla e Signy haviam construído, sem deixar nada para trás. Quando finalmente as águas se acalmaram e o povo do mar se encontrou novamente, Signy e Roffe e sua lanterna de prata sobreviveram a tudo. Depois que um tempo apropriado passou, ele se tornou rei.

Acontece que Roffe permaneceu leal a Signy. Talvez ele a tenha amado o tempo todo. Talvez ela conhecesse muitos de seus segredos. Eles se casaram e foram coroados sob os arcos de marfim de um novo palácio, muito menor e mais humilde do que antes. Signy cantou seus votos, unindo-se à Roffe para sempre. Mas depois disso, a nova rainha nunca mais cantou, nem mesmo uma canção de ninar. O povo do mar ficou mais cauteloso, mais cuidado com os desastres, mais assustado com a costa e, com o tempo, grande parte de sua música também sumiu. Eles viveram vidas longas e guardaram poucas memórias. Eles esqueceram antigas queixas.

Não foi assim com Ulla. Ela segurou cada tristeza como um grão de areia esfolando e cresceu seus rancores como pérolas. Quando Signy deu à luz as filhas – seis delas, a mais jovem nascida com os cabelos brilhantes de sua mãe – Ulla se alegrou. Ela sabia que elas seriam amaldiçoadas como seu pai por desejarem o que não deveriam, e amaldiçoadas como sua mãe por desistir do que elas mais amavam na esperança de algo mais Ela sabia que elas encontrariam o caminho até ela a tempo.

A tempestade trouxe Ulla para o abrigo frio das ilhas do norte, para as cavernas escuras e poças

pretas planas onde ela permanece até hoje, esperando o solitário, o ambicioso, o inteligente, o frágil, para todos aqueles dispostos a atacar um pechincha.

Ela nunca espera muito.





Agradecimentos

As ilustrações de Sara Kipin enfeitam quase todas as páginas desta antologia, e sou grata por cada pincelada ousada e detalhe surpreendente.

Muitas pessoas maravilhosas no MCPG e no Imprint trabalharam incansavelmente para dar vida a esse projeto - particularmente minha editora mágica Erin Stein; Natalie Sousa e Ellen Duda, que deram a este livro a sua bela capa e orientaram o desenho da sua arte de interiores; minhas gênias publicitárias Molly Ellis e Morgan Dubin; a implacavelmente criativa Kathryn Little; Raymond Ernest Colón, que ajudou a gerenciar o complicado processo de produção de uma impressão em duas cores; Caitlin Sweeny; Mariel Dawson; Lucy Del Priore; Tiara Kittrell; toda a equipe Fierce Reads; Kristin Dulaney; Allison Verost; e, é claro, Jon Yaged, que continua me dando indulgência por algum Obrigada também a Tor.com por publicar os três contos Ravkanos que aparecem neste livro e a Noa Wheeler, que os editou tão cuidadosamente.

De alguma forma, pousei no campo de trevo que é a família Literária New Leaf. Muito obrigado a Hilary Pecheone, que sempre encontra uma maneira de entregar o impossível; Devin Ross; Pouya Shahbazian; Chris McEwen; Kathleen Ortiz; Mia Roman; Danielle Barthel; e, claro, Joanna Volpe, que alimentou o sonho desta coleção desde o início.

Gratidão infinita ao meu exército de bruxas e rainhas que deram feedback generoso e apoio feroz: Morgan Fahey, Robyn Kali Bacon, Rachael Martin, Sarah Mesle e Michelle Chihara. Junto com Dan Braun, Katie Philips, Liz Hamilton, Josh Kamensky e Heather Joy Rosenberg, eles também ajudaram a nomear esta coleção. Aquela simpática senhora da festa também ajudou. Acho que ela era arquiteta paisagista. Foi um esforço de equipe ao redor.

Sarah Jae-Jones aconselhou sobre terminologia musical. Susan Dennard me ensinou biologia marinha e a existência de águas-vivas lunares. David Peterson me ajudou a nomear minhas sereias e minhas facas. Marie Lu, Sabaa Tahir, Alex Bracken, Gretchen McNeil, Jimmy Freeman e Victoria Aveyard me faziam rir. Rainbow Rowell me sustentou com chás alegres e Rissóis de conselhos. Os Ouro me mantiveram em uma sombra gloriosa. Hafsah Faizal entregou gráficos elegantes em um piscar de olhos, assim como Kayte Ghaffar, que é conhecido por se envolver com feitiçaria. Hedwig Aerts me ajudou a organizar a folia de Nachtspel, e Josh Minuto aguenta textos que começam com coisas como: "Oi, como vai você? Estou com uma dor esquisita no peito. Devo ir para o hospital "

Como sempre, quero agradecer à minha família: Emily, Ryan, Christine e Sam; Lulu, que me deixou ler o que eu quisesse enquanto eu lesse; e meu avô, que não se cansava de me contar a história do monstro à porta.

E um agradecimento especial aos meus leitores, que se dispuseram a me seguir em uma floresta de espinhos.

Sobre a autora

Leigh Bardugo é a autora mais vendido de romances de fantasia do New York Times e a criadora do Grishaverso. Com mais de um milhão de cópias vendidas, seu Grishaverso abrange a Trilogia Sombra e Ossos, a Duologia Six of Crows e The Language of Thorns – com mais por vir. Seus contos podem ser encontrados em várias antologias, incluindo Some of the Best do Tor.com. Seus outros trabalhos incluem Wonder Woman: Warbringer e o próximo Ninth House. Leigh nasceu em Jerusalém, cresceu em Los Angeles, formou-se na Yale University e trabalhou com publicidade, jornalismo e até maquiagem e efeitos especiais. Atualmente, ela mora e escreve em Hollywood, onde ocasionalmente pode ser ouvida cantando com sua banda. Você pode se inscrever para atualizações da autora aqui.

Nota da autora

Em 2012, durante o período que antecedeu o lançamento de meu primeiro romance, meu editor perguntou se eu escreveria uma história prequel para Sombra e Ossos. Eu estava no jogo, mas a ideia que me ocorreu teve pouco a ver com os personagens daquele livro. Em vez disso, foi um conto que os personagens podem ter ouvido quando eram jovens, minha própria opinião sobre uma história que me perturbou quando criança – "João e Maria".

Minha versão favorita dessa história em particular era o assustadoramente intitulado Nibble Nibble Mousekin de Joan Walsh Anglund, e não era a bruxa canibal que me incomodava. Nem era a madrasta egoísta. Para mim, o verdadeiro vilão era o pai de Hansel e Gretel, um homem tão obstinado, tão covarde, que deixou sua esposa perversa mandar seus filhos para a floresta para morrerem duas vezes. Não volte atrás, eu sussurrava enquanto nos aproximávamos da ilustração final inevitável –

pai feliz reunido aos filhos, madrasta malvada banida – e eu sempre ficava com um sentimento de inquietação ao virar a última página.

De muitas maneiras, essa inquietação me guiou por essas histórias, aquela nota de dificuldade que eu acho que muitos de nós ouvimos em contos familiares, porque sabemos – mesmo quando crianças – que tarefas impossíveis são uma maneira estranha de escolher um cônjuge, que predadores vêm em muitos disfarces, que os caprichos de um príncipe são frequentemente cruéis. Quanto mais eu ouvia essa nota de advertência, mais inspiração eu encontrava.

Houve outras influências também. As lendas horríveis da polifagia de Tarrare encontraram seu caminho para a primeira história de Ayama de uma forma muito mais suave. O trauma de infância que o Coelho de Velveteen me visitou e a ideia angustiante de que só o amor pode torná-lo real assumiu uma forma diferente em "O Príncipe Soldado". Quanto às minhas sereias, enquanto o conto original de Hans Christian Andersen serviu

de ponto de partida, vale a pena mencionar que Ulla é o diminutivo sueco de Ursula.

Espero que você goste dessas histórias e do mundo que elas povoam. Espero que você as leia em voz alta quando o tempo esfriar. E quando sua chance chegar, espero que você mexa na panela.